

UNIVERSIDADE COMUNITÁRIA DA REGIÃO DE CHAPECÓ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
EM EDUCAÇÃO

NADIA CRISTINA PICININI PELINSON

EDUCAÇÃO FINANCEIRA CRÍTICA:
UMA PERSPECTIVA DE EMPODERAMENTO
PARA JOVENS CAMPELINOS

Chapecó-SC,2015

NADIA CRISTINA PICININI PELINSON

**EDUCAÇÃO FINANCEIRA CRÍTICA:
MA PERSPECTIVA DE EMPODERAMENTO
PARA JOVENS CAMPELINOS**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação da UNOCHAPECÓ para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Dra. Luci Teresinha Marchiori dos Santos Bernardi

Chapecó-SC, 2015

Ficha catalográfica elaborada por
Joseana Foresti
CRB 14/536

P384e Pelinson, Nadia Cristina Picinini
Educação financeira crítica : uma perspectiva de empoderamento para jovens camponeses / Nadia Cristina Picinini

Pelinson. 2015.
200 p.: il.

Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Comunitária da Região de Chapecó, 2015

Inclui bibliografias

1. Educação financeira. 2. Pedagogia da alternância.
3. Finanças pessoais - Juventude rural. I. Bernardi,
Luci Teresinha Marchiori dos Santos. II. Título.

OOD 23 -- 332.024


UNOCHAPECÓ

UNIVERSIDADE COMUNITÁRIA DA REGIÃO DE CHAPECÓ

Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Educação

**EDUCAÇÃO FINANCEIRA CRÍTICA:
UMA PERSPECTIVA DE EMPODERAMENTO PARA
JOVENS CAMPESINOS**

Nadia Cristina Picinini Pelinson

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do grau de

Mestre em Educação

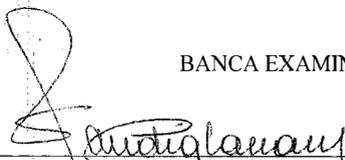
sendo aprovada em sua forma final.



Prof. Luci Marchiori dos Santos Bernardi, Dra. em Educação Científica e Tecnológica

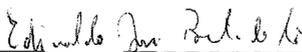
Orientadora

BANCA EXAMINADORA



Prof. Claudia Glavan Duarte, Dra. em Educação

Prof. Leonel Piovezana, Dr. em Desenvolvimento Regional



Prof. Edivaldo José Bortoleto, Dr. em Educação

Chapecó, 20 de agosto de 2015.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos Jovens Estudantes Campesinos da Casa Familiar Rural Santo Agostinho de Quilombo -SC, em especial aos formandos da turma de 2014 que aceitaram o “convite” para participar dos estudos com o tema Educação financeira Crítica. Jovens esses que se empenharam e contribuíram de maneira responsável e significativa em todas as etapas de nossa pesquisa.

AGRADECIMENTOS

De todas as partes de um trabalho, “os agradecimentos” sempre ficam por último. E confesso a quem estiver fazendo esta leitura: parece ser a parte mais simples, porém, é a mais difícil para ser escrita. Sabe por quê? Porque pensar a quem agradecer é lembrar de como chegamos até aqui. Um momento ímpar para quem traz consigo um sonho.

Primeiramente, agradeço a Deus pela vida e por todos os dias vividos até aqui.

Nas linhas que seguem, apresento minha gratidão a todos/as aqueles/as que, de uma forma ou de outra, contribuíram para esta conquista:

À minha amiga, minha irmã de coração, Rosemeri Santin, por ter feito minha inscrição no PPGE e por me fazer acreditar que seria possível. Esse momento também é seu!

Às minhas filhas, Eduarda e Júlia, pela compreensão diante de minha ausência durante este período.

Ao Derlei, pelo incentivo nos meus estudos, pela paciência em minha ausência, por estar tão presente na criação de nossas filhas.

A toda minha família, em especial minha mãe, Ivanete, por ser minha amiga, minha confidente, mãe/avó e por sempre acreditar e me fazer acreditar que posso ir além.

Aos colegas: Ana, Cláudia, Eliane P., Eliane L., Natanael, Cristian, Jacira, Smaniotto, Elci, Daniele, Patricia, Zenaide, Rosemeri, pela amizade e companheirismo. Aprendi muito com vocês.

As minhas amigas/colegas de carona, apartamento e sala de aula, “Pati” e “Meri”, obrigada por tudo, vocês são pessoas especiais em minha vida.

Aos professores do Programa de Mestrado em Educação da Unochapecó pela humildade e comprometimento na mediação de nossas aulas.

Aos professores que compuseram a banca de qualificação e defesa: Claudia Glavam Duarte, Edivaldo José Bortoleto e Leonel Piovezana suas contribuições enriqueceram meu trabalho, muito obrigada.

À Casa Familiar Rural Santo Agostinho, por nos permitir desenvolver esta pesquisa, aos jovens do Terceiro Ano 2014 pelo aceite. Obrigada pela participação e pelo comprometimento de todos.

Aos amigos/as que de uma forma ou de outra, torceram por mim, durante esta caminhada.

E, por fim, em especial, minha gratidão, admiração e respeito para com minha orientadora, companheira de escrita professora Luci T. M. Bernardi, por toda paciência, escuta e sabedoria em suas orientações desde o início desta pesquisa. Obrigada de coração, não somente pelas orientações, mas por me ouvir em outros momentos, pelos conselhos e pela amizade.

RESUMO

A proposta desta dissertação foi identificar as contribuições da Educação Financeira Crítica no empoderamento dos jovens camponeses ao pensar seu *Projeto Profissional de Vida*, ação desenvolvida no final do Ensino Médio na Casa Familiar Rural. A tessitura deste trabalho colocou em tela três importantes temas: a Educação do Campo, a Educação Matemática Crítica e a Educação Financeira. A proposta nos desafiou a pensar no sentido de uma Educação Financeira Crítica no contexto escolar, seus reflexos na sociedade, abordando formas de potencializar e refletir sobre as aplicações e sua importância para a tomada de decisões. A pesquisa foi realizada com jovens camponeses, estudantes do 3º Ano do ensino médio na Casa Familiar Rural Santo Agostinho, localizada na Linha Sachet, Quilombo – SC, em duas etapas: exploratória e pesquisa de campo, por meio de pesquisa-ação, intervenção realizada a partir das ferramentas da Pedagogia da Alternância. O estudo empreendido mostrou : i) as expectativas dos estudantes em desenvolver um Projeto Profissional como contingência para o futuro; ii) a identificação de questões financeiras emergentes nas atividades desenvolvidas em seu Projeto Profissional; iii) o movimento dos jovens em um espaço escolar na perspectiva crítica e investigativa. Evidenciamos que a proposta da Pedagogia da Alternância oportuniza ao jovem qualificar suas escolhas para o futuro. A Educação Financeira na perspectiva Crítica demonstrou ser um tema agregador e mobilizador para o jovem dialogar sobre seu Projeto Profissional de Vida, elaborar novas conjunturas e dar novos significados para sua construção como um projeto de vida.

Palavras-Chave : Jovem Camponês. Pedagogia da Alternância. Educação Financeira Crítica.

ABSTRACT

The purpose of this thesis was to identify the contributions of Critical Financial Education in the empowerment of young peasants when thinking their Professional Life Project, action developed at the end of high school in the Rural Family House. The constitution of this work put in screen three important themes: the Rural Educational, the Critical Mathematics Education and Financial Education. The proposal challenged us to think towards a Critical Financial Education in the school context, its effects on society, addressing ways to enhance and reflect on the applications and their importance for decision making. The survey was conducted with young peasants, high school seniors in the Rural Family House Santo Agostinho, located at Linha Sachet, Quilombo – SC, in two steps: exploratory and field research, through action research, intervention performed based on the Pedagogy of Alternation tools. The study undertaken showed: i) the expectations of students in developing a Professional Project as contingency for the future; ii) the identification of emerging issues in financial activities in their Professional Project; iii) the affluence of young people in a school environment in the critical and investigative perspective. We evidenced that the proposal of the Pedagogy of Alternation provides opportunities to young people to qualify their choices for the future. The Financial Education in the Critical perspective proved to be an aggregating and mobilizing theme for the young to talk about their Professional Life Project, elaborate new situations and give new meanings to its construction as a life project.

Keywords: Young Peasant. Pedagogy of Alternation. Critical Financial Education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Os quatros Pilares das EFAs.....	52
Figura 2: Diagrama da Dinâmica da Formação Integral.....	55
Figura 3: Esquema da Dinâmica da Pedagogia da Alternância.....	56
Figura 4: Propaganda Comercial.....	82
Figura 5: Planilha apresentada pela pesquisadora.....	95
Figura 6: Planilha organizada por um dos jovens.....	96

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Remuneração dos Jovens.....	99
Gráfico 2: Temas escolhidos pelos jovens para o PPVJ.....	106
Gráfico 3: Permanência no campo.....	114
Gráfico 4: Perspectivas para os estudos.....	115

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Ambientes de Aprendizagem:	88
--	----

LISTA DE SIGLAS

ARCAFAR-SUL - Associação das Casas Familiares Rurais do Sul do Brasil
BCB - Banco Central do Brasil
CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEO/CONEP - Comitê de Ética e Pesquisa
CFRs - Casas Familiares Rurais
CONEF - Comitê Nacional de Educação Financeira
CVM - Comissão de Valores Mobiliários
EC - Educação Crítica
EF - Educação Financeira
EFAs - Escolas Famílias Agrícolas
EMC - Educação Matemática Crítica
JIC'S - Jovens Indivíduos Consumidores
MST - Movimento dos Trabalhadores Sem Terra
MF - Ministério da Fazenda
MEC - Ministério da Educação
MJ - Ministério da Justiça
MPS - Ministério da Previdência Social
OCDE - Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico
PA -.Pedagogia da Alternância
PCNs - Parâmetros Curriculares Nacionais
PPP - Projeto Político Pedagógico
PPJV - Projeto Profissional de Vida do Jovem
PREVIC - Superintendência Nacional da Previdência Complementar
SUSEP - Superintendência de Seguros Privados

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	25
CAPÍTULO I - A CONSTRUÇÃO DA PERGUNTA DIRETRIZ	31
1.1 – A prática docente: marco de minhas inquietações	31
1.2 – A aproximação com os sujeitos e construção da pergunta diretriz	33
1.3 - Literatura percorrida: o que se discute sobre o tem Educação Financeira?	34
1.4 - Caminhos metodológicos propostos	37
1.5 - Etapa exploratória: conhecendo o contexto e os sujeitos	40
1.6 - Coleta e análise de dados	41
CAPÍTULO II - A EDUCAÇÃO DO CAMPO: HORIZONTE PARA OS JOVENS CAMPESINOS	45
2.1 - Educação do Campo: o movimento nas últimas décadas	45
2.2 – A Apropriação Da Pedagogia Da Alternância e suas contribuições na vida dos Jovens Campesinos	50
2.3 – Trabalhos com projetos: contribuições para o Campo Educativo e para o Projeto Profissional de Vida do Jovem Campesino	58
CAPÍTULO III - A EDUCAÇÃO FINANCEIRA CRÍTICA, UMA FERRAMENTA DE EMPODERAMENTO PARA JOVENS CAMPESINOS	63
3.1 - A Escola do Campo em tempos de Modernidade Líquida: uma conversa com Bauman	66
3.2 - A matemática e sua Competência Crítica para a Educação Financeira	72
CAPÍTULO IV – TESSITURAS DE UMA CAMINHADA	79
4.1 Pensando os ambientes de aprendizagem: do convite inicial à busca de cenário para investigação	79
4.1.1 - A caminho do campo: o reencontro	80
4.1.2 Ambientes de Aprendizagem: um percurso não linear	84
4.2 - A perspectiva para o futuro x A influência da família	98
4.4- A contribuição do Projeto de Vida do Jovem Campesino	103
V CONSIDERAÇÕES FINAIS	119
APÊNDICES	133
ANEXOS	139

APRESENTAÇÃO

A proposta de trabalho aqui apresentada tem como tema a Educação Financeira Crítica para Jovens Campesinos, sendo que trazemos esse debate para a região de inquérito da Educação Matemática. Trata-se de questões que estão imersas no âmbito da lógica do capitalismo, cujos valores reverberam no processo educativo. Dessa forma, o que está em jogo é o desafio de debatê-las na contemporaneidade, o que requer uma abordagem crítica.

Cotidianamente, estamos envolvidos com finanças, seja no ambiente familiar, escolar ou profissional. As abordagens sobre consumo, economia, dívidas e juros apresentam-se em nosso dia a dia de maneira prática. Entretanto, questionamo-nos se a “saúde financeira” de cada um está, ou pode estar, sendo prejudicada em detrimento do pouco conhecimento em relação ao tema. Nesse viés, trazemos para esse contexto os jovens, sejam eles camponeses ou urbanos. De uma maneira ou de outra, todos se utilizam de produtos e serviços e são potencialmente consumidores. Porém, o jovem do campo traz consigo uma responsabilidade diferente, pois trabalha na propriedade e participa da sua gestão, seja sobre financiamentos para custeio, venda de mercadorias ou na própria mão de obra. Ao mesmo tempo, na condição de consumidores, esses jovens apresentam seus desejos e necessidades. Dessa maneira, chamamos a atenção para a importância de promover uma posição crítica frente às situações que constituem a área da Educação Financeira, provocando reflexões e oferecendo acesso a informações que possibilitem aos jovens campesinos criar hábitos de observar, questionar e questionar-se como um meio de empoderamento para enfrentar os acontecimentos no contexto em que estão inseridos, onde ocorrem de fato suas relações sócio-político-econômicas.

Ao pensarmos na Educação Financeira na escola, faz-se a aproximação dessa com a matemática, seja pelo fato de os conteúdos de matemática estarem inseridos nela, ou por serem os professores de matemática os que têm assumido essa função nas escolas. Mesmo sendo um componente curricular presente em todas as instituições escolares, em meados de 1980 iniciaram-se alguns questionamentos, conforme D’Ambrosio (1990): Por que ensinar matemática? Por que ensiná-la com tal universalidade? O próprio autor responde as questões, apresentando um conjunto de valores e a relevância do ensino dessa ciência. O autor denomina alguns desses valores que defendem a

presença da matemática nas escolas como internalistas, ou seja, justificam o ensino da matemática buscando razões na própria matemática. Outros são considerados externalistas, ou seja, buscam valorizar o impacto da matemática no contexto social, político e cultural. Este último tem gerado um movimento na perspectiva de uma Educação Matemática Crítica, discutindo o uso da matemática na sociedade.

É nesse movimento que nos inspiramos para pensar o sentido de uma Educação Financeira Crítica, permitindo questionamentos sobre o papel da educação financeira, assim como da matemática, no contexto escolar, seus reflexos na sociedade, abordando formas de potencializar e refletir sobre as aplicações e a utilização da matemática na sociedade e sua importância para a tomada de decisões.

Consideramos que a escola seja um lugar onde se dão as contradições que ocorrem na sociedade em que ela está situada e, por isso, ela participa dos processos sociais – contraditórios – de reprodução e transformação, o que faz dela uma instância de luta pela transformação da sociedade. Nesse processo, ela sofre múltiplas determinações sociais: tanto contém o que há de conservador na sociedade, quanto os germens da transformação social. A escola está imersa no jogo das contradições sociais e, por isso, podemos e devemos usá-la como espaço de ação na luta por uma nova sociedade.

Voltando a reflexão para a Educação do Campo, cenário desta pesquisa, é preciso considerar o que dizem Arroyo, Caldart e Molina (2011). Para os autores, a Educação do Campo vem se concretizando, pois tem seu foco primordialmente no sujeito, na sua interação com o meio. Segundo Fernandes (2012), ela nasce na luta do campesinato e vem, na atualidade, constituindo-se como um território imaterial, e Antunes-Rocha (2012) afirma que a Educação do Campo se concretiza entre dois espaços: tempo e escola/tempo e comunidade. Logo, faz articulação entre os saberes produzidos pelos sujeitos em suas realidades e aqueles elaborados na escola, na produção/socialização dos conhecimentos e na organização da prática pedagógica.

Para esta pesquisa, trazemos em tela a Pedagogia da Alternância, um modelo de pedagogia utilizado em algumas escolas do campo. Uma modalidade, segundo Gimonet (2007), que possibilita o jovem camponês frequentar a escola em períodos alternados, ou seja, o jovem permanece uma semana em período integral na escola e uma semana em sua propriedade. É nessa interlocução de diferentes espaços e tempos que o conhecimento científico é assimilado. A formação está

“no” e “para” além do espaço escolar e, portanto, a experiência se torna um lugar com estatuto de aprendizagem e produção de saberes, em que o sujeito conquista um lugar de ator protagonista, apropriando-se do seu processo de formação (ANTUNES-ROCHA, 2012).

A Educação do Campo visa uma integração entre a escola, família e a comunidade, sempre com o intuito de transformar o meio no qual a escola e seus sujeitos estão inseridos, com objetivo em garantir qualidade de vida ao povo do campo. Os pressupostos da Proposta Curricular de Santa Catarina (2014) reafirmam que a Educação do Campo assume uma visão de totalidade dos processos sociais, fazendo uma relação entre as políticas: agrárias, da educação e da saúde numa relação dialógica entre reflexão pedagógica crítica e processos de formação humana. Logo, a escola do campo se torna um espaço privilegiado de formação, pois parte da realidade do estudante para garantir um ensino e uma aprendizagem que possam modificar o espaço onde ele vive. É com esses pressupostos que a problemática desta pesquisa começou a ser desenhada.

Após minha inserção como docente na Educação do Campo, em 2002, por um período de quatro anos, na Casa Familiar Rural Santo Agostinho, sem nenhuma experiência com o ensino em escolas dessa natureza, deparei-me com jovens camponeses que dividiam seu tempo entre a escola e família, participando ativamente na obtenção de renda familiar. Minha experiência foi enriquecida, no campo epistemológico, com a aproximação com a Pedagogia da Alternância, uma proposta baseada na perspectiva da reflexão-ação que procura transformar a escola do discurso em uma escola da ação. Uma pedagogia que desenvolve o ensino e o aprendizado abrangendo diferentes atividades e dimensões humanas, a partir de sua vivência na família, escola e sociedade. De acordo com Gimonet (1999) a alternância significa, sobretudo, uma outra maneira de aprender associando teoria e prática através de um movimento de ação e reflexão dentro de um mesmo processo. Significa uma forma de aprender pela vida, da própria vida cotidiana, das experiências, colocando assim a experiência antes do conceito.

Aos poucos, fui mudando minha práxis em virtude dos instrumentos pedagógicos oferecidos pela Pedagogia da Alternância e seu processo de ensino aprendizagem. Entre os instrumentos ou ferramentas propostas, chamaram-me a atenção o Plano de Formação e uma de suas principais atividades: a elaboração do Projeto Profissional

de Vida, desenvolvido no último ano do Ensino Médio pelos estudantes, e que se tornou o objeto do presente estudo.

Assim, considerando a dinâmica oferecida pelas ferramentas da Pedagogia da Alternância e as aproximações com a Educação Matemática Crítica, a presente pesquisa objetiva investigar as contribuições da Educação Financeira Crítica no empoderamento dos jovens camponeses diante do seu Projeto Profissional de Vida. Na tentativa de caracterizar a tessitura em que foi desenvolvida, o texto está assim estruturado:

O capítulo I, “A construção da pergunta diretriz”, apresenta minha caminhada de docente, importante ponto no desenvolvimento deste trabalho e a metodologia de pesquisa, que apresenta a forma de nos aproximarmos do nosso objeto de estudo.

Para compreender o campo em que a pesquisa ocorre, no Capítulo II, trazemos alguns aspectos da história da Educação do Campo, bem como da importância dos movimentos sociais na constituição das escolas do campo. Seguimos com um breve histórico da Pedagogia da Alternância, sua contribuição no processo de formação do jovem camponês e a função de suas ferramentas pedagógicas.

No Capítulo III, “A Educação Financeira Crítica, uma Ferramenta de Empoderamento para Jovens Camponeses”, trazemos os jovens na condição de consumidores e a função da escola frente a uma sociedade “líquida”¹. Como pano de fundo, fazemos uso dos conceitos da Educação Matemática Crítica como forma de nos auxiliar no diálogo com a realidade em que os sujeitos da pesquisa estão inseridos.

No Capítulo IV, trazemos a descrição e análise das três categorias que emergiram durante a construção desta pesquisa: Pensando os Ambientes de Aprendizagem: do convite inicial à busca de cenário para investigação; A perspectiva para o futuro x A influência da família; A contribuição do Projeto de vida do jovem camponês.

Nas Considerações Finais, fazemos uma retomada do proposto na investigação, apontando elementos que venham a atender ao objetivo desta pesquisa, o empoderamento dos jovens camponeses numa perspectiva crítica, trazendo a importância e as contribuições da

¹ Sociedade líquida, termo utilizado por Bauman (2008). Segundo o autor, vivemos num tempo marcado pela flexibilidade, na qual, provoca uma certa fragilidade no que tange nossas relações sobre as coisas e pessoas. O aspecto das coisas duráveis e sólidas estão passíveis a mudanças.

Educação Financeira como tema agregador e mobilizador para o jovem dialogar sobre seu Projeto Profissional de Vida.

A presente pesquisa teve seu Projeto aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/CONEP) da Unochapecó, com o registro 174/14 (Anexo I). No apêndice, apresentamos os questionário aplicados durante a pesquisa e a descrição de cada jovem para os questionários descritos.

CAPÍTULO I - A CONSTRUÇÃO DA PERGUNTA DIRETRIZ

*Para o espírito cinetífico qualquer conhecimento
é uma resposta a uma pergunta.
Se não tem pergunta não pode ter
conhecimento científico.
Nada se dá, tudo se constrói.
(BACHELARD,1989,p.189).*

Uma pesquisa exige do pesquisador a elaboração da pergunta diretriz de forma clara e objetiva. A pergunta é uma espécie de bússola que nos mostra a direção durante nosso percurso de investigação.

Para construção da pergunta diretriz do presente estudo, apoiamo-nos em conceitos de Minayo (2010), para quem o objeto é geralmente colocado em forma de pergunta – é uma questão – e se vincula a descobertas anteriores e a indagações provenientes de múltiplos interesses (de ordem pessoal, lógica ou sociológica). Para a autora, a clareza e a precisão nessa escolha decorrem de um esforço para estabelecer relações entre marcos conceituais amplos, abrangentes e, ao mesmo tempo, específicos e voltados para o problema, articulando-os pela prática. Assim, definir uma pergunta síntese exige clareza do que de fato queremos investigar.

Entretanto, antes de delinear a pergunta diretriz, relato o meu percurso de docente, uma passagem importante na construção deste projeto de pesquisa.

1.1 – A prática docente: marco de minhas inquietações

Sou professora de matemática no Ensino Fundamental e no Ensino Médio. Comecei minha carreira no ano de 2000, aos 18 anos de idade. Nesse percurso de 15 anos, trabalhei nas redes estadual, municipal e privada de ensino. Muitas histórias, desafios e aprendizado. Nessas “andanças” entre uma escola e outra, sendo professora Admitida em Caráter Temporário - ACT no estado de Santa Catarina, para o processo de seleção me inscrevi para trabalhar em uma Escola do Campo, a Casa Familiar Rural Santo Agostinho, no município de Quilombo - SC. Uma angústia, porque não sabia o que era a Educação do Campo; um desafio, pois iria trabalhar com estudantes alternantes a partir de uma proposta pedagógica desconhecida; e um privilégio, por

perceber que os estudantes dessa escola se identificavam com a matemática, disciplina com a qual atuou.

Para entender a que me refiro, descrevo algumas passagens por escolas da rede regular de ensino como professora de matemática. Não é novidade entre a maioria dos estudantes que essa unidade curricular é sempre a mais temida e alvo de repulsas. Assim, por inúmeras vezes, ouvi nos corredores das escolas frases como: “a matemática é um bicho de sete cabeças;” “para que estudar isso;” “a profissão que vou seguir não precisa de matemática” e assim por diante. Porém, ao ingressar na escola do campo, deparei-me com um público de jovens campesinos que gostavam da disciplina matemática.

Nos primeiros meses de trabalho, não conseguia compreender como alguns daqueles jovens que estavam anteriormente matriculados na rede regular, ao ingressar na escola do campo, engajavam-se no estudo dos conteúdos de matemática. Aos poucos, minhas perguntas começaram a ser respondidas, com a compreensão da metodologia desenvolvida nas Escolas do Campo, propriamente nas Casas Familiares Rurais: a Pedagogia da Alternância. Comecei fazendo uma comparação entre o conteúdo programático do ensino regular e o da Casa Familiar Rural; percebi que os conteúdos de matemática abordados na escola do campo não eram todos aqueles seguidos na escola regular. Essa não linearidade ocorria pelo fato de haver, na Casa Familiar, a compreensão de que nem todos “aqueles conteúdos” traziam um significado ao estudante, então por que trabalhar?

Conforme Gimonet (2007), a Pedagogia da Alternância tem por finalidade abrir caminhos que levam o agricultor, sua família e comunidade a desenvolver e criar formas alternativas de produção de conhecimento que vão além dos muros da escola e dos livros didáticos. Buscam maneiras que garantam a permanência dos jovens no meio rural, bem como formas de garantir trabalho, produção e renda na sua propriedade. E esses objetivos orientam toda a organização curricular da escola.

Além disso, deparei-me com um grupo de jovens que estudavam e, ao mesmo tempo, tinham a preocupação em dividir seu tempo entre a escola e os afazeres da propriedade familiar. Estudar tinha para eles o intuito de buscar subsídios que os auxiliassem como estudantes e como sujeitos autônomos e críticos para a tomada de suas decisões no cotidiano. Esse contexto me desafiou constantemente no

período em que fui professora/monitora² na escola (por quatro anos, intercalados entre 2002 e 2011). Meu conhecimento sobre a Pedagogia da Alternância era ínfimo diante de todas as suas ferramentas norteadoras e da importância que as mesmas tinham e têm perante a vida do jovem campesino.

Na tessitura desta minha caminhada docente, entre uma escola e outra, entre desafios e novas aprendizagens, foi que, em 2013, ingressei no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó – Unochapecó. E agora?, questionava-me. Ao pensar em um projeto de pesquisa, almejamos que o mesmo não seja apenas mais um, mas sim que tenha relevância social e que possa contribuir de fato. Logo, reconhecendo minhas dificuldades como professora/monitora na Casa Familiar Santo Agostinho e desafiada por elas, foi nessa escola que busquei os sujeitos desta pesquisa, com foco no jovem campesino. Para aproximação com os sujeitos, no primeiro momento, optei por uma das ferramentas da Pedagogia da Alternância: visitas de estudos ou intervenções. Segundo Gimonet (1999, 2007), essa estratégia pode ocorrer dentro e/ou fora da escola. Na primeira intervenção, para fins exploratórios, levei um questionário com questões abertas para entender quais seriam as expectativas em desenvolver atividades de Educação Financeira a partir da demanda dos próprios jovens, além de entender como seria a aceitação do grupo à temática proposta.

1.2 – A aproximação com os sujeitos e construção da pergunta diretriz

Ao fazer a primeira intervenção, verificamos que no último ano de escola os jovens campesinos desenvolvem um projeto de estágio denominado Projeto Profissional de Vida, que começa a ser desenhado no início do 3º ano, por meio de uma ferramenta da Pedagogia da Alternância, o Plano de Formação. Essa ferramenta auxilia o jovem a pensar no seu futuro, a partir de um tema escolhido por ele conjuntamente com seus professores/monitores e tem como função auxiliá-lo a desenvolver uma atividade econômica. Os temas dos

2 Na Casa Familiar Rural o professor é chamado de professor/monitor, um termo criado a partir dos pressupostos da Pedagogia da Alternância.

projetos são escolhidos pelos jovens de acordo com as suas perspectivas e habilidades, não necessariamente direcionadas ao meio rural.

Dessa forma, impulsionada pelo movimento da Pedagogia da Alternância e seus instrumentos pedagógicos que visam tencionar a escola e o espaço onde o indivíduo vive como forma de garantir qualidade vida é que, como docente e pesquisadora, desafiei-me a construir uma proposta de intervenção a partir de atividades de Educação Financeira para os jovens camponeses. A inspiração foi o Projeto Profissional de Vida. Assim, nessa dinâmica, delimitou-se nossa pergunta diretriz: Quais as contribuições da Educação Financeira Crítica para o empoderamento dos jovens camponeses ao pensar seu Projeto Profissional de Vida, desenvolvido no final do Ensino Médio na Casa Familiar Rural?

Conforme Gamboa (2012, p.19), “[...] a construção da pergunta deve originar-se de um problema concreto, situado e ativo”. O problema é traduzido, desdobrando-se em forma de indagações, originadas da questão mais ampla. As “questões de pesquisa” ganham clareza e possibilidade de serem respondidas de forma mais delimitada. Dessa forma, delimitam-se em:

- i) Que expectativa os estudantes têm ao desenvolver seu Projeto Profissional como contingência para seu futuro?
- ii) Como os estudantes identificam/articulam as questões financeiras emergentes nas atividades desenvolvidas com as de seu Projeto Profissional?
- iii) Como os jovens se movimentam no espaço escolar na perspectiva crítica investigativa?
- iv) Em que medida a Educação Financeira pode contribuir com o projeto profissional de vida do estudante?

Observando a responsabilidade do jovem na obtenção de renda de sua família e a partir da pergunta diretriz e das questões de desdobramento, procuramos contribuir na compreensão de significados financeiros que possam empoderar de forma consciente, autônoma e crítica suas decisões para com o presente e o futuro.

1.3 - Literatura percorrida: o que se discute sobre o tem Educação Financeira para o Jovem Camponês?

A revisão de literatura é uma etapa fundamental da investigação para o pesquisador. De acordo com Luna (1997), ela representa uma peça importante no trabalho científico. O autor salienta que é

fundamental determinar o “estado da arte”, ou seja, descrever o estado atual de uma dada área de pesquisa, suas lacunas e entraves teóricos/e ou metodológicos. Doravante, situaremos nosso trabalho no processo de produção de conhecimento da comunidade científica sobre a temática Educação Financeira.

O tema apresenta-se atualmente como área de interesse de várias instituições. Conforme indica o Comitê Nacional de Educação Financeira - CONEF, entre elas estão o Banco Central do Brasil (BCB), Banco Santander, Citibank, luterPrev, Comissão de Valores Mobiliários (CVM), Superintendência Nacional da Previdência Complementar (Previc), Superintendência de Seguros Privados (Susep), Ministério da Fazenda (MF), Ministério da Educação (MEC), Ministério da Previdência Social (MPS) e Ministério da Justiça (MJ). De acordo com Chagas (2012), os estudos desenvolvidos por estas instituições estão alinhados em uma perspectiva em que, por meio da Educação Financeira, seja possível criar uma forma de cultura financeira que beneficie toda população, principalmente crianças e jovens, a fim de que, futuramente, possam tornar-se consumidores conscientes (ideia de sustentabilidade) e empreendedores (ideia de empreendedor de si mesmo).

Por outro lado, a partir do levantamento dos estudos desenvolvidos no Brasil, podemos inferir que a produção ainda é escassa para o tema proposto. Para o campo educacional, é uma área em consolidação, de acordo com dados do Banco de Teses e Dissertações da CAPES, citamos alguns trabalhos que se aproximam de nossa proposta de pesquisa.

Na Unochapecó, encontramos duas dissertações articuladas com nosso tema. A primeira, desenvolvida por Franciele Kuhn (2014), é intitulada: “Pedagogia da alternância como proposta de contenção do êxodo rural”. O trabalho teve como objetivo verificar a efetiva contribuição da Pedagogia da Alternância na contenção do êxodo rural, identificando suas potencialidades e fragilidades na Casa Familiar Rural Santo Agostinho de Quilombo – SC. A segunda, de Ana Paula Rohrbek Chiarello (2014), teve como tema “Educação financeira crítica: novos desafios na formação continuada de professores”. O trabalho foi desenvolvido com o objetivo de identificar, através do processo de formação continuada, como os professores que atuam na educação infantil e séries iniciais, na Escola Municipal Nucleada de Planalto Alegre – SC, compreendem a possibilidade de promover uma Educação Financeira Crítica em sua prática de ensino.

No banco de dados da CAPES, localizamos os seguintes dissertações:

A dissertação de André Bernardo Campos (2013), intitulada “Investigando como a Educação Financeira Crítica pode contribuir para a tomada de decisões de consumo de jovens-indivíduos-consumidores (JIC’S)”, teve como eixo central a investigação da produção de significados para os resíduos de enunciação de estudantes do Ensino Médio em relação às situações-problemas de cunho financeiro, com objetivo de levantar discussões e oferecer acesso a informações para tomada de decisões de consumo.

Alex Ferranti Pelicioli (2011) investigou “A Relevância da Educação Financeira na Formação de Jovens”. A pesquisa focou na importância da Educação Financeira (EF) na formação dos jovens, com objetivo central de compreender as iniciativas pedagógicas na área de matemática que podem ser colocadas em prática, com clara intenção de qualificar a aprendizagem dos estudantes em relação à EF, preparando-os para o futuro.

A pesquisa de Andyara de Santis Outeiro (2012), intitulada “O Bancário Educador: contribuições de uma proposta interdisciplinar para a Educação Financeira sustentável”, teve como objetivo principal apresentar uma proposta de educação interdisciplinar no movimento de ressignificar o papel de bancário, tornando-o educador financeiro da sociedade. Procurando comprovar a hipótese de que o curso de Economia de Valor, criado para desenvolver funcionários de um banco a exercerem o papel de educadores financeiros, pode constituir-se como uma ação educativa interdisciplinar.

Luciene de Sousa (2012) desenvolveu a pesquisa “Resolução de Problemas e Simulações: investigando potencialidades e limites numa proposta de Educação Financeira para alunos de Ensino Médio”. O objetivo foi analisar o envolvimento dos alunos nas atividades em sala, bem como naquelas de casa, destacando as contribuições das leituras de artigos e da simulação de situações financeiras, observando e tentando compreender se e como os alunos utilizavam a matemática para a análise de situações financeiras reais e as contribuições dessa prática para as aulas de matemática.

Os trabalhos aqui apresentados indicam iniciativas com intuito de provocar o aluno para uma postura crítica frente a situações que envolvam a tomada de decisões em seu cotidiano.

Nesse sentido, enfatizamos que não foi localizado, no estudo do estado da arte, nenhum trabalho desenvolvido sobre Educação

Financeira para Jovens Campesinos. Logo, nesse movimento, destacamos a relevância deste tema como forma de contribuir na formação e empoderamento dos jovens frente à tomada de decisões financeiras de forma autônoma, consciente e crítica.

Para destacar a importância do tema no contexto escolar, familiar e social nos amparamos no conceito apresentado pela Organização para Cooperação de Desenvolvimento Econômico-OCDE (2005), que assegura ser a Educação Financeira o processo em que os indivíduos melhoram a sua compreensão sobre os produtos, seus conceitos e riscos, de maneira que, com informação e recomendações claras, possam desenvolver as habilidades e a confiança necessárias para tomarem decisões fundamentadas e com segurança, melhorando seu bem-estar financeiro.

Queremos, ao longo deste trabalho, discutir uma perspectiva crítica para a Educação Financeira que possa, de fato, contribuir para o crescimento social e político do jovem campesino. Acreditamos que uma educação crítica não pode ser estruturada em torno de palestras proferidas pelo professor, ela deve basear-se em diálogos e discussões, o que talvez seja uma forma de fazer com que a aprendizagem seja conduzida pelos interesses dos estudantes, assegurando-lhes emancipação. Stephani (2005, p.21) nos diz que “a emancipação é um processo que se cria, transforma e recria a cada dia e a cada nova decisão que o ser humano toma em relação aos acontecimentos de sua vida. Nesse contexto, direcionados por nossa pergunta diretriz, apresentamos o espaço da pesquisa, bem como os procedimentos metodológicos. Ora, iniciamos um processo de investigação, inspirados na busca de novas possibilidades e novos significados.

1.4 - Caminhos metodológicos propostos

Para que os caminhos nos levem a respostas à pergunta diretriz de um trabalho de pesquisa, faz-se necessário entender a metodologia e a importância do pesquisador no espaço em que está inserido. Ser pesquisador exige uma postura de engajamento participativo, colaborativo e investigativo. Conforme Bernardi (2011, p.159):

As ações do pesquisador nas relações com o contexto e com os sujeitos envolvidos na pesquisa, em suas múltiplas determinações, trazem subjacente sua visão de mundo, suas

concepções acerca do conhecimento e das formas como se estabelecem as relações na construção do conhecimento. São os “filtros” através dos quais o pesquisador dialoga com o sujeito.

A responsabilidade do pesquisador em dialogar e buscar significados de forma colaborativa, participativa e investigativa junto ao seu objeto de estudo a partir de “filtros” faz com que todos os envolvidos saiam de sua zona de conforto. Tendo esses conceitos como premissa, amparamo-nos na abordagem qualitativa de pesquisa.

De acordo com Borba (2013), a palavra qualitativa engloba a ideia do subjetivo, passível de expor sensações e opiniões. Assim, essa concepção de pesquisa também compreende noções a respeito de percepção de diferenças e semelhanças de aspectos comparáveis de experiências.

A pesquisa qualitativa tem na sua estrutura, segundo Ludke e André (1986), cinco características básicas que se mostraram presentes na investigação aqui proposta: (i) tem o ambiente natural como sua fonte de dados e o pesquisador como seu principal instrumento; (ii) os dados são predominantemente descritivos; (iii) a preocupação é muito maior com o processo do que o produto; (iv) o significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial do pesquisador; (v) a análise dos dados tende a seguir um processo indutivo. Considerando a proposta de análise, concordamos com Minayo (2010), que afirma que na pesquisa qualitativa é importante a objetivação, porque o processo de investigação reconhece a complexidade do objeto, teoriza, revê criticamente o conhecimento acumulado sobre o tema em pauta, estabelece conceitos e categorias, usa técnicas e realiza análises específicas e contextualizadas.

Assim, frente aos conceitos e características que demarcam a abordagem qualitativa, destaca-se que essa é uma forma de organizar os caminhos e delimitações da pesquisa, como forma de conhecer os sujeitos envolvidos e agregar conhecimento. Conforme Bernardi (2011, p. 160), “[...] a pesquisa qualitativa prioriza procedimentos descritos à medida que sua visão de conhecimento como compreensão que é sempre contingente, negociada e não é verdade rígida”.

Nesse sentido, tendo como foco o objeto de estudo aqui proposto, faz-se necessário pensar no processo de coleta de dados e interpretação desses dados. Existem vários caminhos para interrogar a realidade. Considerando a pesquisa qualitativa, na perspectiva da

Educação Matemática como uma prática social, optamos por uma pesquisa de campo ou naturalista. Conforme Fiorentini (2007), essa denominação advém porque os dados de estudo são coletados diretamente no “campo”, ou seja, no local em que o fenômeno acontece. Assim, caracterizamos nossa pesquisa como pesquisa-ação-participante.

Segundo Gamboa (2012), a pesquisa participante e a pesquisa-ação pressupõem que o conhecimento seja essencialmente um produto social. Esse processo muda continuamente, da mesma maneira que a realidade concreta, como um ato humano, transforma-se. O objetivo último da pesquisa é a transformação da realidade social e o melhoramento da vida dos sujeitos imersos nessa realidade. Desse modo:

[...] a “pesquisa participante” e “pesquisa ação” desenvolvem a crítica à perspectiva positivista. Em relação a essa perspectiva, critica-se a preocupação por constatar, descrever, congelar e prever fatos, comportamentos humanos e sociais ou sistemas de representação como se fossem objetos inanimados e distanciados do pesquisador por meio dos instrumentos e das técnicas de pesquisa. (GAMBOA, 2012, p. 31).

Na pesquisa-ação a que nos propomos, a intenção é de, como pesquisador, incluir-se no ambiente, observá-lo, compreendê-lo e transformá-lo como forma de contribuir na construção de novos significados que permitam aos jovens camponeses o empoderamento na tomada de decisões para com a gestão de sua propriedade. Assim, conforme Gil (2008), a pesquisa-ação difere-se dos outros tipos de pesquisa não somente pela sua flexibilidade, mas principalmente pelo envolvimento e ação dos pesquisadores e dos grupos interessados, o que ocorre nos mais diversos momentos da pesquisa.

De acordo com Fiorentini (2007) e Borba e Araújo (2013), a pesquisa - ação é um tipo especial de pesquisa. Trata-se de um processo investigativo de intervenção em que caminham juntas prática investigativa, prática reflexiva e prática educativa. “Ou seja, a prática educativa, ao ser investigada, produz compreensões e orientações que são imediatamente utilizadas em sua própria transformação, gerando novas situações de investigação”. (FIORENTINI, 2007, p.113).

Pode-se dizer que a pesquisa-ação é uma modalidade de pesquisa que torna o participante da ação um pesquisador de sua própria prática e o pesquisador um participante que intervém nos rumos da ação. Dessa forma, concordamos com Fiorentini (2007, p.114), quando afirma que a pesquisa-ação “[...] deve ser concebida como um processo de investigação intencionado, planejado e sistemático de investigar a prática”. Nessa perspectiva, destacamos a relevância da presente pesquisa-ação, como um processo que busca através da aprendizagem e no processo de investigação resultados tanto para o pesquisador quanto para os pesquisados. Esses resultados têm por objetivo colaborar com jovens camponeses na tomada de suas decisões financeiras de maneira consciente e responsável, a partir de uma perspectiva crítica.

1.5 - Etapa exploratória: conhecendo o contexto e os sujeitos

Como espaço de investigação, trazemos a Casa Familiar Rural Santo Agostinho, localizada na Linha Sachet, município de Quilombo, Santa Catarina. A escolha do ambiente da pesquisa se justifica por ser essa uma das primeiras Casas Familiares Rurais do Estado de Santa Catarina a trabalhar com regime de alternância, conforme os pressupostos da PA.

Segundo o Projeto Político Pedagógico – PPP da Casa Familiar Rural (2014), os primeiros passos para a construção da escola se deram a partir de um programa de intercâmbio entre Brasil e França, no início de 1990. Agricultores e autoridades do município de Quilombo, preocupados com a formação do jovem camponês e com êxodo no meio rural, buscaram alternativas na França, por meio de uma visita ao país. Após essa visita, em maio 1991, surgiu a primeira comissão de pré-implantação.

De acordo com a primeira Ata de Fundação da Escola (1991), foram apresentados aos pais agricultores e à comunidade em geral o projeto, a proposta de funcionamento e a necessidade de uma área de terra para que a escola fosse construída. Assim, em 02 de janeiro de 1992, foi estabelecida a criação oficial da Escola Familiar Rural pela Lei Municipal nº 957/92, através do parecer nº 349/92, aprovado em 15/12/92, constante do Processo nº PSEE 22547/916. No ano de 1993, com a associação constituída e com estatuto próprio, o decreto nº 091/93/09, de junho/93, dispôs sobre o regulamento interno da Casa Familiar Rural Santo Agostinho. Por conseguinte iniciaram-se, de fato, as atividades letivas com Ensino Fundamental. Atualmente, atende

apenas estudantes de Ensino Médio. O estudante, ao finalizar esse nível de ensino, recebe grau em Técnico em Agronegócio³.

Nossa inserção no cotidiano da escola teve o intento de participar, observar e colaborar com a realidade dos 23 jovens alternantes campesinos do 3º ano, esses correspondem a 10 moças e 13 rapazes com faixa etária entre 16 a 20 anos, com objetivo de buscar e compreender alguns significados da Educação Financeira, voltando nossos olhares ao Projeto Profissional de Vida do Jovem.

1.6 - Coleta e análise de dados

O trabalho de campo foi planejado em três etapas: etapa exploratória, pesquisa de campo e análise de documentos⁴. A primeira etapa da pesquisa, fase exploratória, foi desenvolvida em visita à escola no dia 08 de maio de 2014. Na ocasião, conversamos com a direção e com os estudantes (jovens campesinos) do 3º ano. Com o grupo de 23 jovens também aplicamos um questionário com questões abertas, com o objetivo de identificar seus saberes sobre a EF e a demanda e aceitação em participar de atividades sobre o tema. Conforme Skovsmose (2008), para uma intervenção, é necessária uma “aceitação” por parte dos sujeitos envolvidos, para que haja um processo de exploração tanto do pesquisador quanto dos sujeitos da pesquisa. Assim, essas informações serviram de aporte para o desenvolvimento da segunda etapa, a pesquisa propriamente dita.

A segunda etapa foi desenvolvida no contraturno das aulas, em quatro encontros, entre os meses de setembro e novembro de 2014. Para essa fase, contamos com a participação dos 23 jovens. Estruturamos essa etapa da pesquisa em dois momentos: tempo de formação escolar e tempo de atividades de formação familiar: designamos de tempo de formação escolar, pois as atividades ocorrem de forma paralela às semanas de aula na CFR, no período noturno, como Atividade Diversificada. Esse tempo foi dedicado aos encontros com o grupo de jovens para estudos, debates e avaliações das atividades desenvolvidas. Consideramos tempo de formação familiar aquele em que os jovens ficam na sua propriedade e têm a oportunidade de fazer um paralelo com

3 Não há registros nos documentos da CFR de Quilombo sobre a definição do Curso. Conforme informação de professores entrevistados, a escolha foi a ArcafarSul, com critérios a partir do Catálogo de Cursos do MEC, do espaço físico e da estrutura da escola.

⁴ Os documentos analisados referem-se aos Projetos de Vida dos jovens.

as atividades desenvolvidas na escola. Assim, os dois momentos estão inter-relacionados.

Durante o desenvolvimento das atividades, a inserção da pesquisadora ocorreu na proposição de atividades, na mediação do debate e na reflexão sobre elas. Assim, para a coleta e o registro de dados, utilizamos os seguintes instrumentos: gravações dos encontros, observação, caderno de anotações e questionários que foram aplicados durante todos os encontros. A aplicação de questionários durante todos os encontros se justifica pelo fato de percebermos que os jovens sentiam-se mais à vontade para se expressar e colaborar de maneira significativa com a pesquisa na escrita que na oralidade.

Para análise final, os dados foram articulados aos referenciais teóricos, respondendo às questões e aos objetivos desta pesquisa, atribuindo significados para o estudo. Na análise dos dados, conforme Fiorentini (2007), exige-se do pesquisador atenção, pois se trata de um processo meticuloso e trabalhoso no qual, a partir de interpretação e organização, é possível buscar unidades de significados para que depois possamos agrupá-los em categorias.

Os dados coletados e organizados, e posteriormente cruzados, foram observados através de uma análise discursiva, que é descrita por Moraes (2003) como um processo que se inicia com a unitarização, em que os textos são separados em unidades de significados como forma de facilitar a compreensão.

Para o autor, as pesquisas qualitativas vêm cada vez mais se utilizando de análises discursivas, descritas por uma abordagem de análise de dados que transita entre duas formas nas pesquisas qualitativas: a análise do conteúdo e a análise do discurso.

Dessa forma, após todo material separado, as anotações foram classificadas por diferentes momentos, considerados por Araújo (2007) como *design* da pesquisa, e esta é determinada emergente, por seus passos não serem constituídos a priori. Em seguida, iniciamos o processo de categorização.

Segundo Fiorentini (2007, p.134), “[...] a categorização significa um processo de classificação ou de organização de informações em categorias, isto é, em classes ou conjuntos que contenham elementos ou características em comum”. Nesta pesquisa, ancoramo-nos nas categorias emergentes, sendo que os dados foram analisados por um processo interpretativo, a partir do material de campo. Esse processo de categorização exige uma análise compreensiva de

termos científicos e, ao mesmo tempo, que o pesquisador entenda o seu objeto de estudo, o que investiga.

Assim, após a categorização e organização dos dados, elencamos três categorias que serão descritas no IV capítulo.

CAPÍTULO II - A EDUCAÇÃO DO CAMPO: HORIZONTE PARA OS JOVENS CAMPESINOS

*Não vou sair do campo
Pra poder ir para escola
Educação do Campo
É direito
E não esmola.
Gilvan Santos⁵*

Neste capítulo, trazemos aspectos da história da Educação do Campo, a influência dos movimentos sociais na busca por uma educação **do e no** campo. Também abordamos a importância da Pedagogia da Alternância para os jovens camponeses, e apresentamos com mais detalhes a Casa Familiar Rural como espaço de ensino e aprendizagem.

2.1 - Educação do Campo: o movimento nas últimas décadas

A população do campo, assim como todas as questões voltadas ao meio rural, por muito tempo foi deixada de lado nas políticas públicas. Pesquisas educacionais, conforme Arroyo (2011), mostram a trajetória histórica de abandono em relação ao homem do campo.

Ghedin (2012) afirma que as lutas por uma educação do campo ganham um novo cenário a partir de 1990. Camponeses e movimentos sociais reuniram-se para discutir, propor e reivindicar do poder público uma política de educação para os povos que vivem no e do campo.

Mas qual seria a diferença entre Educação do Campo e educação rural, em meio a esse cenário de lutas por uma Educação do Campo com qualidade? Conforme Caldart (2012, p. 259):

A educação do campo nomeia um fenômeno de realidade brasileira atual, protagonizado pelos trabalhadores do campo e suas organizações, que visa incidir sobre a política da educação desde os interesses sociais das comunidades camponesas. Os objetivos e sujeitos a remeterem às questões do trabalho, da cultura, do conhecimento e das lutas

⁵ Cantor e compositor da música “Não vou sair do Campo”.

sociais dos camponeses e ao debate (de classes) entre projetos de campo e entre lógicas de agricultura que tem implicações no projeto de país e de sociedade e nas concepções de políticas públicas, de educação e de formação humana.

A Educação do Campo procura construir um terreno sólido de formação, a partir de um projeto político pedagógico construído pelos próprios sujeitos. Nesse âmbito, a escola almeja, além de formar alunos, contribuir com a vida desses sujeitos no meio em que se inserem fora do espaço escolar.

Em relação à Educação Rural, Caldart (2012, p. 295) explica:

Trata-se dos camponeses, ou seja, daqueles que residem e trabalham nas zonas rurais e recebem o menor rendimento pelo seu trabalho. Para este sujeito, quando existe uma escola na área em que vivem, é oferecida uma educação da mesma modalidade da que é oferecida às populações que residem e trabalham nas áreas urbanas, não havendo, de acordo com os autores, nenhuma tentativa de adequar a escola rural às características dos camponeses ou dos seus filhos, quando estes a frequentam.

Logo, há uma significativa diferença entre as duas concepções de escola. A primeira tende a potencializar seus alunos, a partir do meio em que vivem, enquanto a segunda contribui com o aluno, levando em consideração o seu espaço, porém, de forma perversa, disponibilizando menos conhecimento, sendo um meio de fixar e garantir que o homem do campo fique no campo.

A proposta de Educação do Campo, conforme Ghedin (2012) e Caldart (2011,2012), veio sendo definida por parte dos movimentos sociais, em especial o Movimento dos Sem Terra (MST). Este, desde 1984, vem se preocupando em como e o que fazer com as crianças assentadas para garantir-lhes a educação adequada à realidade nos assentamentos. A partir dessas indagações, surgiram as primeiras discussões a respeito de uma Educação do Campo:

A Educação do Campo nasceu também como crítica à Educação pensada em si mesma ou em

abstrato; seus sujeitos lutaram desde o começo para que o debate pedagógico se colasse a sua realidade, de relações sociais concretas de vida acontecendo em sua necessária complexidade. (CALDART, 2012, p. 15).

Conforme Ghedin (2012), partindo desse pressuposto em relação à crítica à educação centrada em si mesma e no abstrato, a Educação do Campo foi inspirada, a partir de um pensamento educacional socialista, que colidiu com os ideais do regime militar em 1964, sendo retomada com os movimentos sociais na década de 1990, período em que várias ações educativas foram desenvolvidas em prol da população do campo.

Assim, a Educação do Campo e as escolas do campo e no campo nasceram por meio das lutas e reivindicações dos camponeses e movimentos sociais preocupados em denunciar o silenciamento e esquecimento por parte dos órgãos governamentais, núcleos de financiamentos, estímulos à pesquisa, organizações sociais e educacionais em relação ao campo. Ao fazermos uma retrospectiva, observamos que há aproximadamente 20 anos a sociedade brasileira começou a despertar e perceber as reivindicações do campo, a partir dos movimentos dos próprios sujeitos envolvidos que produziram uma dinâmica social e cultural.

Dessa forma, a escola e a educação passaram a ser interrogadas. De acordo com Arroyo (2011, p. 9), “a Educação do Campo não fica apenas na denúncia do silenciamento, ela busca o que há de mais perverso nesse esquecimento: o direito à educação que vem sendo negado à população trabalhadora do campo.” Assim, pensar uma Educação do Campo significa ouvir e entender a cultura, a dinâmica social e educativa dos diferentes grupos que formam o povo do campo.

Os movimentos docente e pedagógico progressistas, conforme Caldart (2011) e Ghedin (2012), nos anos de 1980, foram responsáveis e protagonistas dos avanços da educação como direito. “Educação, direito de todo cidadão, dever do Estado”, este foi o clamor ouvido nas praças e ruas em todas as cidades. Jovens, crianças, homens e mulheres do campo participaram desse movimento, fazendo um contraponto ao esquecimento em relação ao grupo quando da definição das políticas governamentais:

As políticas educacionais no Brasil padecem de uma indefinição de rumos. E as políticas para o campo ainda mais. As escolas do meio rural passaram a ser tratadas como resíduo do sistema educacional brasileiro e, conseqüentemente, à população do campo foi negado o acesso aos avanços obtidos nas últimas décadas no reconhecimento e garantia do direito à educação básica. (ARROYO, 2011, p.10).

Nos dias atuais, a Educação do Campo constitui-se como uma política pública, nos movimentos sociais, nas universidades, nas escolas, entre outros e a cada ano avança nas secretarias de educação. Mesmo que a passos lentos, ano após ano a Educação do Campo passou a ser desenhada e regulamentada.

Um marco na consolidação da Educação do Campo é a instituição do Decreto nº 7.352 de 4 de novembro de 2010, que dispõe sobre a Política de Educação do Campo e o Programa Nacional de Educação do Campo e o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA. O decreto destaca os princípios da Educação do Campo, tais como o respeito à diversidade, a formulação de projetos políticos pedagógicos específicos, o desenvolvimento de políticas de formação de profissionais da educação e a efetiva participação da comunidade e dos movimentos sociais do campo. [...] Por fim, a lei nº 12695, de 25 de julho de 2012 (conversão da MP 562/2012), encaminhada a partir do lançamento do Programa Nacional de Educação do Campo – Pronacampo, que, dentre outros, altera o art. 8º da Lei nº 11,494, de 20 de junho de 2007, admitindo para efeito de distribuição dos recursos previstos no inciso II do caput do art. 60 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, em relação às instituições comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos e conveniadas com o poder público, o cômputo das matrículas efetivadas na educação do campo oferecida em instituições credenciadas que tenham como proposta pedagógica a formação por alternância,

observado o disposto em regulamento. (BRASIL, 2012, p.6).

Os Princípios da Educação do Campo, regulamentados nas Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo, conforme a Resolução nº1, de 3 de abril de 2002, artigo 13 (BRASIL, 2012, p.33), estabelecem aos diversos sistemas de ensino:

[...] além dos princípios e diretrizes que orientam a Educação Básica no país, observarão, no processo de normatização complementar da formação de professores para o exercício da docência nas escolas do campo, os seguintes componentes:

I- estudos a respeito da diversidade e o efetivo protagonismo das crianças, dos jovens e dos adultos do campo na construção da qualidade social da vida individual e coletiva, da região, do país e do mundo;

II- propostas pedagógicas que valorizem, na organização do ensino, a diversidade cultural e os processos de interação e transformação do campo, a gestão democrática, o acesso ao avanço científico e tecnológico e respectivas contribuições para a melhoria das condições de vida e a fidelidade aos princípios éticos que norteiam a convivência solidária e colaborativa nas sociedades democráticas.

Aportados pelas normativas descritas, concordamos com a reflexão proposta por Antunes-Rocha (2012), quanto aos Territórios da Educação do Campo. O autor afirma que Educação do Campo nos desafia na construção de condições educacionais que possam garantir o desenvolvimento de um modo de vida em que a família, a terra, o alimento, a comunidade, as pessoas, a escola estejam acima de qualquer mercadoria. Ou seja:

A mercadoria não vem em primeiro lugar, como território de uma educação capitalizada. O espaço da vida é que nos move à solidariedade, às parcerias, ao companheirismo, ao comunitário e ao cooperativismo. A mercadoria será produto

dessas relações, mas jamais será produtora de relações sociais nos Territórios de Educação do Campo. (FERNANDES, 2012, p.15).

Nessa premissa, no terreno das escolas do campo, aqui, as Casas Familiares Rurais procurou inspirar-se em um modelo de pedagogia no qual o desejo é não cortar raízes, ou seja, um modelo de Pedagogia que permite aos jovens camponeses estudar em regime alternante ou por alternância, onde o ensino e a aprendizagem ocorrem a partir de suas experiências, saberes, fazeres e vivências na família, na comunidade e na escola, sendo uma de suas vertentes denominada Pedagogia da Alternância. A mesma busca integrar a escola com a família e a comunidade do estudante, permitindo troca de conhecimentos e fortalecimento dos laços familiares e comunitários.

2.2 – A Apropriação Da Pedagogia Da Alternância e suas contribuições na vida dos Jovens Camponeses

Para ampliar as reflexões sobre o tema aqui proposto, referenciamos em Nosella (2014), que apresenta a primeira *Maison Familiale Rurale*, que surge na França, em 1935. A história das Escolas-Família é, antes de tudo, a ideia de um homem, filho de camponês, que por toda vida se comprometeu com o povo do meio rural. Homem que viveu e compartilhou a vida, sentiu as injustiças e pressões com esse povo, o Padre Abbé Granereau⁶.

A ideia de Granereau surge de sua preocupação desde a juventude, ao observar o desinteresse tanto do Estado quanto da Igreja frente aos problemas das pessoas do do campo.

O Estado, através de seus professores (as) do primário, salvo algumas maravilhas e exceções, não sabia mesmo o que dizer aos agricultores a não ser o seguinte: seu filho é inteligente; não pode ser deixado na roça [...] é preciso encaminhá-lo nos estudos [...] vencerá na vida melhor que seu pai [...] conseguirá uma boa posição social. (NOSELLA, 2014, p. 46).

6 Conforme Nosella (2014), Abbé Granereau nasceu em 1885, na França.

Dessa forma, os pais acreditavam que os filhos somente iriam “ser alguém na vida” se saíssem do meio rural. Desacreditados na vida do campo, era nos centros urbanos que a sabedoria e o sucesso poderiam ser almeçados e conquistados pelos jovens. Assim, ficava a terra, o campo à mercê dessa conquista.

Conforme Nosella (2014), a Igreja, por sua vez, estava preocupada com a educação de todas as pessoas, sem considerar as especificidades do homem do campo. Com sua matriz renascentista, inspirada em um modelo de humanismo clássico e alienado das mudanças sociais ocorridas, era sua única alternativa.

Dentre os inúmeros problemas, o jovem padre francês se deparava com um Estado desinteressado com os problemas do campo e com uma Igreja voltada ao homem do campo, porém, sem nenhuma alternativa educacional capaz de responder aos problemas desse povo. Assim, toma para si o desafio de pensar alternativas para a educação do homem do campo. Em 1911, o padre fundou um Sindicato Rural para ajudar os camponeses a superar o isolamento e, em 1914, a partir deste, chegou a conclusão de que o problema agrícola era um problema de educação, ou seja, era preciso pensar uma formação capaz de preparar pequenas empresas rurais. Envolvido por esse movimento, em 1930, o Padre saiu de uma paróquia urbana e se deslocou para uma paróquia rural de Serignac-Péboudou. Foi nesse local que, em 21 de novembro de 1935, quatro jovens procuraram a paróquia e ali constituiu-se a Primeira *Maison Familiale*. Mas como fazer para reunir os jovens de toda paróquia, sendo que os mesmos precisavam ajudar seus pais na lavoura?

Nosella (2014) relata que, a partir dessa indagação, o padre começou por organizar os jovens em pequenos grupos e, junto com os agricultores, chegou à conclusão de que os mesmos iriam se encontrar uma vez por mês, em tempo integral, para após retornarem para suas propriedades. Mais adiante, nasceu a ideia da alternância, na qual os jovens permaneciam uma semana na escola, instalada na casa do Padre e outra na “escola da vida”. Desse movimento surge o que denominamos hoje de Pedagogia da Alternância.

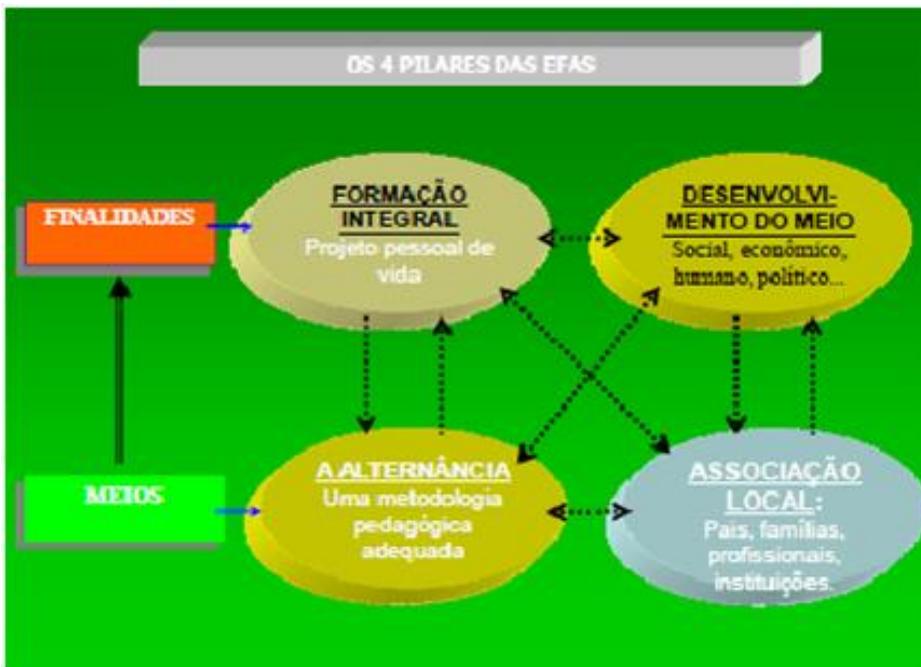
Para Queiroz (2006, p. 60):

O processo de ensino-aprendizagem proposto pela Pedagogia da Alternância possibilita aos alunos vivenciarem momentos na escola, na família e na comunidade. A aquisição do conhecimento se dá de forma construtiva e participativa, envolvendo

vários atores: alunos, pais e monitores/professores.

O movimento que emerge na PA têm um papel importante na formação dos jovens campesinos. A proposta de ensino e aprendizagem é descrita por quatro pilares essenciais que permitem compreender o processo de formação.

Figura 1: Os quatro Pilares das EFAs



Fonte: União Nacional das Escolas Famílias do Brasil - UNEFAB

O esquema demonstra a relação que existe entre os objetivos e os meios e suas funções no processo formativo. É notória a preocupação em torno da Formação Integral, a partir de um projeto pessoal de vida, também denominado nas CRFs de Projeto Profissional de Vida do Jovem (PPVJ). Nessa perspectiva, o estudante precisa abarcar-se dos conhecimentos científicos e técnicos, associando-os à sua vida familiar, tendo como metodologia pedagógica a alternância.

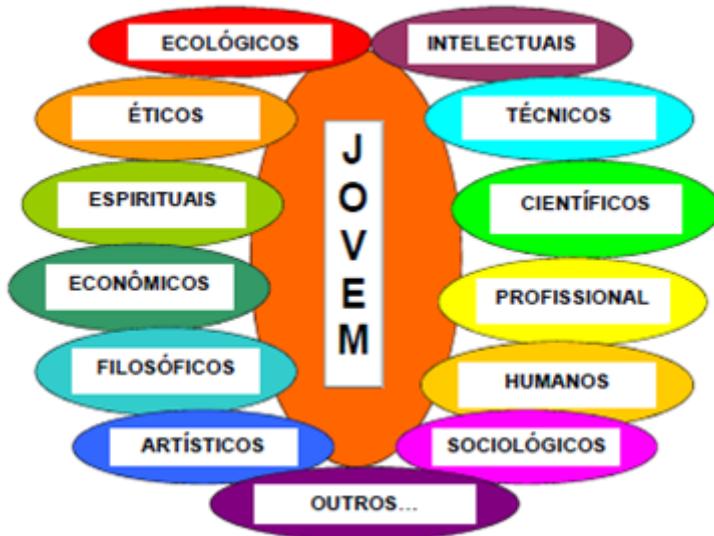
Assim, a PA pensa a educação de forma integral e procura preparar o jovem para atuar na sociedade. A educação integral torna-se um desafio não só para a própria PA, mas para as ações educativas do campo. Conforme Pezarico (2014, p.78), “[...] é por meio desta relação que se vislumbra no bojo da Pedagogia da Alternância possibilidades para o desenvolvimento do meio em diversas dimensões principalmente por consistir num processo de formação que abarca a família e sujeitos da comunidade local”.

Dessa maneira, a Pedagogia da Alternância proporciona ao jovem um processo de construção de sua própria autonomia. Isso é possível através dos movimentos de formação rural por alternância, sobretudo por alguns aspectos:

a) A elaboração e a aplicação de ferramentas pedagógicas e dispositivos pedagógicos que deem sentido à ação educativa; b) A formação inicial contínua dos monitores; c) A investigação, com finalidade de vincular a ciência e o espírito científico; d) A informação e a consolidação institucional; e) A defesa da especificidade pedagógica organizadora, ou seja, de que se detenha autonomia para as instâncias políticas administrativas. Neste sentido, verifica-se que a autonomia como amálgama da práxis pedagógica inerente à Pedagogia da Alternância, possui raízes que dialogam permanentemente com os fatores que estão no cerne de sua origem qual sejam, as demandas, os limites e possibilidades que compunham os movimentos camponeses que a originaram. (PEZARICO, 2014, p.78)

Begnami (2005) afirma que o projeto educativo de uma escola por meio da PA é desenvolvido em dois tempos e oferece alguns benefícios no âmbito escolar, familiar e comunitário.

Figura 2: Diagrama da dinâmica de Formação Integral



Fonte: Begnami (2005, p.41).

Nessa dinâmica, a Pedagogia da Alternância deixa para trás uma pedagogia plana para ingressar numa pedagogia do espaço. Begnami (2005) descreve esse movimento:

As vantagens no âmbito escolar são:

- *Espaço privilegiado de socialização, do aprender a ser, a conviver e a trabalhar em equipe;
- *Presença de uma equipe de educadores/as que acompanham de forma personalizada, estabelecendo um clima de amizade e respeito mútuo;
- *Um amplo espaço de formação que motiva a construção de um projeto profissional;
- *Um currículo que parte da realidade e valoriza a cultura do estudante e sua comunidade;
- *Um conjunto de atividades informais complementares que estimulam a criatividade, a autonomia, a espontaneidade e a autoestima;

*A família que se envolve na vida da escola e da formação do filho. (BEGNAMI, 2005, p. 41).

Segundo o autor, as vantagens no âmbito familiar e comunitário são:

*A alternância permite a manutenção dos vínculos do jovem com sua família e comunidade;

*O estudante não é distanciado de seus parentes, amigos e grupos da comunidade;

*Ligações com as raízes, valorização da vida e priorização das experiências como meio de aprendizagem e lugar de intervenções;

*Incentivo a práticas sociais, motivando os jovens a participar e a engajar-se em um grupo social concreto. (BEGNAMI, 2005, p.41)

É um processo dinâmico em que os papéis mudam se comparados à forma como acontece nas escolas “costumeiras”. O jovem, agora “alternante”, não é mais um aluno na escola, mas um autor em seu próprio território a partir de seu contexto de vida: “Sua família é convidada a participar ativamente de sua educação, de sua formação, acima de tudo porque é jovem.” (GIMONET, 2007, p.20). Para garantir o processo educativo, numa proposta interativa, a alternância desenvolve-se em três momentos e espaços significativos:

Figura 3: Esquema da dinâmica da Pedagogia da Alternância



Fonte: Lima (2012, p. 51).

Essa Pedagogia procura romper com os modelos tradicionais de ensino e atuar em espaços e tempos diferentes. “A alternância constitui o meio, ao mesmo tempo, para aceder a uma qualificação reconhecida por diploma e de construir uma identidade profissional duradoura.” (GIMONET, 2007, p. 119).

O processo de ensino e aprendizagem torna-se possível, segundo Begnami (2005), Queiroz (2006) e Gimonet (2007), devido ao conjunto de instrumentos pedagógicos. Esses, por sua vez, permitem ao jovem agricultor perceber o que possui em sua propriedade e sua capacidade perante os aspectos econômicos, sociais, políticos, ecológicos na perspectiva de novas ações para o desenvolvimento sustentável. A organização do Plano de Formação articula esses instrumentos pedagógicos e serve de conexão entre a escola, a família e a comunidade, facilitando o aprendizado do jovem. Dessa forma, citamos algumas das ferramentas e/ou instrumentos pedagógicos:

O **Caderno de Vida ou Caderno da Realidade** permite um elo entre a família e a escola. Nele são feitas anotações com dúvidas ou experiências vivenciadas na propriedade para reflexão na escola e vice-versa. Segundo Gimonet (2007, p. 38):

Cada meio de vida representa um suporte de atividades e experiências de várias naturezas, uma reserva de saberes múltiplos. Cada meio de vida destes é portador de uma cultura local que se faz presente nos fatos e nos gestos, na linguagem e nos comportamentos.

A Colocação em Comum é um diálogo que ocorre entre os jovens e os professores/monitores, permite ao professor/monitor saber o que ocorreu entre o espaço de formação, a escola e a sua propriedade, ou seja, tem a função de articulação dos dois espaços-tempos da alternância. Além disso, permite aos jovens alternantes um diálogo do individual ao coletivo. Para Gimonet (2007, p. 42):

O valor da colocação em comum depende então, em grande parte, dos estudos realizados pelos alternantes. Seu conteúdo e sua riqueza orientam e determinam o que precisa ser colocado em comum a fim de garantir um acréscimo e um enriquecimento dos estudos pessoais.

As **Visitas de Estudos e/ou Intervenções** podem ocorrer fora da escola ou a partir de uma intervenção dentro da escola. Elas têm por finalidade propor aos jovens descobertas de empreendimentos, realizações, de serviços, de lugares, dentre outros. Essas visitas acontecem a partir de um tema proposto na alternância. “Durante a visita ou intervenção, prevalecem as atitudes: interesse, escuta, atenção, respeito, mas também o questionamento e o levantamento das informações essenciais que foram captadas.” (GIMONET, 2007, p. 48).

O **Plano de Estudo** constitui uma ferramenta que possibilita ao professor/monitor averiguar os conhecimentos prévios dos jovens em relação a determinado tema proposto. Para Gimonet (2007), o Plano de Estudo é considerado um instrumento-chefe da pedagogia. É utilizado como meio de exploração, de expressões e de formalização dos componentes de uma das entidades de formação. O instrumento permite que o jovem descreva sua realidade e, além disso, busque informações por meio de questionamentos e observações. A ferramenta possibilita que busquem, junto com seus familiares, conhecimentos na escola que lhes sirvam de aporte para questionamentos de sua realidade de vida.

O **Plano de Formação**, considerado uma das ferramentas mais importantes da Pedagogia da Alternância, tem a função de organizar,

agenciar e estruturar o percurso formativo. Ele confere o eixo norteador, uma espécie de coluna vertebral do processo. O Plano de formação integra, dá coerência às finalidades do projeto educativo, enuncia os objetivos e as etapas, articula os tempos, as atividades. Em outros termos, pode-se defini-lo como “plano de voo” do percurso formativo e educativo (GIMONET, 2007, p.70).

O Plano de Formação é construído a partir dos professores/monitores, considerando uma pesquisa participativa da qual os jovens e suas famílias são convidados a participar. Tem por função coletar informações sobre a propriedade dos estudantes, sua comunidade, ou seja, o meio onde vivem. Após a coleta de informações, são criados os temas de estudo.

Esses temas de estudo passam a constituir os “temas geradores”⁷. Eles são considerados o fio condutor para as semanas de alternância dos jovens campesinos no espaço escolar. Para Freire (2005, p. 114), “O Tema Gerador não pode se encontrar nos homens isolados da realidade, nem tampouco na realidade separado dos homens. Só pode ser compreendido nas relações homens-mundo.”

O Plano de Formação articula todas as ferramentas que compõem a Pedagogia da Alternância. Podemos considerá-lo como um meio de educação, de formação e conhecimento de cada jovem. Por isso, esse instrumento constitui-se, como já anunciado, na principal ferramenta que nos ajuda a responder a pergunta diretriz desta pesquisa.

2.3 – Trabalhos com projetos: contribuições para o Campo Educacional e para o Projeto Profissional de Vida do Jovem Campesino

No campo educacional, Hernandez (1998) cita que o trabalho com projetos teve um importante desenvolvimento no século XX, baseado nos pensamentos de John Dewey e William H. Kilpatrick. Porém, antes disso, o conceito já existia na área da arquitetura.

7 Tema gerador: é uma ideia originária de Paulo Freire, surgida na década de 50. É o ponto em que as áreas do conhecimento relacionam-se entre si em busca da leitura crítica da sociedade. Pressupõem um estudo da realidade na qual emergirá uma rede de relações que orientarão a discussão da interpretação individual, social e histórica dessa realidade.

Segundo Biotto Filho (2008), no século XVI, arquitetos italianos, não satisfeitos com sua condição profissional, pois eram encarados como artesões e não como artistas, passaram a desenvolver os fundamentos teóricos de arquitetura e fazer da arte de construir um estudo acadêmico a fim de qualificar a profissão. Assim, nasceu uma aliança entre pintores, arquitetos e escultores e fundou-se a *Accademia di San Luca*, no ano de 1577, em Roma.

No entanto, o treinamento oferecido por essa academia foi se tornando fraco. Em seguida, foram criadas competições que premiavam as melhores construções. Segundo Biotto Filho (2008, p.15), “entre os arquitetos, as competições já eram comuns, e introduzi-las na academia foi um grande passo para o treinamento oferecido”. Logo, passaram a existir dois tipos de competições: a arquitetural e a acadêmica. A diferença é que, quando acadêmica, os trabalhos eram considerados hipotéticos, ou seja, não reais, por isso conhecidos como “progetti” (projetos em português). A partir desse conceito, a palavra passou a ser utilizada no campo educacional.

[...] os projetos não representam uma parte central do ensino, visto que qualquer arquiteto poderia participar das competições, sendo aluno da academia ou não. A academia Royale d’Architecture, fundada em Paris em 1671, baseou-se no modelo italiano, mas mudou as condições de competição, limitando a participação apenas aos estudantes registrados e as realizando mensalmente, em vez de anualmente. As premiações mensais valiam pontos para promoções no curso e para obtenção do título de arquiteto. Dessa forma, os projetos se tornaram o foco principal do curso. (BIOTTO FILHO, 2008, p. 16).

Conforme o autor, no final do século XVIII, o método dos projetos imigrou da arquitetura para a engenharia, difundindo-se por toda Europa e Estados Unidos. Em 1870, alguns engenheiros, como Stillman H. Robinson, para os cursos de engenharia admitiam que a prática era tão importante quanto a teoria. Logo, defendiam a ideia de que, a partir de oficinas, os projetos contribuiriam para formar engenheiros práticos.

Com o passar dos anos, por volta de 1876, o método de Robinson foi considerado desvantajoso, pois se observou que o tempo para a teoria fora reduzido. Assim, mais tarde, Calvin M. Woodward desenvolveu um treinamento de artesanato no nível secundário e escreveu o Manual *Training School*. Nessa escola, os alunos desenvolviam projetos reais de uma máquina para poder receber seu diploma. Esse, por sua vez, desenvolveu um marco importante na história de trabalho com projetos. O método ficou conhecido como “treinamento manual”.

Em 1886, o método foi introduzido nas escolas elementares, nos Estados Unidos. Porém, no início do século XX, o filósofo John Dewey surge para contrapor essa dinâmica de trabalhos com projetos, tendo uma grande contribuição no desenvolvimento da proposta. Nas palavras de Hernandez (1998), as características principais de sua teoria eram: a partir de uma situação problemática, aproximar a escola da vida cotidiana e romper com a organização do currículo em matérias fragmentadas.

A teoria impulsionou muitos educadores que procuravam alternativas para o ensino, dentre eles William H. Kilpatrick. O mesmo, inspirado na teoria da experiência de Dewey, acreditava que os estudantes poderiam resolver problemas em situações sociais.

As características principais de seu método eram: todo projeto deveria ter uma finalidade, um propósito, que motivasse os estudantes; os alunos deveriam ter interdependência, liberdade de agir e poder de julgar; um projeto era ideal quando fosse iniciado e terminado pelos alunos, sem o professor. (BIOTTO FILHO, 2008, p. 17).

O método de Kilpatrick atraiu muitas atenções e várias críticas, inclusive de Dewey, que defendia a ideia de que seria impreterível a orientação do professor nos trabalhos com projetos. Impulsionados por essas críticas, esses trabalhos perderam sua popularidade nos Estados Unidos na década de 1930. Entretanto, tornaram-se populares na Europa, assim a literatura educacional passou a discuti-los amplamente, pois verificou-se que seria possível trabalhar a teoria e a prática “[...] e por isso muitos países acreditavam que eles poderiam impulsionar o desenvolvimento econômico” (BIOTTO FILHO, 2008, p. 17). Porém, a Segunda Guerra Mundial motivou uma nova reviravolta conceitual. O

conceito americano de que tudo tinha uma sequência lógica dominou muitas áreas, inclusive a Educação, logo os trabalhos com projetos foram desvanecendo, assim o pensamento americano dominou a literatura educacional por todo o mundo.

Nos anos de 1960, surgiram alguns grupos que protestavam contra a repressão e a dominação nas instituições acadêmicas. Eles passaram a ver os projetos como uma forma de ensino democrático, assim, nos anos 1970, as ideias de Piaget dominaram a literatura educacional, fazendo com que os pesquisadores voltassem a atenção a quais conceitos deveriam ser ensinados. Dessa forma, segundo Hernandez (1998), os projetos passaram a ser chamados de trabalhos com temas e começaram a ser desenvolvidos com um pano de fundo interdisciplinar, funcionavam como mediadores entre as disciplinas e também como uma forma de aproximar o ensino das experiências dos alunos. Algumas áreas como a História, a Geografia e as Ciências Sociais criaram seus currículos por temas. E assim, nos anos 1980, a visão construtivista da aprendizagem resultou em muitas mudanças no trabalho com projetos.

Como processo histórico, a concepção do trabalho com projetos surgiu entre os arquitetos como meio de melhorar a profissão. Na engenharia, como forma de formar engenheiros práticos. Mais adiante, passou a ser visto como uma forma de envolver os alunos e suas experiências pessoais no processo pedagógico. Após, na área educacional passa a ser utilizado como um parâmetro de aproximar a teoria com a prática, através da interdisciplinaridade, ancorada por pilares construtivistas de aprendizagem. Nas palavras de Hernandez (1998) e Biotto Filho (2008), no Brasil os projetos estão sendo amplamente estimulados na literatura educacional e pelos órgãos institucionais de Educação.

É na perspectiva de trabalhos com projetos que nos aproximamos de nosso objeto de pesquisa. Os jovens camponeses, sujeitos deste estudo, engajados pela dinâmica proporcionada pela Pedagogia da Alternância, ao concluírem seu percurso de três anos no Ensino Médio, realizam uma experiência de vivência fora de sua propriedade, chamada de Projeto Profissional ou Projeto de Vida. Este, por sua vez, pode receber outras nomenclaturas, porém, mantendo a mesma finalidade, um trabalho de conclusão de curso. A escola em análise, a Casa Familiar Santo Agostinho, utiliza como Projeto Profissional de Vida do Jovem - PPVJ. Esse projeto é desenvolvido no 3º ano, por meio de um estágio supervisionado, que pode ocorrer numa

propriedade agrícola ou em uma empresa não agrícola, na qual o jovem campesino escolhe uma atividade econômica que seja uma possível fonte de renda para seu futuro. Este projeto na Casa Familiar Rural é um dos meios de avaliação para finalizar o Ensino Médio, possibilitando a muitos jovens uma formação voltada a sua realidade, com o objetivo integral de promover o desenvolvimento sócio-profissional em que o jovem está inserido.

Tendo em vista a importância do projeto profissional de cada jovem, pensamos na Educação Financeira. Amparada por Skovsmose (2008), visamos proporcionar aos estudantes oportunidades de reflexão sobre o papel da matemática na sociedade e no seu cotidiano. Com intento de promover uma prática educacional para o empowerment⁸, desenvolvendo uma educação financeira com dimensão crítica e que possa responder a desafios importantes na educação e na vida de cada jovem. É o que apresentaremos no capítulo que segue.

8 Skovsmose (2008) define este termo na educação matemática, como uma forma de potencializar os estudantes frente a tomada de decisões de forma crítica.

CAPÍTULO III - A EDUCAÇÃO FINANCEIRA CRÍTICA, UMA FERRAMENTA DE EMPODERAMENTO PARA JOVENS CAMPEINOS

Se a matemática intervém na realidade, um dos princípios para organizar os processos de trabalho, o gerenciamento econômico etc. é criado por uma fonte escondida atrás da cena política. Mas, se a matemática tem papel especial, torna-se natural supor que a educação matemática deve ser colocada em foco.
(SKOVSMOSE, 2013, p.84).

O que é a Educação Financeira? E a Educação Financeira Crítica? Para compreendermos essas nomenclaturas, partimos de seu nascedouro. Aos poucos a Educação Financeira está sendo discutida no âmbito escolar, porém, ela sempre esteve presente nas relações sociais, desde a época em que a troca de uma mercadoria por outra precisou ser mediada por uma moeda: o dinheiro. Desde então, o dinheiro passou a estar impregnado na vida social dos sujeitos, por meio de duas esferas distintas: empoderar e alienar (MOREIRA, 2000).

No percurso histórico da humanidade, com o capitalismo, o dinheiro tomou força sob a bandeira da possibilidade de igualdade, uma falácia social e econômica quase irreversível. Contudo, a alta produtividade do período foi acompanhada pela padronização das mercadorias e aumento de ganhos salariais, incrementando o consumo (DIAS; SILVA NETO, 2004) e a demanda de produção e do ter.

O Século XX representou um choque ao modelo capitalista, com crise de oferta e demanda, como o fim de uma guerra e o início de outra. Mesmo assim, até a década de setenta, havia um controle quanto à movimentação do capital. Segundo Lapyda (2011, p.7) o “[...] aumento exponencial das transações tanto em termos absolutos como em relação às atividades produtivas; a liberação e desregulamentação de mercados e das atividades em todo mundo; [e] o surgimento de novos agentes e instituições ligadas às finanças” eram características muito presentes nesta fase. A forma de usar o dinheiro desencadeou uma variedade de produtos e serviços. Esse movimento fluido entre a mobilidade e a facilidade tornou as pessoas cada vez mais consumidoras e aumentou de forma significativa o endividamento das famílias.

Preocupados com o crescente endividamento das populações, conforme Campos (2013), criou-se em 1961 a Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico- OCDE, órgão internacional e intergovernamental, com 34 países-membros, com objetivo em desenvolver atividades nas mais diversas áreas, discutindo assuntos micros e macros. Dentre os assuntos designados para estudo, elegeu-se a Educação Financeira. Para tal, em 2003, foi estabelecido o *Financial Education Project*, programa com intento de analisar o que estava acontecendo de Educação Financeira pelo mundo e a eficácia da mesma. Assim, a OCDE tem por função analisar esses cenários e enviar para os gestores políticos dos países as diretrizes e recomendações para as diversas áreas da Educação Financeira. Em outras palavras, a OCDE (2005) define a Educação Financeira como o processo em que os indivíduos melhoram a sua compreensão sobre os produtos, seus conceitos e riscos, de maneira que, com informação e recomendações claras, possam desenvolver as habilidades e a confiança necessárias para tomarem decisões fundamentadas e com segurança, melhorando seu bem-estar financeiro.

No mundo contemporâneo, especificamente no Brasil, onde momentaneamente a moeda encontra-se estabilizada, muitas pessoas estão aprendendo a valorizar o dinheiro que ganham, para mais tarde fazer um bom uso das sobras financeiras.

Para entendermos a Educação Financeira, partiremos da palavra “economia”, que, conforme Campos (2013), possui como significado etimológico “administração da casa” (*oikos* = casa), e abrange não somente ambientes em que se desenvolvem trabalhos, mas, sim, a casa onde se vive. Portanto, a atividade de administrar é desenvolvida em qualquer local. No mundo atual, percebe-se que o conceito “administrar” aparece mais nas instituições privadas e públicas, esquecendo-se das esferas familiares.

Segundo Hall (2009), o aspecto econômico revela-se em cada indivíduo, na forma como ele faz suas escolhas. Assim, percebemos que as atividades revelam o desconhecimento econômico em virtude da inexistência de um planejamento familiar. Logo, a economia, além de fazer parte de uma cultura, interfere e influencia na vida das pessoas.

No contexto do jovem camponês, a relação econômica constrói um cenário distinto do jovem urbano, no sentido de que ele participa ativamente na obtenção de renda de sua propriedade, por meio de seu trabalho e alternância com o espaço escolar e familiar proporcionado pela Pedagogia da Alternância.

A realidade que observamos, hoje, no Brasil é a facilidade ao crédito, bem como de aquisição de bens de consumo. Paradoxalmente a isso, encontra-se a rapidez em descartar com facilidade. É necessário refletir sobre esse jogo invisível de consumir e descartar com rapidez que envolve os jovens, sejam eles camponeses ou urbanos, de classe alta, média ou baixa.

Os jovens estão imersos nessa sociedade que trouxe vários benefícios e malefícios à contemporaneidade, sociedade esta designada por Bauman (2008) como “sociedade de consumidores”, na qual há uma dualidade sujeito-objeto na qual os sujeitos tendem a ser excluídos sob a dualidade consumidor-mercadoria. A preocupação é:

Entre as maneiras com que o consumidor enfrenta a insatisfação, a principal é destacar os objetos que a causam. A sociedade de consumidores desvaloriza a durabilidade, igualando “velho” a “defasado”, impróprio para continuar sendo utilizado e destinado à lata de lixo. É pela alta taxa de desperdício, e pela decrescente distância temporal entre o brotar e o murchar do desejo, que o fetichismo da subjetividade se mantém vivo e digno de crédito, apesar da interminável série de desapontamentos que ela causa. A sociedade de consumidores é impensável sem uma florescente indústria de remoção de lixo. (BAUMAN, 2008, p. 30).

Diante dessas preocupações, em tempos de “modernidade líquida”⁹, assim designado por Bauman (2010), admitimos que educar financeiramente, no campo e no meio urbano, seja um ato importante e necessário, pois a forma como os indivíduos fazem suas escolhas tem relação direta com os aspectos econômicos, e buscar sua emancipação e sua autonomia diante de algumas situações de consumo exige responsabilidade e principalmente informação.

A oferta de crédito está disponível tanto para o campo quanto para a cidade, às vezes de maneiras distintas. Dessa forma, sejam os

⁹ Conforme Bauman (2010), modernidade líquida é a época atual em que vivemos. Uma época de liquidez, volatilidade, incertezas e insegurança, onde o consumo e a artificialidade das coisas ganharam espaço.

jovens camponeses ou urbanos, eles possuem os mesmos desejos: a melhor roupa, a aquisição de um carro, um imóvel:

O que ficou alegremente (e loucamente) esquecido nessa ocasião é que a natureza do sofrimento humano é determinada pelo modo de vida dos homens. As raízes de todos os males sociais estão profundamente entranhadas no modo como nos ensinam a viver nosso hábito cultivado com cuidado e agora já bastante arraigado, de correr para os empréstimos cada vez que temos um problema a resolver ou uma dificuldade a superar. Com poucas drogas, viver a crédito cria dependência. (BAUMAN, 2010, p. 24).

Concordamos com Bauman (2010) quando afirma que a escola continua sendo uma ferramenta muito importante na construção da autonomia do indivíduo. Porém, é necessária uma reformulação na sua estrutura educacional, pois, assim como qualquer outro produto de consumo, todo seu entorno anteriormente considerado sólido pode transformar-se.

Consideramos necessária a inserção da Educação Financeira no âmbito escolar para que o indivíduo possa organizar-se pessoalmente, bem como construir futuramente uma sociedade saudável, consciente de seus direitos e deveres. Imersa nesse cenário, a escola do campo proporciona aos seus jovens alternantes meios para refletir sobre sua importância como seres humanos e sua função como camponeses na economia de um país. Esses parâmetros são alavancados principalmente no seu projeto profissional, pois os jovens fazem uma reflexão frente à escolha do mesmo e às possibilidades para o seu futuro como fonte de renda.

3.1 - A Escola do Campo em tempos de Modernidade Líquida: uma conversa com Bauman

A escola do campo exerce um papel fundamental na vida do jovem camponês. Ela é uma fonte instrumental capaz de contribuir para com a autonomia do educando frente suas possíveis escolhas profissionais.

Porém, alguns questionamentos nos fazem refletir: em que medida possessões duráveis de conhecimento, daqueles que duram a

vida inteira, ainda interessam à escola e aos processos formativos? Qual o sentido da Pedagogia da Alternância e de suas ferramentas, como o Plano de Formação e os Projetos Profissionais de Vida do Jovem diante de uma “sociedade líquida”?

Fazendo uma breve retrospectiva da escola, num passado não muito distante, percebemos que a escolarização era vista como um processo sólido e eficaz. Acreditava-se que a escola era capaz de criar perspectivas de longas durações, baseadas em um processo educativo que, indiferente do caos ou da desordem, assegurava a formação para toda a vida.

Em meio à solidez de uma educação capaz de preparar um “produto” com todos os condimentos necessários para a vida, Bauman (2010) nos chama para uma conversa:

[...] com a passagem da modernidade sólida à modernidade líquida, tanto a ordem imutável do mundo com a ordem não menos eterna da natureza humana, princípios primordiais associados à tarefa educativa, se encontram em apuros. Eram pressupostos que garantiam, por um lado, os benefícios da transmissão do conhecimento aos alunos, e de outro lado, forneciam ao professor a autoconfiança necessária para gravar na cabeça daqueles [...] a forma presumia ser, para todo o sempre, justa, bela e boa, e por razões virtuosas e nobres. (BAUMAN, 2002c, p.50).

A história da educação, revela muitos momentos críticos, principalmente em relação às escolas do campo, tornando evidente a necessidade de novas premissas e estratégias ao longo desse tempo. Nos tempos atuais, novos desafios se apresentam. Conforme Bauman (2010, p.40):

No mundo líquido – moderno, a solidez das coisas, assim como a solidez dos vínculos humanos, é vista como uma ameaça: qualquer juramento de fidelidade, qualquer compromisso a longo prazo (e mais ainda por um prazo indeterminado) prenuncia um futuro prenhe de obrigações que limitam a liberdade de movimento e a capacidade de perceber novas oportunidades

(ainda desconhecidas) assim que
(inevitavelmente) elas se apresentam.

Como qualquer mercadoria ou produto, a educação e a escola, seja ela do campo ou urbana, também está passando por um momento de transformação (sólido-líquido). Da mesma forma como se dá com um produto, exige-se apenas que os conhecimentos repassados sirvam durante algum tempo e que possam ser destruídos ou descartados quando se tornem obsoletos, uma ação preocupante em “tempos modernos”. Nessa perspectiva, segundo Bauman (2010), convencer crianças e jovens (campesinas ou urbanas) a estudar, dizendo-lhes que o lhes é ensinado ninguém vai lhes tirar, deve ser uma experiência horripilante. O consumismo de hoje não consiste em acumular objetos e nem conhecimento, mas estimular ao uso e ao descarte. No contexto do campo, essa condição é ainda mais desafiadora, pois, a cada ano que passa, pesquisas demonstram um vasto movimento do campo para a cidade.

Estamos vivendo numa época de grandes transformações uma realidade que nos faz exigências. Essas exigências ocorrem em todos os ambientes, inclusive no escolar. Em tempos de “modernidade líquida”, nos ambientes escolares não basta apenas ensinar datas, nomes e fórmulas, é necessário ir além dos conteúdos programáticos, como nos diz Bauman (2010, p. 45):

Num mundo como este, o conhecimento é destinado a perseguir eternamente objetos sempre fugidios que, como se não bastasse, começam a se dissolver no momento em que são apreendidos. E como os prêmios para quem faz a coisa certa tendem a ser colocados cada dia num lugar diferente, os estímulos de reforço podem ser tão enganosos quanto tranquilizadores: transformam-se em armadilhas a serem evitadas, pois podem instilar hábitos ou impulsos que, um segundo depois, se revelarão inúteis ou até daninhos.

No mundo agora volátil da modernidade líquida, é difícil manter-se em uma estrutura de confiabilidade e credibilidade a longo prazo pois, segundo Bauman (2010) “andar se tornou melhor que ficar sentado”. E o melhor atleta é aquele que tem agilidade sem muitas exigências. E isso é contrário a tudo que a aprendizagem e a educação

representaram ao longo da história. Afinal, foram criadas para garantir um mundo duradouro e, assim, permanecer e memorizar eram riquezas incondicionais.

A educação ortodoxa transformou-se em uma desvantagem. O mundo atual, volátil e com mudanças instantâneas, odeia fidelidade, os laços indestrutíveis e os compromissos a longo prazo. Para Bauman (2010, p. 47):

Passamos do labirinto imutável idealizado pelos behavioristas e da rotina monótona do modelo de Pavlov para o mercado aberto, onde qualquer coisa pode acontecer a qualquer momento, e nada pode ser feito de uma vez por todas; em que os movimentos bem-sucedidos são uma questão de sorte, e repeti-los não garante de forma alguma novos sucessos.

Na ausência de precedentes confiáveis e de comportamentos testados, agimos por tentativa de erro ou acerto. Dessa forma, temos que concordar:

‘Você vale tanto quanto seu último sucesso’: esta é a máxima do bem viver num mundo em que as regras mudam durante a partida e não duram mais do que o tempo necessário para aprendê-las e memorizá-las. [...] A capacidade de abandonar depressa os hábitos presentes torna-se mais importante do que o aprendizado dos novos. Somos todos obrigados a adotar como norma o estilo de vida, ou seja, terminar rapidamente e desde logo recomeçar do princípio. (BAUMAN 2010, p. 49)

Nesse novo mundo, exige-se uma reforma das estratégias educacionais, pois o mundo “fora” da escola mudou muito. Bauman (2010) sugere que os educandos buscam consultores que os ensinem a caminhar e não professores que os orientem num percurso único. De acordo com o autor:

Esses consultores provavelmente corrigirão a preguiça ou a negligência dos clientes muito mais que uma eventual ignorância, oferecendo um

conhecimento operativo, um *savoir être* ou um *savoir vivre*, em vez de um conhecimento específico, de um *savoir* que os educadores ortodoxos queriam e sabiam transmitir a seus alunos. (BAUMAN, 2010, p. 54)

Percebemos que o mundo “lá fora”, que anteriormente desejava imobilizar no próprio ato de representação, aos poucos parece escapar de qualquer forma registrável. Essa massa de conhecimento acumulado transformou-se no epítome contemporâneo de desordem e de caos. Notamos que, aos poucos, todos os critérios ortodoxos: pertinência, atribuições de importância, necessidades determinantes de utilidade e valores estão se dissolvendo.

Nessa trama, como qualquer produto ou mercadoria, a “educação” vive um dos momentos mais decisivos da história da humanidade, pois os educadores enfrentam um desafio que representa um ponto limite. Bauman (2010) alerta: os filhos da contemporaneidade enfrentam um mundo drasticamente diferente daquele de seus pais, aquilo que para algumas gerações era natural, em “tempos líquidos” pode se tornar uma aberração. E o olhar entre o encontro das novas e velhas gerações resultou reciprocamente em um misto de incompreensão e desconfiança.

Nesse cenário, consideramos fundamental educar financeiramente. É a esse ponto que queremos nos reportar, pois, ao longo do tempo, mais e mais, a sociedade, as famílias, os indivíduos estão vivendo em função de um consumo banal. E a escola tem um papel muito importante diante da sociedade de consumo, pois, além de transmitir conhecimentos científicos e valores, tem também a incumbência de repassar informações que contribuam além dos muros escolares, que sirvam para vida. Bauman (2008) nos alerta em relação às maneiras com que os consumidores enfrentam a insatisfação e informa que “descartar” é a maneira mais vulnerável.

Nessa dialógica de descarte e insatisfações, percebemos que as escolas do campo procuram delinear-se na condição de promover entre os sujeitos (pais, professores/monitores e jovens) um “despertar” que visa uma educação crítica frente às situações de consumismo, sustentabilidade e cidadania, dentre outros, na intenção de provocar reflexões e oferecer acesso a informações que possibilitem ao jovem criar hábitos de observar as coisas que estão acontecendo no contexto

em que estão inseridos, onde ocorrem de fato suas relações sócio-político-econômicas.

Embargados pelo capitalismo de consumo, que tem a capacidade de criar necessidades (principalmente com aquilo que está na moda), cria-se, por um lado, um público consumidor específico e, por outro, uma classe à parte, uma vez que nem todos terão acesso ao que é mais “atual” em tempos “líquidos modernos”. Para atender a esse grupo, as Instituições Financeiras passaram a oferecer mais crédito, principalmente aos menos favorecidos, como justificativa de minimizar o processo de exclusão. Aqui se encontra o nosso ponto de desconforto, pois há o risco de as Instituições Financeiras estarem compondo de forma dominante as propostas sobre a Educação Financeira que estão sendo apresentadas ao sistema educacional.

Atualmente, como consumidores, estamos cercados pela escola, a família, as instituições financeiras/comércio e os produtos financeiros disponíveis no mercado. Conforme Campos (2013, p. 17):

À escola caberia a responsabilidade de promover todos os seus alunos, de emancipá-los para a participação e de valorizar suas diferenças individuais [...]. Com a família, esta estaria sob a incumbência de oferecer, enquanto principal célula da sociedade, não apenas a provisão das necessidades físicas dos filhos, mas também as emocionais, intelectuais e morais.

O que nos preocupa é que nem a escola e nem as famílias, sejam campesinas ou urbanas, estão desempenhando de fato sua função. As Instituições Financeiras a cada dia estão apostando e efetivando variadas iniciativas com objetivos que nos afastam da Educação Financeira Crítica. Com base em Skovsmose (2008), acreditamos que uma Educação Financeira Crítica seja capaz de fazer com que o estudante ou o jovem a perceba nos vários contextos, enquanto instrumento social e ativo, e lhe dê possibilidades de fazer relações com qualquer conteúdo financeiro e sua implicação crítica. É por meio desse fio condutor que almejamos discutir a Educação Financeira de forma a torná-la crítica. Campos (2013, p.18) descreve: “considerando a população Brasileira, esta tem conseguido utilizar mais formas de crédito, principalmente o cartão de crédito, a juros exorbitantes, caminhando rapidamente à inadimplência”. E o autor afirma que o

maior problema não está no fato de parcelar as dívidas, mas, sim, na falta de educação financeira da população. Ainda, nota-se que o caos que estamos vivenciando, fruto do desejo desenfreado e inconsciente de crédito, é uma aparente necessidade transformada pelo consumismo.

Nas palavras de Bauman (2010, p.10):

A atual contratação do crédito não é um sinal do fim do capitalismo, mas apenas da exaustão de mais um pasto. A busca de novas pastagens terá início imediatamente, alimentada, como no passado, pelo Estado Capitalista, por mobilização forçada de recursos públicos (usando os impostos, em lugar do poder de sedução do mercado, agora abalado e temporariamente fora de operação). [...] A grande questão é saber quando se esgotará a lisa de terras passíveis de “virginização secundária” e quando as explorações, por mais frenéticas e engenhosas que sejam, deixarão de garantir um alívio temporário.

Considerando esse quadro, destaca-se a importância que a escola desempenha nesta sociedade agora em processo volátil. Os jovens, sejam eles camponeses ou urbanos, fazem parte deste mundo contemporâneo e educar financeiramente consiste em uma forma de empoderamento frente à tomada de decisões.

3.2 - A matemática e sua Competência Crítica para a Educação Financeira

Pensar em Educação Financeira perpassa por trabalhar conteúdos de matemática financeira, porém, ao olhar da Educação Matemática Crítica não basta apenas desenvolver cálculos matemáticos, é fundamental ver a matemática como instrumento social e ativo, estabelecendo diferentes relações entre os conteúdos matemáticos e a realidade, bem como sua implicação crítica, e é com esse olhar sobre a matemática que queremos pensar o papel da Educação Financeira na vida do jovem camponês.

Nesse sentido, reportamo-nos aos estudos de Skovsmose e ao movimento da Educação Matemática Crítica, que tem nascedouro na década de 1980, preocupando-se fundamentalmente com os aspectos políticos da Educação Matemática. Suas reflexões têm raízes na Europa,

mas nos oferecem subsídios para reflexões no Brasil. Seus estudos postulam-se a partir de autores como Paulo Freire, em oposição a uma “educação dominante” que apenas servia para domesticação dos estudantes. Assim, Skovsmose (2013) propõe:

[...] como possível alternativa uma educação matemática baseada nos moldes desenvolvidos nas universidades de Roskilde e Aalborg, ambas na Dinamarca, onde a principal atividade do estudante não é frequentar aulas, mas, sim, gerar e desenvolver projetos com base em interações com professores e com delimitações preestabelecidas. Argumenta que é essencial que a educação matemática busque caminhos que desviem da norma predominante de domesticação dos estudantes. (2013, p. 10).

Nesse viés, acreditamos na contribuição de nossa pesquisa através de atividades de Educação Financeira, pois se insere no processo com o intuito de construir a autonomia do aluno (jovem campesino) no contexto da matemática. Segundo Skovsmose (2001, 2013), a Educação Matemática Crítica traz para o debate questionamentos acerca do tema poder.

Perguntas como: a quem interessa que a educação matemática seja organizada dessa maneira? Para quem a educação matemática deve estar voltada? Como evitar preconceitos nos processos analisados pela educação matemática que sejam nefastos para grupos de oprimidos como trabalhadores, negros, “índios” e mulheres? (SKOVSMOSE, 2013, p. 7).

O que buscamos na Educação Matemática Crítica é instrumentalizar o estudante (jovem campesino) para que possa refletir na tomada de suas decisões de forma consciente e crítica na sociedade, como forma de *empowerment*. Para isso, consideramos fundamental o diálogo e a relação entre professor e aluno ao longo do percurso para que haja de fato um processo de democratização. Segundo Skovsmose (2013, p.18), “É inaceitável que o professor (apenas) tenha um papel decisivo e prescritivo. Em vez disso, o processo educacional deve ser

entendido como um diálogo.” Sua inspiração vem de diferentes fontes, articulada à noção de diálogo de Paulo Freire. O autor enfatiza que é por meio do diálogo que, conjuntamente, professor e aluno tornam-se agentes do processo e todos crescem mutuamente. O processo educacional deve ser visto como emancipatório, o que não ocorre quando se resume a palestras proferidas somente pelo professor.

Skovsmose (2013, p. 18) comunica três postos-chave na Educação Crítica:

1. é atribuída aos estudantes (e aos professores) uma competência crítica. Os estudantes [...] no diálogo com o professor, permite-lhes identificar assuntos relevantes para o processo educacional.
2. a consideração à crítica de conteúdos e outros aspectos. Ou seja, estudantes e professores devem estabelecer uma distância crítica do conteúdo da educação. [...] Em um currículo crítico, colocamos princípios aparentemente objetivos e neutros para estruturação de uma nova perspectiva.
3. a condição fora do processo educacional. O essencial é que o processo educacional está relacionado a problemas existentes fora do universo educacional.

É a partir do diálogo com o jovem camponês e de suas necessidades reais que trazemos a figura do professor tendo um papel muito importante, pois é sua mediação junto ao aluno que permite identificar assuntos relevantes e essenciais ao aprendizado. Dessa maneira, o professor precisa conhecer o espaço no qual está inserido e, ao mesmo tempo, manter-se distante do problema (papel de pesquisador), para poder, junto aos educandos, buscar soluções de forma crítica.

Para que educação matemática seja crítica, é necessário que a matemática tenha relações com o cotidiano e com as necessidades das pessoas. Conforme descreve Skovsmose (2013, p. 27):

Ao falar de matemática rica em relações, enfatizo as relações com uma realidade já vivida mais do que com uma realidade falsa, inventada com o único propósito de servir como exemplo e aplicação. [...] A realidade já vivida deveria ser a espinha dorsal que une experiências matemáticas.

A matemática torna-se significativa quando relacionada com a realidade do jovem estudante. Ou seja, quando é possível visualizá-la no seu cotidiano e na sua relação com o mundo. Nesse viés, Skovsmose (2013, p.30) enfatiza duas proposições:

1. os conteúdos do currículo são determinados, não primariamente por causas reais que tenham a ver com as estruturas lógicas do currículo, mas com as forças econômicas e políticas ligadas a relações de poder na sociedade.
2. o currículo pode funcionar como uma extensão das relações sociais existentes.

O capital e o consumo imediato têm grande poder na sociedade. Assim é que diferenciamos a educação do campo com a educação tradicional, pois ao contrário do que citamos acima, a educação do campo busca quebrar com essas proposições, estabelecendo um elo entre a escola, a família e a comunidade do jovem, com intuito de colaborar e transformar de forma significativa o espaço onde vive.

A Educação do Campo, nas suas diversas formas, desafia-nos a construir condições educacionais, segundo Antunes-Rocha (2012), que possam garantir o desenvolvimento de um modo de vida em que a família, a terra, o alimento, a comunidade estejam acima de qualquer mercadoria. Logo, concordamos com Giroux:

[...] a escola precisa ser entendida como um serviço que educa estudantes a serem cidadãos críticos que podem desafiar e acreditar que suas ações poderão fazer a diferença na sociedade. Portanto, os estudantes devem ser apresentados às formas de conhecimento que lhes dêem a convicção e a oportunidade de lutar por uma qualidade de vida com todos os benefícios do ser humano. (GIROUX, 1989, p.214).

Entendermos o papel da matemática na sociedade significa discutirmos suas reais intervenções na realidade. Skovsmose (2008, 2013) enfatiza que a matemática tem poder formatador na sociedade, e afirma que a mesma pode ser vista como um constructo social, interpretada por interesses econômicos e culturais. Ainda, esse

constructo social, embora formal, está apto a fazer transformações na realidade. O autor cita dois tipos, denominados abstrações para pensar e abstrações concretizadas. As do primeiro grupo são utilizadas para facilitar o raciocínio e podem ser exemplificadas por conceitos matemáticos. As do segundo são dadas por evidentes, logo, não há questionamentos. Conforme Skovsmose (2013, p. 81) enfatiza:

Vivemos com as abstrações concretizadas. Maneiras de calcular impostos, auxílio às crianças, salários, estratégias de produção etc. não são apenas modelos de pensamento, elas têm uma influência real nas nossas vidas. Os valores de troca de bens na forma de dinheiro são reais, não são apenas modelos para exprimir o grau de utilidade de alguns bens ou o tempo necessário à sua produção.

Nesse sentido, a matemática e as ciências formais não somente criam modos de descrever e lidar com os problemas, mas também se tornam uma fonte de reconstrução da sociedade. Uma competência que não se refere apenas a habilidades matemáticas, mas traz para a sala de aula a capacidade de interpretar e agir diante de situações sociais e políticas estruturadas pela matemática.

A educação matemática crítica enfatiza que a matemática como tal não é somente um assunto a ser ensinado e aprendido (não importa se os processos de aprendizagem são organizados de acordo com uma abordagem construtivista ou sociocultural). A matemática em si é um tópico sobre o qual é preciso refletir. (SKOVSMOSE, 2008, p. 16).

Trazendo como pano de fundo a Educação Matemática Crítica é que nos desafiamos e nos propomos à caminhada desta pesquisa. A proposta de trabalho procurou levar em conta as necessidades do grupo de sujeitos envolvidos e a busca de significados financeiros emergidos pela demanda dos estudantes, procurando instigar o jovem em “o que acontece se?” num movimento contínuo de chamamento e convite. Para esta investigação nos movimentamos pelos diferentes ambientes de

aprendizagem¹⁰ descritos por Skovsmose (2008), na intenção de nos movermos para um cenário de investigação¹¹. Esse movimento será apresentado através de atividades desenvolvidas na sala de aula, com objetivo de possibilitar e contribuir com o empoderamento para a tomada de decisões frente ao futuro e os projetos profissionais de vida dos estudantes.

10 Os ambientes de aprendizagem são criados a partir de situações instigadas pelo professor, propriamente na disciplina de matemática. Estas atividades podem ter um caráter significativo, ou seja, o estudante consegue relacionar a sua semi-realidade ou realidade. Ou, apenas, identificar determinada atividade como um simples exercício.

11 Um cenário de investigação instiga o estudante a questionar sua realidade, formular questões, ou seja, os estudantes são responsáveis junto ao professor pelo processo de ensino e aprendizagem.

CAPÍTULO IV – TESSITURAS DE UMA CAMINHADA

*A resposta é sempre um trecho do caminho
que está atrás de você.
Só uma pergunta pode apontar o caminho
para frente.*
(GAARDER, 1997, p.27-28).

Como já descrito, a primeira aproximação com os sujeitos da pesquisa ocorreu no mês de maio de 2014, fase que denominamos “etapa exploratória”. A segunda etapa correspondeu à pesquisa de campo, consolidada por meio de encontros quinzenais no período pré-estabelecido com a escola. Estabelecemo-nos na escola através de uma das ferramentas norteadoras da Pedagogia da Alternância, chamada de visita de estudos ou de intervenções. Nesses encontros, desenvolvemos atividades de Educação Financeira a partir de uma perspectiva teórico-crítica, fundamentada pela Educação Matemática Crítica.

Tendo no horizonte o objetivo proposto, investigar as contribuições da Educação Financeira Crítica no empoderamento dos jovens campesinos diante do seu Projeto Profissional de Vida, o processo desenvolvido nos permitiu, conforme preconiza Fiorentini (2007), identificar, selecionar episódios, depoimentos ou partes do texto que tinham relação explícita com a questão investigativa e, dessa maneira, organizar nosso diálogo com esses dados a partir das seguintes categorias: Pensando os Ambientes de Aprendizagem: do convite inicial à busca de cenário para investigação ; a perspectiva para o futuro x A influência da família; Contribuições do Projeto de Vida do Jovem Campesino, sobre as quais discorreremos, a seguir.

4.1 Pensando os ambientes de aprendizagem: do convite inicial à busca de cenário para investigação

Um primeiro encontro, indiferente da situação, causa-nos insegurança, curiosidade, expectativas, dentre outras sensações. Como pesquisadora, tive a mesma sensação frente às expectativas de saber se os jovens aceitariam meu convite para dialogar sobre Educação Financeira. Conforme Skovsmose (2008), para uma intervenção, é necessária uma “aceitação” por parte dos sujeitos envolvidos, para que

haja um processo de exploração tanto do pesquisador quanto dos sujeitos da pesquisa. Além da aceitação, o “professor”, o “pesquisador” precisa, por meio de sua intervenção, desafiar e proporcionar um ambiente em que o estudante, o aluno, o jovem possa formular e procurar explicações. “O convite é simbolizado por seu ‘Sim, o que acontece se...?’. Dessa forma, os alunos se envolvem no processo de exploração. O ‘Por que isto?’ dos alunos indica que eles estão encarando o desafio e que estão em busca de explicações.” (SKOVSMOSE, 2008, p.21).

Para tecer os primeiros fios em busca de um cenário de investigação, descrevemos algumas atividades que nos propiciaram o deslocamento pelos diferentes ambientes de aprendizagem, com intento de oportunizar aos jovens situações de consumo que lhes permitissem escolher, decidir e questionar, com perspectivas autônomas e críticas.

4.1.1 - A caminho do campo: o reencontro

Mesmo que depois de feito um convite inicial para a participação na pesquisa, em maio de 2014, estávamos conscientes de que desenvolver atividades com estudantes requer do pesquisador/professor um chamamento para que o convite seja aceito novamente a cada encontro. Ou seja, é um processo contínuo e, por isso, cada situação, cada atividade deixava-me insegura.

Em setembro de 2014, reencontramo-nos: os 23 jovens se propuseram a vir e discutir Educação Financeira. Para um novo chamamento, organizei duas atividades: “escolhendo um presente” e a “propaganda comercial”. O objetivo dessas atividades foi acolher o grupo e identificar as sensações produzidas voltadas ao desejo e ao consumo, bem como iniciar o diálogo sobre o tema Educação Financeira. A seguir, descrevemos brevemente o desenvolvimento de cada uma das atividades.

i) Escolhendo um presente

Enquanto os jovens se organizavam para o terceiro turno na escola, para a acolhida na sala de aula, trouxemos quatro pacotes embrulhados com cores e tamanhos diferentes, dentro de cada um havia um brinde. De certa forma, enquanto entravam na sala, entre uma conversa e outra com os colegas já estavam participando da primeira atividade: O que é essa tal de Educação Financeira? Vamos fazer

contas? Vamos ganhar presentes? Se for para escolher, eu quero o maior! Pelo pacote, aquele deve ser o mais caro...

Assim, pedimos dentre o grupo três voluntários que deveriam observar os pacotes, escolher e justificar aos colegas o porquê de sua escolha:

Eu escolhi o pacote maior porque acho que aqui tem o melhor brinde. J (A)¹²

Escolhi este pacote porque achei o embrulho bonito. J(B)

Como só tenho ainda duas opções, escolhi, entre os dois, o maior. Mas gostaria de ter escolhido um daqueles que os colegas já escolheram. J(C)

Observando o movimento dos jovens ao desembulharem os presentes, percebemos que as sensações produzidas eram de curiosidade e expectativa. Porém, enquanto cada um abria o seu pacote, suas expressões foram mudando, pois não era o que esperavam em relação ao tamanho ou cor do pacote: o melhor brinde estava na caixa de menor tamanho. Um dos jovens, após abrir o pacote, afirmou: “nós escolhemos na empolgação, o que é mais bonito aos nossos olhos, o que chama atenção”. Não me surpreendi com a resposta, pois nós, consumidores, agimos da mesma forma em diversas situações cotidianas.

ii) Sentimentos de poder

Na mesma proposição, esta atividade teve por intento discutir o desejo, o consumo e a produção de significados dos jovens ao visualizarem a imagem que representa uma “marca” famosa.

¹² Quando as citações são dos sujeitos, utilizaremos itálico para diferenciar de citações de autores. E a letra J para se referir ao jovem.

Figura 4 – Propaganda Comercial



Fonte: <http://agencia-artemanha.blogspot.com.br/2009/12/ambiguidade-intencional-duplo-sentido.html>

O que a propaganda lhe traduz?

Liberdade; J(1)

Tipo ele faz a propaganda de uma calça que induz a pessoa a comprar; J(2)

Essa marca é muito cara, e às vezes as calças que não são de marca vestem melhor que uma calça de marca famosa; J(6)

Dá a impressão de um casal feliz; J(9)

Induzindo a comprar; J(18)

Tentando fugir de uma rotina; J(20)

Nem todos os estudantes se manifestaram nessa atividade. Sobre as respostas dadas, para nossa análise, Dividimos os jovens em

três grupos distintos: os Seduzidos, os Comprometidos e os Silenciados¹³. Para os “Seduzidos” a imagem traduziu felicidade, liberdade e poder. Para eles, quem faz o uso da marca indicada na propaganda nunca mantém a mesma rotina, ela é um sinônimo de status. Aos “Comprometidos”, suas falas sinalizam um maior comprometimento para fazer suas escolhas. Já a maturidade é evidenciada quando os jovens observam a “marca” e seu valor comercial, justificando que a peça de roupa não garante uma boa aparência a todas as pessoas que a vestem. Bauman (1998) nos recorda:

Quanto mais elevada a procura do consumidor (isto é quanto mais eficaz a sedução do mercado) mais a sociedade de consumidores é segura e próspera. Todavia, simultaneamente, mais amplo e mais profundo é o hiato entre os que foram seduzidos e passam a agir do modo como essa condição os leva a agir e os que foram seduzidos mas se mostram impossibilitados de agir do modo como se espera agirem os seduzidos. A sedução do mercado é, simultaneamente a grande igualadora e a grande divisora. (1998, p.55)

Pensemos então nos Silenciados e teremos que para alguns esta sedução os colocou em condição de fronteira e a reação foi o silêncio. Assim, emergiram interrogações: não conseguimos sensibilizá-los com o propósito da atividade? Aparentemente não se identificaram ou demonstravam-se deslocados ao fazerem alguma observação. É importante considerarmos aqui o significado do silenciamento desses jovens: o silêncio não é o oposto da comunicação, ele também exprime sentidos. O procedimento de mostrar uma coisa e esconder outras tem, inclusive, uma conotação política:

O silêncio é assim a ‘respiração’ (o fôlego) da significação, um lugar de recuo necessário para que se possa significar, para que o sentido faça sentido. Reduto do possível, do múltiplo, o silêncio abre espaço para o que não é ‘um’, para o

¹³ Justifico estes adjetivos, Seduzidos, Comprometidos e Silenciados para caracterizar os três subgrupos, porém, não significa que os jovens **seduzidos** não tenham responsabilidade e/ou compromissos.

que permite o movimento do sujeito. (ORLANDI, 1993, p. 13).

Assim, o jovem pode fazer escolhas entre o dizer e o não dizer, como tática para evitar rótulos ou classificações, provocando a sua invisibilidade no cenário.

Fazendo um contraponto às manifestações dos jovens, trazemos uma análise para essa mesma propaganda, realizada por jovens de uma escola urbana e apresentada por André Campos (2013), em sua dissertação. Os sujeitos de sua pesquisa (naquele dia somente meninas), ao manifestarem-se acerca da imagem, descreveram que enxergavam um homem lindo e sexy e isso seria atribuído à superioridade de quem usa a marca Levis. Em sua análise, o autor constatou que “[...] a maior parte das opiniões foi centrada na beleza da figura masculina” (CAMPOS, 2013, p. 80). Embora a marca estivesse estampada no cartaz, os olhares não se dirigiam à funcionalidade, durabilidade ou credibilidade do produto, mas se concentravam na promoção/status que aquele jeans poderia conferir.

Percebemos diferenças entre as manifestações dos jovens urbanos, citadas por Campos (2013) e as dos jovens camponeses, tanto na forma de silêncio quanto na verbalização de ideias. Como hipótese para essas diferenças, neste primeiro momento, podemos supor que os jovens camponeses, de certa forma, trazem consigo uma educação financeira. Aos que não se pronunciaram, talvez a imagem e a marca fujam dos parâmetros de sua realidade, e o desejo encontra fronteiras que demarcam possibilidades, definem realidades. Pensamos que isso ocorre dado à importância que os jovens dão a “necessidade”, o valor e a utilidades ao fazer suas escolhas, por serem também responsáveis no processo de obtenção de renda das famílias.

Por intermédio dessas duas atividades informais, de seus contrapontos e hipóteses é que convidamos os jovens para participar da organização dos encontros seguintes, como uma forma de acolhê-los e deixá-los à vontade. Uma maneira de harmonizar o grupo e estabelecer um contrato didático.

4.1.2 Ambientes de Aprendizagem: um percurso não linear

Um professor, indiferente de sua área de atuação ao entrar em sala de aula, para cada atividade proposta aos seus alunos, faz um chamamento, um convite. A aceitação, por parte dos estudantes, ocorre

principalmente pela forma como a proposta mobiliza diferentes interesses dos estudantes e as possíveis relações com as questões do seu cotidiano. Essas proposições, por sua vez, assumem um papel fundamental e desafiante frente ao aprendizado do aluno para desenvolver determinada atividade. Skovsmose (2010) nos apresenta a noção de ambiente de aprendizagem para se referir às condições nas quais os alunos são instigados a se envolverem em sala de aula. Para Bernardi (2011, p. 135):

A palavra “ambiente” significa lugar ou espaço que cerca, envolve. O ambiente de aprendizagem é proposto pelo professor, que pode apenas fazer o convite, pois o envolvimento dos alunos ocorre na medida em que seus interesses se encontram com o mesmo, busca estabelecer relações com outras áreas do conhecimento e o dia-a-dia, trazendo situações que podem ser trabalhadas de diversas maneiras, utilizando ideias e diferentes algoritmos. Neste caso o convite está se referindo a indagação e investigação.

Um ambiente de aprendizagem pode ser desenhado de várias formas, ou seja, depende do significado atribuído por cada um dos estudantes. Conforme Skovsmose (2000), um ambiente pode dar suporte a um trabalho de investigação e caracterizar um cenário de investigação. Nessa vertente, com intenção de chamá-los para a organização das atividades, discutindo desejos e necessidades relacionados à sua vida privada e em sua propriedade, organizamos a turma em grupos de cinco pessoas, para que dialogassem sobre possíveis temas a serem abordados durante a intervenção na escola. A questão elencada era: de que tratamos quando falamos em Educação Financeira?

Planejamento para aquisição de utensílios. Tem que saber se vale a pena comprar uma máquina ou o que, sei lá, se tem “utilidade”. J(1)

Fazer a gestão do gasto da propriedade. Porque muitas propriedades estão falindo. J(4)

Poupança, para saber quanto cada propriedade poderia guardar por mês. J(6)

Metas, para ver o que vamos fazer no futuro para viver e calcular os gastos desnecessários para saber o que precisa e o que não precisa. J(7)

Juros simples e compostos, para ter um entendimento para na hora saber o que fazer. J(13)

Planilhas de gastos, a importância da planilha na propriedade. J(17)

Planejamento de investimentos, pensei em planejamento para não sair investindo em qualquer coisa. J(16)

Juros, atenção quanto aos juros, porque o jovem faz financiamento e pegando dinheiro para ele, não importando quanto será o juro, para ele não importa. J(19)

Em cada atividade proposta pelos jovens existe uma interlocução com a matemática, especialmente a Matemática Financeira, mesmo que não explicitada por eles. Skovsmose (2008) salienta a relação da matemática e seu papel social, evidenciando uma matemática em ação, justificando que “muitas coisas podem ser realizadas quando a matemática está em jogo”. Para o autor, esta matemática em ação estaria fazendo parte de, como menciona ele, “nosso mundo-vida, podendo servir aos propósitos mais variados” (SKOVSMOSE, 2008, p.12).

Dessa maneira, pensar atividades de Educação Financeira para os jovens camponeses de forma crítica exige também refletir sobre a matemática presente na Educação Financeira e as possibilidades em entender e relacionar com o cotidiano desses sujeitos. A importância visualizada por eles consiste em um meio de trazer benefícios ao seu futuro frente sua propriedade e suas tomadas de decisões.

Trazendo ao centro os temas citados para esta investigação, a matemática se torna um indicador indispensável na composição das atividades propostas. Os temas elencados fizeram tanto a pesquisadora quanto os sujeitos da pesquisa saírem de sua zona de conforto. Esse movimento é proporcionado a partir de um cenário de investigação, conforme reforça Skovsmose (2008, p. 21):

Um cenário para investigação é aquele que convida os alunos a formular questões e a procurar explicações. O convite é simbolizado por seus “Sim, o que acontece se...?”. Dessa forma, os alunos se envolvem no processo de exploração. O “ Por que isto...?” dos alunos indica que eles estão encarando o desafio e que estão em busca de explicações. Quando os alunos assumem o processo de exploração e explicação, o cenário para investigação passa a constituir um novo ambiente de aprendizagem. No cenário para investigação os alunos são responsáveis pelo processo.

Acreditamos que a proposição de temas/atividades apresentados pelos estudantes seja motivada pela preocupação com a propriedade, a necessidade de gestão e a possibilidade que identificam de a escola contribuir com sua vida familiar e comunitária. Enquanto pesquisadora, promover um ambiente de aprendizagem que possibilite e desafie o processo de formulação de perguntas, exploração e explicação, fez-nos primeiramente entender a diferença entre as práticas de sala de aula baseadas em um cenário de investigação e aquelas baseadas no paradigma do exercício.

De acordo com Skovsmose (2008), quando permitimos aos estudantes diferentes ambientes de aprendizagem, baseados em um cenário de investigação, tiramos de foco o paradigma do exercício, que pode apresentar-se sob duas formas na sala de aula, são elas: i) o professor apresenta algumas ideias e técnicas matemáticas e, após, o aluno reproduz o que aprendeu sob exercícios resolvidos; ii) o professor ocupa a maior parte do tempo explicando, ou o aluno passa a maior parte do tempo resolvendo exercícios. Nessas aulas, o livro didático representa a única ferramenta em sala de aula. O autor alerta que “[...] a premissa central do paradigma do exercício é que existe uma, e somente uma resposta correta” (SKOVSMOSE, 2008, p.16). Em contraposto, traz as práticas de sala de aula baseadas em um cenário de investigação, tornando-se essas aulas diferentes daquelas baseadas em exercício. “A distinção entre elas tem a ver com as “referências”¹⁴ que visam levar os

¹⁴ Termo utilizado por Skovsmose (2008) quando propomos uma atividade baseada em cenários para investigação, desejando que os alunos deem significado para o que querem aprender.

estudantes a produzir significados para atividades e conceitos matemáticos”. (SKOVSMOSE, 2008, p.22).

É a partir das referências atribuídas aos estudantes para determinado assunto que incorporamos os motivos e as ações que de fato podem produzir significado na Educação Matemática. Segundo o autor, temos diferentes tipos de referências possíveis.

Primeiro questões as atividades matemáticas podem se referir à matemática e somente ela. Segundo, é possível se referir a uma semi-realidade – não se trata de uma realidade que “de fato” observamos, mas de uma realidade construída, por exemplo, por um autor de um livro didático de matemática. Finalmente alunos e professores podem trabalhar tarefas com referências a situações da vida real. (SKOVSMOSE, 2008, p. 22).

Para melhor entendimento, o autor desenvolveu uma tabela denominada ambientes de aprendizagem, com objetivo de demonstrar as “referências” que levam os estudantes a produzirem significados para conceitos em atividades matemáticas. Essas referências são atribuídas à matemática e somente a ela, a uma semi-realidade e à realidade.

Tabela 1: Ambientes de aprendizagem

	Exercícios	Cenário para investigação
Referência à matemática pura	(1)	(2)
Referência à semi-realidade	(3)	(4)
Referência à realidade	(5)	(6)

Fonte: Skovsmose (2008, p. 23)

Ambos, o paradigma do exercício e os cenários para investigação dentro das referências à matemática pura, à semi-realidade e à realidade estão presentes na sala de aula. Porém, nem todos os

professores e estudantes conseguem transitar por esses ambientes, porque, assim como em um cenário, transitar pelos ambientes depende das referências atribuídas pelo professor e da aceitação por parte dos estudantes. Conforme Skovsmose (2008), o tipo (1) é aquele denominado por exercícios apresentados no contexto da “matemática pura”. O tipo (2) é caracterizado como um ambiente que envolve números e figuras geométricas. O tipo (3) é constituído por exercícios com referências à semi-realidade, porém, às observações de como a matemática opera em situações na vida real não tem sido consideradas neste caso. O tipo (4) também tem referências à produção de exercícios, mas há um convite para que os educandos façam as explorações e aplicações. O tipo (5) oferece exercícios baseados na vida real, há um diálogo entre o professor e o aluno. O tipo (6) é representado por um grau maior da realidade, a partir de trabalhos com projetos. Nesse último ambiente, “A reflexão crítica sobre a matemática e a modelagem matemática ganha um novo significado” (SKOVSMOSE, 2008, p. 30).

A linha vertical que separa exercícios e cenários de investigação é uma linha muito “espessa” que nos coloca em zona de conforto e, algumas vezes, em zona de risco. Entender esses ambientes de aprendizagem e sua importância em sala de aula significa romper com os modelos tradicionais de ensino e atuar em espaços diferentes, conforme a proposta da Pedagogia da Alternância e suas ferramentas pedagógicas. No caso da presente pesquisa, o entendimento e estudo de cada instrumento pedagógico foram importantes para a construção das atividades desenvolvidas durante os encontros com os jovens.

i) Trabalhando com a semi-realidade: juros simples e composto

Em um encontro com os estudantes, propusemos um problema envolvendo juro simples e juro composto, buscando explicar aos jovens a diferença entre eles e a forma pela qual são feitos os empréstimos bancários, bem como a importância do conhecimento matemático frente a situações diárias.

Seu João aplica na poupança um valor de R\$ 2.500,00 em duas instituições financeiras diferentes. Na instituição financeira A, sob forma de juros Simples, e na Instituição B, sob forma de juros compostos.

Verifique o montante produzido pelas diferentes instituições, durante um período de 2 anos e taxa de 0,5% a.m.

Fazendo uso da tabela de ambientes de aprendizagem, iniciamos esta atividade no ambiente (3), construído por exercícios sobre a semi-realidade, com intenção de nos movimentarmos para o ambiente (4) onde os alunos (jovens) fizessem explorações e aplicações ao seu cotidiano a partir de um problema matemático. Esse movimento foi observado apenas entre alguns jovens. Dessa forma, algumas pressuposições foram levantadas: desinteresse por parte de alguns por não saber como resolver o problema; por não ter um conhecimento prévio sobre o assunto, não conseguiram fazer uma associação com a sua realidade; o exercício proposto não teve significado ao jovem, por não fazer parte de sua realidade.

A diversidade do grupo e as diferenças nos processos de ensino aprendizagem são enfrentamentos que o professor pode encontrar ao propor uma atividade. A caminhada de cada estudante para resolução ou não de um exercício depende do significado atribuído por ele. Em um cenário de investigação, o professor precisa saber lidar com essas diferenças, respeitando que a caminhada pode ser distinta para cada estudante. Deveras, concordamos com Skovsmose (2000, 2008), quando afirma que para uma determinada atividade, dependendo do significado produzido, estamos operando em “qualquer” parte da tabela de aprendizagem. Fundamentamos essa afirmação, ao perceber que alguns jovens desenvolveram a atividade no ambiente (1), enquanto outros se deslocaram para o ambiente (5), quando fui questionada, por exemplo, sobre o sistema de financiamentos, pois seus pais possuíam financiamento a partir do PRONAF¹⁵. Portanto, os significados produzidos por cada estudante influenciam diretamente na sua forma de pensar e agir na resolução de qualquer atividade em sala de aula.

¹⁵ Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar

ii) O que fazer com dinheiro?

Descrevemos a situação a seguir a partir de uma semi-realidade com o intuito de avistar quais seriam os objetivos dos jovens frente ao seu futuro, trazendo ao foco o consumo e o ato de poupar.

Propusemos: Imagine que seu pai fez uma poupança quando você nasceu. Depositando todos os meses, durante 18 anos, o valor de R\$ 100,00. O que você faria com este dinheiro?

Tempo	Valor na Poupança
18 anos	R\$ 39.028,99
20 anos	R\$ 46.535,11
25 anos	R\$ 69.745,89
30 anos	R\$ 101.053,76

A manifestação de alguns jovens foi:

Primeiramente, pagar minha faculdade, depois construir minha casa, comprar meu carro e para outras necessidades. J(1)

Eu pagaria minha faculdade (Administração) e o que sobrasse eu compraria ou pagava umas coisas e o restante guardaria para quando fosse necessário. J(2)

Com esta economia eu faria investimento em um lote. Pelo fato de ser um investimento que tem retorno. J(4)

Pensaria muito bem para fazer um bom investimento para obter lucros. J(5)

Caso permanesse na propriedade, iria investir em uma atividade que seja rentável na propriedade, e caso isso não aconteça, irei fazer uma boa faculdade para garantir meu futuro. J(6)

Com este dinheiro conversaria com minha família sobre a permanência no campo, se eles aceitarem investir em novilhas com alta genética e equipamentos. Se eles não aceitarem a permanência, vou investir em um curso de eletromecânica. J(21)

Assim, consideramos para esta atividade estarmos nos movimentando em um ambiente de referência à semi-realidade (3) e (4). Chamou-nos a atenção que a maioria dos jovens sentiu-se motivada em refletir sobre o que fazer com o “dinheiro”, trazendo perspectivas de sonhos e, nesse transitar, movemo-nos para um cenário de referência tipos (5) e (6), pois além do diálogo entre o jovem e o professor (pesquisador), os mesmos demonstraram ter um projeto para o seu futuro. Nesse viés, concordamos com Skovsmose (2008, p. 38):

Realizar um movimento, das referências à matemática pura para as referências da vida real pode ajudar a oferecer recurso para reflexões sobre a matemática [...]. Referências a vida real parecem ser necessárias para estabelecer uma reflexão detalhada sobre a maneira como a matemática pode operar em nossa sociedade.

Diante das condições em que nos encontramos em dias atuais, em que o “ter” se sobrepõem ao “ser”, perguntamos aos jovens qual a importância por eles atribuída ao ato de poupar.

Ter sempre dinheiro guardado, caso haja uma grande necessidade, mas também, poupar é garantir nosso futuro, sempre evitando desperdícios. J(3)

Para poder juntar valores e no futuro fazer algum investimento. J(4)

Porque eu já trabalhei na roça e eu sei de onde vem o dinheiro que é sofrido para fazê-lo, por isso eu acho importante poupar. J(5)

É comprar somente o necessário, sem desperdícios, para não trabalhar no vermelho,

pois se não comprarmos somente o necessário iremos fazer gastos desnecessários. É importante poupar para futuramente, porque quando precisar o dinheiro estará disponível. J(8)

A importância de poupar é meio de crescer mais responsável e também de saber viver e ter uma vida digna. J(15)

É porque, se soubermos poupar, sempre teremos dinheiro numa necessidade. J(19)

Economizar para adquirir melhores preços. É a melhor forma de investir no futuro que nunca se sabe quando precisamos. J(21)

Porque futuramente comprar os imóveis ou um carro à vista, sem juros. E para quando eu precisar de dinheiro, eu retiro de minha própria poupança. J(22)

Percebemos pelas respostas que, para os jovens entrevistados, o ato de poupar não é visto como uma punição, mas como uma preocupação em garantir uma vida digna, com comodidade e conforto a seus familiares pelo esforço de seu trabalho diante de seu presente e ao seu futuro.

Nesse contexto, concordamos com Chiarello (2014) que a Educação Financeira nos mobiliza a buscar entender as dimensões sociais, econômicas, políticas e culturais, sendo necessário tencionar as relações com a sociedade não somente quando envolvem desigualdades, mas também questões ambientais, salariais e classes sociais. Construir um conceito para o ato de “poupar” entre os jovens exige fazê-los compreender, assim como eles evidenciaram em suas respostas, que este ato não vai lhes causar sofrimento. Entendemos que educar e educar-se financeiramente precisa ser uma atitude prazerosa com intento de melhorar a vida dos indivíduos e não uma punição. Assim, como coloca Skovsmose (2008, p. 104), “a educação matemática pode servir também para potencializar os alunos”, ou seja, é uma matemática para o *empowerment*.

i) Referência à Realidade: Construção da planilha financeira

Trazendo à tona a referência à realidade dos jovens camponeses, pedimos para que, junto aos seus pais, cada estudante anotasse as receitas e despesas¹⁶ da propriedade. Propusemos a construção de uma planilha utilizando o programa excel¹⁷ para acompanhar o movimento financeiro da propriedade, controlando as receitas e despesas, usufruindo de uma ferramenta tecnológica, uma novidade para a grande maioria, pois as anotações aconteciam somente no papel. Surpreendemo-nos com o interesse por parte de todos ao construir suas planilhas financeiras.

Com vistas à realidade do jovem, esta atividade teve por objetivo trazer ao foco o gerenciamento da propriedade/família e a utilização de novas ferramentas. Antes de iniciá-la, perguntamos aos jovens como era feito o controle de receitas e despesas, sendo que todos poderiam trabalhar com valores reais ou fictícios. Para tal, trouxemos uma tabela base do Excel, adequada por cada jovem a partir de seus dados.

¹⁶ Os jovens que não quisessem expor as receitas e despesas poderiam trabalhar com valores fictícios.

¹⁷ O Excel é um software que permite criar tabelas e calcular e analisar dados. Este tipo de software é chamado de software de planilha eletrônica. O Excel permite criar tabelas que calculam automaticamente os totais de valores numéricos inseridos, imprimir tabelas em layouts organizados e criar gráficos simples.

Figura 5: Planilha apresentada pela pesquisadora

	A	B	C	D	E	F
4	Salário					R\$ 0,00
5	Horas Extras					R\$ 0,00
6	Outros					R\$ 0,00
7	TOTAL DE RECEITAS	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00
8						
9	ECONOMIAS E INVESTIMENTOS	1ª SEMANA	2ª SEMANA	3ª SEMANA	4ª SEMANA	TOTAL
10	Investimentos (poupança, cdb, etc)					R\$ 0,00
11	Previdência					R\$ 0,00
12	fundo de reserva					R\$ 0,00
13	Realização de planos futuros					R\$ 0,00
14	TOTAL DE ECONOMIAS E INVESTIMENTOS	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00
15						
16	DESPESAS	1ª SEMANA	2ª SEMANA	3ª SEMANA	4ª SEMANA	TOTAL
17	Aluquel					R\$ 0,00
18	carnês/creditários					R\$ 0,00
19	Cartão de crédito					R\$ 0,00
20	Luz					R\$ 0,00
21	Telefone celular					R\$ 0,00
22	Internet/telefone					R\$ 0,00
23	Alimentação					R\$ 0,00
24	Médico					R\$ 0,00
25	Farmácia					R\$ 0,00
26	Combustível					R\$ 0,00
27	Roupas a vista					R\$ 0,00
28	Academia					R\$ 0,00
29	Salião de beleza					R\$ 0,00
30	Outros					R\$ 0,00
31	Lazer					R\$ 0,00
32	Bares/Restaurantes					R\$ 0,00
33	Viagens/Passeios					R\$ 0,00

Fonte: a autora

Figura 06: Planilha organizada por um dos jovens

	A	B	C	D	E	F
4	Entradas/venda de leite					
5	Aluguel/arrendamento					
6	Outros					
7	TOTAL DE RECEITAS	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00
8						
9	ECONOMIAS E INVESTIMENTOS	1ª SEMANA	2ª SEMANA	3ª SEMANA	4ª SEMANA	TOTAL
10	poupança					R\$ 0,00
11						
12						
13						
14	TOTAL DE ECONOMIAS E INVESTIMENTOS	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00
15						
16	DESPESAS	1ª SEMANA	2ª SEMANA	3ª SEMANA	4ª SEMANA	TOTAL
17	Produtos Agropecuários					R\$ 0,00
18	carne/créditos					R\$ 0,00
19	Cartão de crédito					R\$ 0,00
20	Luz					R\$ 0,00
21	Telefone celular					R\$ 0,00
22	Internet/telefone					R\$ 0,00
23	Alimentação					R\$ 0,00
24	Médico/dentista					R\$ 0,00
25	Farmácia					R\$ 0,00
26	Combustível					R\$ 0,00
27	Lazer					R\$ 0,00
28	Outros					R\$ 0,00

Fonte: a autora

A atividade teve a participação de todos os jovens. Dentre os ambientes de aprendizagem, situamo-nos na referência tipo (5), considerando ter havido interação entre os próprios jovens e o professor. Uma troca significativa de experiência, pois alguns jovens trouxeram outras planilhas já utilizadas em sua propriedade para mostrar aos seus colegas. Um desafio! Para o professor, uma zona de risco. Skovsmose (2008) suscita zona de risco onde o professor não consegue prever quais são as questões que irão aparecer, logo, afasta-se do paradigma do exercício. Quando estamos em uma zona de risco, aproximamo-nos de em um cenário de investigação.

De acordo com Penteadó, uma condição importante para os professores se sentirem capazes de atuar na zona de risco é o estabelecimento de novas formas de trabalho colaborativo, em particular entre eles mesmos, mas também com alunos, pais e pesquisadores. [...] Fazer um movimento, na matriz da Figura 5 do paradigma do exercício, em direção aos cenários de investigação pode contribuir para o abandono das autoridades da sala de aula de matemática tradicional e para levar os alunos a agir em seus processos de aprendizagem. (SKOVSMOSE, 2008, p. 37-38).

A Educação Matemática inspirada pelos cenários de investigação tem por objetivo romper a forma como a matemática é ensinada e trazida para a sala de aula. Pensar e desenvolver as atividades aqui descritas foi uma experiência desafiadora em todos os encontros, pois, assim como os estudantes, também temos nossos limites, nossas fronteiras.

Salientamos a aproximação com um cenário de investigação pelo fato de os jovens sempre aceitarem nosso “convite” para cada atividade. Porém, esta aceitação para desenvolver tal atividade não garante que o estudante tenha dado significado ou lhe proporcionou expectativas e aspirações. A perspectiva dos cenários de investigação foi importante na fundamentação de nossa pesquisa de campo. Movemo-nos de uma zona de conforto para uma zona de risco, proporcionando deslocamentos entre o paradigma de exercício para um cenário de investigação. Concordamos com um dos objetivos traçados por Skovsmose (2007, 2008) quando afirma que para trabalharmos com a

matemática precisamos lidar com as incertezas e dar possibilidades aos estudantes em relacionar e aplicar as noções matemáticas em diferentes contextos. Essa premissa vem ao encontro dos objetivos da Educação do Campo em entender a cultura, a dinâmica social e educativa dos diferentes grupos que formam o povo do campo, dando-lhes condições educacionais para que o ensino e a aprendizagem ocorram a partir de suas experiências.

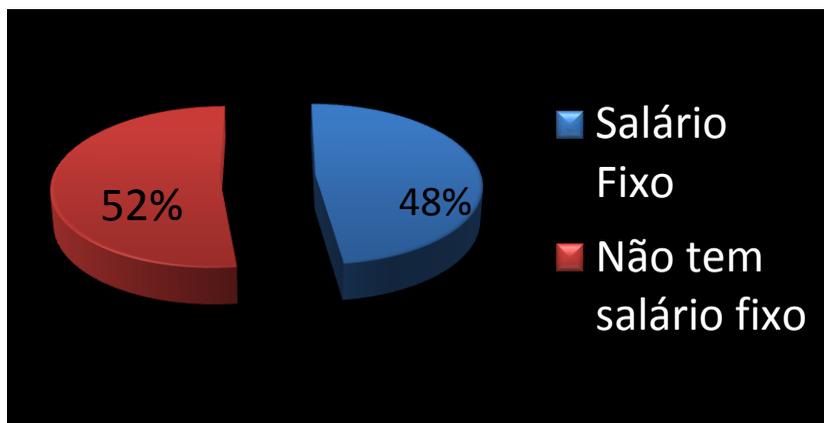
4.2 - A perspectiva para o futuro x A influência da família

A preocupação com o ao futuro é uma tônica entre todos os jovens que concluem o ensino médio. Entre os jovens camponeses, essa perspectiva não é diferente. Porém, vivem uma dicotomia: deparam-se com a vontade de seguir seus estudos, mas, ao mesmo tempo, continuam fazendo parte da mão de obra em sua propriedade.

Nessa trama de incertezas, trazem consigo sua realidade, sua condição econômica e social e a opinião dos pais na tomada de suas decisões. Skovsmose (2008) chama de *background*, ou seja, para a tomada de decisões, qualquer indivíduo leva em consideração a realidade sociocultural, política e econômica na qual está inserido, bem como sua experiência de vida.

Para esta pesquisa, verificamos que os jovens de alguma forma fazem parte da mão de obra em sua propriedade. Alguns recebem um valor aleatório, conforme suas necessidades. Outros recebem mesada ou salário fixo. Dentre os que recebem salário fixo, dois jovens trabalham na cidade e moram com os pais na propriedade. Ao retornarem, fora do expediente, ajudam nos afazeres da propriedade.

Gráfico 1: Remuneração dos jovens



Fonte: a autora

Estudos anteriores, assim citados por Castro(2005), indicam que a migração de jovens do campo para a cidade não é nova na pesquisa sociológica clássica e contemporânea e a cada dia vem ganhando maior proporção. Trazer em tela a remuneração não é o nosso foco, mas entender o porquê de muitos jovens não pretendem permanecer na propriedade após a conclusão do ensino médio ou completar a maior idade é um interessante dado para nossa pesquisa. Conforme Zago (2013, p. 187):

A decisão de moças e rapazes que deixam a casa dos pais em busca de outras oportunidades não é de mão única, mas apoiada em um conjunto de fatores, entre os principais as dificuldades de acesso à terra e à renda, onde desejo de autonomia do jovem em relação à família, além de outras experiências sociais em contraste com o isolamento no campo, que constroem um modo de ser jovem e sua identidade.

Concordamos com a autora que a remuneração, obtenção de renda e autonomia frente ao futuro estão fortemente ligadas à permanência na propriedade. A partir de nossa pesquisa, algumas proposições indicam essa migração:

- A família que tem seu background comprometido não veem uma expectativa para seus filhos/as permanecerem no campo;
- Alguns jovens conseguem avistar possibilidade no campo, construída a partir do movimento escola, família e comunidade.
- Aqueles que desejam permanecer na propriedade trazem consigo o intuito de melhorias para o seu futuro e o de sua família. Porém, esse mesmo desejo esbarra na opinião do responsável pela família, para muitos sendo decisivo em suas escolhas. Como na descrição deste jovem:

Em meu futuro, pretendo ficar na agricultura, organizar melhor a propriedade melhorando a produção leiteira, gado de corte, investindo com financiamentos. Mas isto tudo depende da minha família que é bem indecisa com a minha permanência no campo. E se recusarem minha permanência, irei fazer um curso de eletromecânica. J(21)

Acreditamos que o desejo do jovem em ficar na propriedade, em avistar possibilidades e ter projetos futuros tem a ver com seu *foreground*, termo utilizado por Skovsmose (2008) para designar as expectativas, os planos de vida de cada estudante diante de seu futuro.

Temos por hipótese que as políticas para a Educação do e no Campo e, aqui, a Pedagogia da Alternância e suas ferramentas norteadoras têm contribuído para que o jovem pense no seu futuro, em buscar um novo horizonte no campo com mais qualidade de vida e/ou outra possibilidade fora dele com autonomia e consciência de sua escolha. Em relação à permanência na propriedade e suas implicações para a obtenção de renda e autonomia do jovem campestino, questionamos sobre o planejamento financeiro na família, como organizam a renda da propriedade. Assim manifestaram-se os jovens:

A principal atividade é bovinocultura de leite, seguida de grãos, gerenciados pelo pai. J(4)

Na minha propriedade, a rentabilidade vem da bovinocultura de leite, quem organiza a renda é o meu pai. J(17)

A obtenção dos lucros na propriedade e da bovinocultura de leite e grãos, hoje o gerenciamento é feito pelo meu pai. J(21)

Observamos nos depoimentos que o gerenciamento permanece sob a condução do pai e essa tônica se estende para a maioria das famílias dos jovens. Segundo os professores monitores¹⁸, a presença paterna nas decisões e planejamento familiar é forte entre os jovens/família da escola, mas admitem que isso já foi mais acentuado. Afirmam ainda que, após o jovem entrar na Casa Familiar Rural, esse processo tende a se modificar devido ao propósito da Pedagogia da Alternância em proporcionar uma aproximação entre a escola e a família, por meio das visitas dos monitores na propriedade, momento em que os pais podem buscar informações sobre melhorias, técnicas e também o próprio desempenho do filho/filha na escola. Dessa forma, essas intervenções nas famílias proporcionam um elo entre escola, jovem e família, e, aos poucos, o jovem vai ganhando a confiança dos pais, passando a contribuir nas decisões familiares. Estudos confirmam que “mudanças no sistema de ensino levam a escola a interferir em domínios de atuação familiar, redefinindo a divisão do trabalho entre ambas.” (ROMANELLI, 2013, p.38). Percebemos a confirmação dessa afirmação e possível mudança na descrição de alguns jovens:

A fonte de renda da minha família vem da produção de grãos e quem faz o controle do planejamento são meus pais e meu irmão. J(23).

Nossa renda vem a partir da produção de horticultura e um pouco de mecânica, e quem organiza é os meus pais. J(22)

Nossa renda vem do gado de leite, quem gerencia é o pai e a mãe, mas eu participo também. J(18)
 Nossa renda é adquirida através da bovinocultura de leite, avicultura e lavoura e o planejamento é feito pelo pai e pelo resto dos familiares. J(17)

¹⁸ Nossas conversas aconteciam antes e após o desenvolvimento das atividades com os jovens. A participação dos professores/monitores foi de grande valia na construção desta pesquisa.

É importante destacar a questão da participação da mulher nos processos de gestão no campo. Segundo os monitores da CFR, considerando os mais de 20 anos da existência dessa escola - em muitas famílias, a presença das mulheres nas decisões não aparecia. Poderiam citar o filho mais velho, mas a mulher não participava em nada. Dessa forma, apesar da centralidade ainda estar com o pai, houve uma significativa mudança em relação à autonomia das mulheres, bem como na a inserção de alguns jovens no processo de tomada de decisões.

A mudança no cenário é um fator importante para delinear o horizonte desses jovens. Considerando a questão financeira colocada em tela neste trabalho, buscamos conhecer o significado do poupar, em que medida influencia na perspectivas que os jovens têm do futuro. Perguntamos então se sua família tem o costume de poupar e como isso seria feito.

Sim, pensamos em poupar não para passar miséria, mas sim para no futuro ter um bom dinheiro para necessidades. J(1)

Sim, tentando guardar um pouco por mês no banco. J(16)

Sim, temos uma poupança e tentamos economizar na luz e na compra de produtos (roupa, alimentos). J(20)

Sim, sempre depositamos 30% na poupança. J(23)

Não, às vezes é depositado. J(4)

Sim, quando sobra é posto no juro. Também não são compradas coisas desnecessárias. J(12)

Na maioria das famílias dos jovens existe uma forma de “Educação Financeira”, pela qual o ato de poupar se faz presente. Os jovens trazem em suas falas a preocupação que os pais têm em caso de uma emergência ou eventualidade. Pela observação das descrições, esse “poupar” não significa uma forma de investir em seu futuro, mas em guardar dinheiro para uma eventualidade, uma emergência, um sentido preventivo e não perspectivo. De acordo com Bauman (1998), no passado, economicamente, os projetos de vida estavam simbolizados

pelas “cadernetas de poupança” e garantiam o financiamento de sonhos aos jovens, mesmo que fosse necessário esperar. Em tempos modernos, essas possibilidades ganham fragilidade. Tudo o que parecia sólido para ancorar um projeto de vida, agora se mostra de maneira incerta e o ato de poupar ganha um novo sentido, o de “prevenção”.

Profissões, ocupações e habilidades correlatas não envelheciam mais depressa do que seus titulares. Nem o faziam os princípios do sucesso: recompensas que saldavam-se afinal de contas a caderneta de poupança sintetizava a prudência e sabedoria do planejamento a longo prazo. (BAUMAN,1998, p.31).

Nessa dialógica, diante de uma sociedade capitalista, na qual novas demandas passam a sobrepor-se sobre ao indivíduo e uma delas é educar-se financeiramente, buscamos junto à escola, a partir de seus instrumentos pedagógicos, oportunizar aos jovens estudantes estratégias para pensar em seu futuro. Sabemos que um jovem, camponês ou urbano, possui sonhos, desejos e perspectivas, assim como dúvidas, inseguranças e fragilidades. Segundo Skovsmose (2008), é por meio também da escola que os alunos refletem sobre suas possibilidades (ou falta de possibilidades) na vida. Por isso, é importante que os processos educativos levem em consideração o *foreground*, ou seja, as expectativas dos estudantes quanto ao seu futuro, um elemento necessário para o entendimento das ações de aprendizagens fora e dentro da sala de aula. As ações são movidas pelas intenções, as quais manifestam aspirações e esperanças. A reflexão acerca dessas questões tem como base o passado e o presente e, quando compreendidas, permite que os estudantes consigam produzir significados para seu futuro.

4.4- A contribuição do Projeto de Vida do Jovem Camponês

O termo Projeto de Vida carrega muitos sentidos, é polissêmico. É então necessário compreendê-lo na contemporaneidade, pensar sua contribuição na vida de cada indivíduo, especialmente, para o jovem camponês. Para essa análise, busquei um aporte em Bauman (1998), fazendo uma leitura sociológica.

Bauman (1998), em sua obra “O mal estar da pós-modernidade”, coloca que, numa sociedade considerada pós-moderna, os indivíduos classificados como “estranhos” são aqueles que não têm medo do novo e dispensam a segurança da vida diária. Porém, a sociedade em si, procurou de alguma forma encaixá-los na intenção de colocá-los em ordem. Dessa maneira, na busca por esta “ordem” o Estado moderno tratou de desacreditar e erradicar das comunidades as tradições e a identidade herdada. Assim, cada indivíduo passou ter a responsabilidade de criar a sua própria identidade. Essa ideia foi lançada como um “projeto”, o projeto de vida.

A identidade devia ser erigida sistematicamente, de degrau em degrau e de tijolo em tijolo, seguindo um esquema concluído antes de iniciado o trabalho. A construção requeria uma clara percepção da forma final, o cálculo cuidadoso dos passos que levariam a ela, o planejamento a longo prazo e a visão através das consequências de cada movimento. Havia assim, um vínculo firme e irrevogável entre a ordem social como projeto e a vida individual como projeto, sendo a última impensável, sem a primeira. (BAUMAN, 1998, p.31)

Percebe-se, assim, a responsabilidade do indivíduo, do jovem em pensar e sonhar um projeto futuro em tempos nos quais a solidez das escolhas se torna insolúvel e traz incertezas. Nessa amplitude, encontra-se o papel da escola, para esta pesquisa a Casa Familiar Rural, quando traz em seu bojo, no processo de formação e avaliação junto aos estudantes, a construção de um projeto profissional de vida.

O Projeto Profissional de Vida do Jovem – PPVJ é um dos instrumentos pedagógicos na escola. É o último instrumento a ser construído na sala de aula antes do encerramento do ensino médio e tem como intuito oportunizar ao jovem e sua família um aprendizado significativo nos sentidos social, ambiental, cultural e econômico. Ao trazermos em tela o Projeto Profissional de Vida do Jovem – PPVJ, ancoramo-nos nos quatro pilares das CEFFAS: a formação integral, o desenvolvimento do meio, a alternância, a associação local.

A formação integral alternada entre a propriedade e o internato está em sintonia com os quatro pilares educação¹⁹ propostos pela UNESCO: aprender a ser, a fazer, a conhecer e a conviver. Sendo um dos pilares, traz consigo “desenvolvimento meio” associando-se ao mundo do trabalho, proporcionando aos jovens uma formação de qualidade que permita-lhes desenvolver um projeto profissional ou projeto de vida.

Segundo Machado (2000), para a ideia de projetos, precisamos levar em consideração seu significado e seus ingredientes fundamentais: a referência ao futuro, a abertura para o novo e o caráter indelegável da ação projetada. “O projeto não é uma simples representação do futuro, do amanhã, do possível, de uma ideia; é o futuro a fazer, um amanhã a concretizar, um possível a transformar em real, uma ideia a transformar e ato.” (BARBIER, 1994, p.52 *apud* MACHADO 2000, p.6).

Essa proposição está fortemente ligada com a intenção dos projetos desenvolvidos pelos jovens campesinos no final de curso, quando o PPJV tem o intuito de ser construído junto aos seus familiares, levando em consideração o meio onde vivem, abrindo possibilidades de inserção profissional e empreendedora em sua propriedade.

Segundo Gimonet (2007), um projeto caracteriza-se, do ponto de vista didático – pedagógico, como um componente curricular e tem a função de sistematizar o conhecimento adquirido pelo jovem campesino em formação. Esse conhecimento lhe permite organizar informações advindas na convivência familiar e comunitária.

O gráfico a seguir demonstra as atividades escolhidas pelos jovens campesinos da CRF Santo Agostinho durante o estágio, em 2014.

¹⁹Segundo Morin (2001), os quatro pilares da educação compreendem:

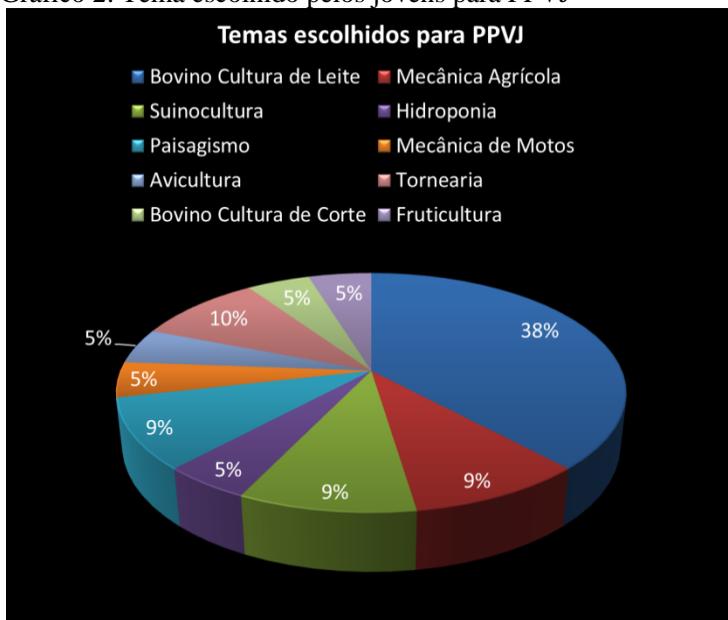
Aprender a Ser: o desenvolvimento tem por objetivo à realização completa do homem e em toda sua complexidade.

Aprender a conhecer: o mesmo que aprender a aprender, o conhecimento não vem de fora, é um processo de construção e reconstrução interior.

Aprender a conviver: tem por objetivo desenvolver a compreensão do outro a percepção das interdependências para realizar projetos comuns, nos valores do pluralismo e da compreensão mútua.

Aprender a fazer: está diretamente relacionada ao aprender a conhecer. Objetiva a formação técnica profissional do aluno e consiste em praticar os conhecimentos teóricos.

Gráfico 2: Tema escolhido pelos jovens para PPVJ



Fonte: a autora

Dentre os temas escolhidos, Bovinocultura de Leite teve maior porcentagem, e entendemos que a escolha se dá por ser uma das atividades econômicas mais desenvolvidas na região na qual a escola está localizada, e, por consequência, nas propriedades da maioria dos jovens estagiários.

Associado ao Projeto profissional de Vida do Jovem, temos o estágio. Ou seja, após a escolha do tema para o projeto, o jovem faz um estágio supervisionado (obrigatório) em uma propriedade ou em uma empresa. Por meio desta experiência, os jovens trocam e aprendem novas técnicas. Ou, uma viabilidade de uma nova fonte de renda a ser desenvolvida. Para Fonseca (2008, p.113), o estágio:

É um meio importante para colocar o estudante na situação de estar aberto a “aprender a aprender”, assim a formação profissional no CEFFA, ajuda o jovem a desenvolver sua capacidade intelectual, de forma que busque em outro meio uma inserção profissional condizente com suas aspirações. O

estudante escolhe as áreas a serem aprofundadas diante das propriedades cadastradas pela escola. Durante o Estágio, o estudante adquire conhecimentos e informações sobre a área profissional escolhida, experimentando situações de trabalho, ampliando seus conhecimentos e obtendo uma visão conjunta sobre a profissão.

Nessa perspectiva, trazemos os objetivos de alguns jovens na construção de seu Projeto Profissional de Vida, e as expectativas atribuídas a esta experiência através do estágio.

JOVEM	Objetivos do Projeto	Expectativas após a realização do estágio
J(7)	[...] O estágio é hora de errar e acertar, pois estamos construindo conhecimento a todo o momento, através da convivência com a empresa e seus integrantes. Sabendo que nossa missão é desenvolver trabalhos com competência e responsabilidade.	<p>Minha experiência durante o estágio não foi o que eu esperava, eu tive uma ótima experiência, pois foi muito melhor, pois eu aprendi a administrar melhor a propriedade.</p> <p>Eu fiz estágio de Hidroponia onde eu aprendi a plantar alface e vender para depois, no fim do dia, colocar tudo no papel, a quantidade que plantei. Também vendi tomate e também coloquei no papel quanto eu vendi.</p> <p>Eu fiz estágio na propriedade do Mário Sasso de Linha Sachet, e eles me ensinaram a colocar no caderno os gastos, que tem na propriedade e os lucros.</p> <p>Na minha casa também é feita esta marcação de lucros e gastos. Ano que vem, em 2015, eu pretendo fazer um curso de Administração, pois os proprietários onde eu fiz o</p>

		estágio querem que eu administre a empresa de hidroponia. [grifos da autora]
J(8)	<p>[...] o objetivo foi elevar meus níveis de conhecimento nesta área. [...] abordar o sistema de confinamento de gado leiteiro chamado de free stall, suas vantagens e desvantagens. Além disso, também abordar o período pré-parto, durante e após o parto de uma vaca. Também os cuidados que se deve ter com as bezerras recém-nascidas.</p> <p>Por fim, abordará a ordenha, especificamente sobre manejo antes, durante e após a mesma.</p>	<p>Meu projeto profissional foi realizado em Quilombo, na Estância Dona Olinda, propriedade da família Dall Acqua, este foi realizado na área de Bovinocultura de leite.</p> <p>Escolhi fazer meu estágio nesta área porque nós já trabalhamos com esta atividade, porém, não temos um conhecimento amplo e aperfeiçoado nisso. Gostei de realizar meu projeto nesta área porque aprendi muito, aperfeiçoando desta forma os conhecimentos nesta área e colocando em prática em minha propriedade o que aprendi em cima do projeto em que desenvolvi.</p> <p>Futuramente pretendo estudar em um colégio agrícola, ou seja, depois que eu me formar na CFR. Pretendo me formar Técnica Agrícola, depois disso começar a trabalhar, e a cada mês juntar um pouco de dinheiro para futuramente eu ter minha própria casa, meu carro, entre outros. Também pretendo me aperfeiçoar especificamente em uma área técnica. [Grifos da autora]</p>
J(17)	O estágio foi realizado com o propósito de intensificar uma forma	Durante o projeto profissional eu adquiri mais conhecimentos sobre a

	<p>de criar bezerras, já que a propriedade trabalha com bovinocultura de leite. [...] a importância de boas instalações, alimentos de qualidade e resultado a ser esperado depois de um bom manejo que seria alcançar em menor tempo a sua fase produtiva.</p>	<p>bovino cultura de leite vendo e fazendo orçamentos e contas para ver se os investimentos irão dar certo. Tenho expectativas de ser um bom gestor na propriedade realizando as atividades com segurança e cometendo menos erros possíveis. [Grifos da autora]</p>
<p>J(18)</p>	<p>[...] tem como objetivo entender melhor os aspectos que contribuem para a obtenção de uma silagem nutritiva e de boa qualidade, com menores perdas e maior conservação de nutrientes, para consequentemente poder melhorá-la em minha propriedade, para a maior obtenção de ganhos no leite e contribuir para a maior sanidade do animal.</p>	<p>[...] Comecei a estudar na CFR em 2011 e agora, em 2014, estou completando o 2º grau do EM. Nos meses de julho e agosto, fiz o estágio na propriedade de Vitalino Vendrusculo em Linha Nova Brasília.</p> <p>O estágio possuía como finalidade perceber e aprender práticas para melhor confecção da silagem, para maior retorno na área da bovino cultura de leite.</p> <p>A propriedade possuía 43 vacas em lactação, mais alguns animais, como: terneiros, novilhas e vacas secas. Além disso, na propriedade há a atividade da suinocultura. A alimentação dos bovinos de leite na propriedade é principalmente a silagem, associada à ração e ao sal mineral, dado nos coxos e a pastagem de tifton, capim ares</p>

		<p>e aveia. A silagem é fornecida 3 vezes ao dia. Futuramente pretendo continuar em minha propriedade pois estou nesse ano, após ter feito um projeto, e colocando em prática e permanecendo na propriedade, continuando a fazê-la viável. Além disso, pretendo continuar estudando, fazendo cursos e de repente uma faculdade, para continuar aprendendo e aprimorando o que já sei. [Grifos da autora]</p>
--	--	---

Ao observarmos os objetivos desses jovens, percebemos que alguns não explicitam com clareza sua real intenção. Mesmo assim, a experiência de estágio lhes permitiu pensar em ir “além”, conseguindo avistar um horizonte para a agricultura na possibilidade de manter-se na propriedade. Por outro lado, o projeto profissional de vida, sendo uma ferramenta avaliativa, com um propósito importante na vida de cada jovem, em projetar seu futuro profissionalmente, por ora tem caráter dicotômico, pois alguns jovens avistam outras oportunidades fora do campo. E isso fica explícito na descrição dos jovens:

JOVEM	Objetivos do Projeto	Expectativas após a realização do estágio
J(1)	Presenciar e aprender novas formas de lidar com gado leiteiro. E através deste, poder colocar em prática os conhecimentos adquiridos em sala de aula, adquirindo maior conhecimento de como lidar com	<p>Meu estágio foi sobre Bovinocultura de Leite, mas não tenho certeza se futuramente vou continuar com essa atividade, e no campo.</p> <p>Eu gostaria de fazer faculdade sobre Ciências da Computação, pois amo computadores e me dou muito bem com isso. Adoro tudo que</p>

	produtores rurais de diversos níveis de conhecimento nas áreas agrícolas.	<p>envolve tecnologia. Pretendo ir morar no Paraná, junto ao meu primo em Dois Vizinhos/PR. Gostaria de ter minha própria casa, meu “carrão” e meu “notebook” pretendo trocar a cada dois anos.</p> <p>Se por ventura ficar na propriedade, gostaria de implantar ovinocultura e caprinocultura, pois gosto desses animais e sei lidar com eles. [grifos da autora]</p>
J(6)	Aprender uma nova cultura para auxiliar num futuro negócio. Eu optei por esta atividade porque não conhecia essa cultura e futuramente pensava em segui-la.	<p>No meu projeto profissional que foi na área da Suinocultura, me ajudou a entender um ramo novo, onde eu nunca havia trabalhado em minha propriedade. Os Donos da propriedade onde eu executei o estágio me auxiliou nos primeiros dias dizendo exatamente como conduzir a pocilga. Futuramente não pretendo seguir esta cultura, mas me ajudou muito a entendê-la. Não pretendo realmente seguir na propriedade e sim fazer uma faculdade sobre Engenharia Ambiental, mas quem sabe me interesse mais por essa cultura que está em crescimento e está cada vez mais sendo valorizada. [grifos da autora]</p>
J(11)	Escolhi esta área	Durante o período de estágio tive diversas experiências.

	<p>porque minha família está pensando em ampliar a atividade em nossa propriedade e como não tínhamos nenhuma experiência com ordenha decidi fazer o estágio nesta área.</p>	<p>Meu estágio foi sobre Bovinocultura de Leite, minha família possui a atividade, mas o leite produzido não é comercializado, ficando na propriedade, onde é utilizado para fabricação de queijos que posteriormente serão vendidos. Na propriedade onde fiz o estágio a família controlava bem os gastos, não usando o dinheiro em coisas que não valiam a pena. Minhas expectativas para o futuro são conseguir um bom emprego para ajudar minha família com as despesas da propriedade e posteriormente fazer algum curso ou, se possível, faculdade, mas estou pensando em não ficar na propriedade, mas mesmo assim, se eu sair da propriedade irei ajudar minha família. Eu tinha pensado em permanecer na propriedade, mas alguns problemas com meu pai fizeram eu mudar de ideia, pois se eu ficar na propriedade junto com ele não vai dar certo. [grifos meus]</p>
<p>J(15)</p>	<p>[...] a área escolhida tem muito a ver comigo, pois é onde eu me sinto mais à vontade para aprender novas áreas, novas coisas, e</p>	<p>Estagiei na empresa Comachio Tornais que se trata de um torno mecânico. Para fazer estágio tive apoio dos professores e dos pais. No meu estagio consegui aprender coisas novas que</p>

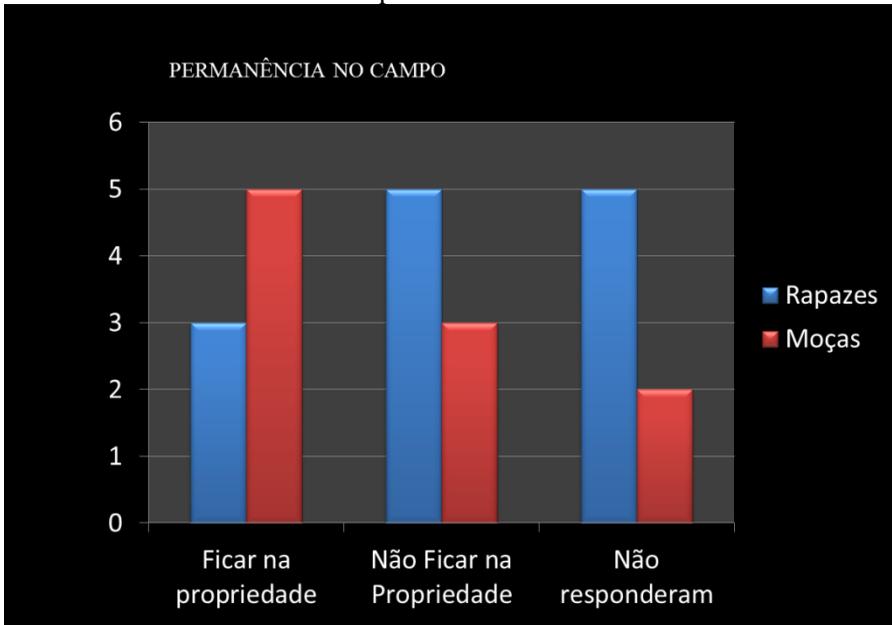
	também buscar a realidade de que é um torno mecânico.	<p>gostaria de aprender, pois na empresa onde realizei esses estágios fui bem atendido. Mas para realizar este estágio tive gastos com alimentação e transporte, mas foi um trabalho muito interessante e após minha formação, pretendo trabalhar na área que escolhi fazer o estágio. Por isso esta área é interessante e pretendo ampliar na área mas não na propriedade.</p>
--	---	--

Ao observarmos a fala destes jovens, percebemos que Projeto Profissional de Vida do Jovem, através do estágio, acaba sendo uma ferramenta avaliativa no processo de formação. Ele, implicitamente, permite ao jovem apoderar-se financeiramente, trocar experiências, tomar decisões e projetar seu futuro (no campo ou fora dele). Bauman (1998, p.35) afirma:

Os projetos de vida individuais não encontram nenhum terreno estável em que acomodem uma âncora, e os esforços de constituição da identidade individual não podem retificar as consequências do “desencaixe”, deter o eu flutuante e á deriva. [...] o mundo pós-moderno está-se preparando para a vida sob uma condição de incerteza que é permanente e irredutível.

Aos que não desejam permanecer no campo, Zago (2013) justifica em sua pesquisa “Agricultura Familiar e Destinos Sociais dos Jovens” que os pais são os maiores incentivadores para que os filhos desistam do campo, pois almejam que os filhos não sofram como eles e busquem um novo caminho fora da propriedade, principalmente através dos estudos. Nos gráficos a seguir demonstramos como se dá esse interesse em permanecer/deixar o campo, entre os participantes da pesquisa, dividindo-os por sexo, no gráfico 3:

Gráfico 3 – Permanência no Campo



Fonte: a autora

Gráfico 4: Perspectivas para os estudos



Fonte: a autora

Ao analisarmos o gráfico 3, de certa forma fica explícito que a Pedagogia da Alternância e seus instrumentos pedagógicos auxiliam o jovem na permanência no campo e/ou lhes permite buscar novas oportunidades além dele. Essa tônica se torna verdadeira ao observarmos o gráfico 4. Mesmo com todos os impasses que as escolas do campo vivenciaram, seja na estrutura da escola, profissionais qualificados e políticas públicas que garantam um ensino de qualidade, 62% dos jovens pretendem estudar permanecendo ou não na propriedade. Consideramos um ponto positivo para estudos em relação aos jovens do campo, pois pesquisas anteriores, como a desenvolvida por Zago (2013), demonstram desistência na continuação dos estudos após a finalização do ensino médio.

Esta sendo a última categoria em análise, procuramos entender a importância do Projeto Profissional de Vida proposto pela Pedagogia da Alternância, fazendo uma observação de cada projeto escrito por

cada jovem. A aproximação e estudo dessa ferramenta nos permitiu compreender sua contribuição no processo formativo, sendo um mecanismo de avaliação decisivo na conclusão do ensino médio. Durante este estudo, algumas proposições foram emergindo em relação ao PPVJ:

- Alguns jovens, ao desenvolver seu projeto, não conseguiram expressar com clareza seus objetivos;
- Alguns fizeram o projeto por obrigação para cumprir um requisito escolar;
- O estágio proporcionou possibilidades de novos aprendizados e caracteriza-se como uma forma de empoderamento ao projetar seu futuro profissional;
- Os Projetos Profissionais de Vida poderiam ter novos elementos se os jovens tivessem dialogado com a Educação Financeira na fase anterior a sua construção. Pensar um projeto profissional implica trazer ao foco seus objetivos pessoais e sua viabilidade econômica.

Muitos fatores estão em torno dessas proposições. Pelo fato de o projeto ser pensado apenas no último ano do ensino médio, perde sua essência de ser um Projeto Profissional de Vida, torna-se meramente avaliativo e, por consequência, obrigatório. Tendo por hipótese que a Pedagogia da Alternância é uma pedagogia que instiga ao jovem continuar seus estudos e permanecer na propriedade com qualidade de vida, a partir do PPVJ e por meio do estágio, permite que o jovem busque e troque novas experiências no sentido de lhes permitir empoderar-se diante de seu futuro, bem como, tomar decisões considerando diferentes variáveis.

Bauman (1999), em sua obra “Modernidade e Ambivalência”, ao tratar de projeto, caracteriza-o como uma ciência moderna. Nasceu da esmagadora ambição de conquistar a Natureza e subordiná-la às necessidades humanas.

A louvada curiosidade científica que teria levado os cientistas “onde nenhum homem ousou ir ainda” nunca foi isenta da estimulante visão de controle e administração, de fazer as coisas melhor do são (isto é, mais flexíveis, obedientes, desejosas de servir). Como efeito, Natureza acabou por significar algo que deve ser subordinado á vontade e a razão humana – um objeto passivo da ação com um propósito, um

objetivo em si mesmo desprovido de propósito e portanto à espera de absorver o propósito injetado pelos senhores humanos. [...] Despojada da integridade e significado inerentes, a Natureza parece um objeto maleável às liberdades do homem. (BAUMAN, 1999, p. 48).

Dessa maneira, no mundo contemporâneo, pensar em perspectivas futuras para um projeto profissional de vida exige impreterivelmente pensar na subjetividade de cada indivíduo, suas necessidades e intenções. Portanto, acreditamos e defendemos a importância da Educação Financeira na escola como um mecanismo que fortalece as escolhas de cada jovem. Um projeto nessa esfera exige pensar financeiramente, ou seja, é fundamental que o jovem mobilize-se para uma situação financeira mais confortável, no sentido de poder e de consumo. Faz-se necessário criar situações que lhes permita refletir seus objetivos com autonomia e consciência de suas escolhas, pois ele é jovem e está arquitetando seu futuro. Assim, na construção das categorias descritas, buscamos explicitar a Educação Financeira através de atividades de forma a promover uma educação financeira crítica que contemple de fato a formação integral do jovem campesino.

V CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um projeto significa sempre a antecipação de uma ação, envolvendo uma referência ao futuro. Distingue-se, no entanto, de uma previsão, uma simples visão prospectiva ou de uma conjuntura, [...] é um futuro que está sendo gestado de uma realidade que está sendo construída. (MACHADO, 2000, p. 5).

Para finalizar esta dissertação, busco em minha experiência reavaliar o percurso feito até aqui. Ao ingressar no PPGE, as primeiras semanas de aula foram marcadas por muitas dúvidas e insegurança. A intenção de trabalhar uma proposta de Educação Financeira com os jovens campesinos numa perspectiva crítica que pudesse contribuir no seu empoderamento e na sua tomada de decisão exigia-me outras leituras para além do tema proposto.

Através da disciplina Produção do Conhecimento, fui apresentada a Zygmunt Bauman. Por meio da leitura de suas obras, ao tratar o autor da educação, da juventude, da vida financeira e da modernidade líquida, encontrei uma possibilidade de criar um espaço, através da Educação Financeira, que nos permitisse dialogar com os jovens campesinos, partindo do Projeto Profissional de Vida. Para qualificar esse diálogo, busquei aporte teórico na Educação Matemática Crítica, procurando entender os diferentes ambientes de aprendizagem que nos auxiliaram na compreensão de cada atividade desenvolvida com os jovens. Assim, o presente trabalho, que tem como elemento fundante o jovem campesino, foi construído ancorado em uma leitura sociológica de Bauman do papel da escola, do jovem, do projeto de vida e da Educação Financeira, buscando o sentido de empoderamento em uma perspectiva crítica, à luz da teoria de Skovsmose (2001, 2008, 2013).

Durante a caminhada, senti-me sempre em uma zona de risco devido à complexidade dos três temas elencados: Educação do Campo, Educação Matemática Crítica e Educação Financeira, cuja tessitura teórica e empírica mobiliza este trabalho, que intitulamos Educação Financeira Crítica: uma Perspectiva de Empoderamento para Jovens Campesinos.

A definição do aporte teórico foi importante para o delineamento e desenvolvimento de toda a pesquisa, incluindo a escolha da metodologia. Assim, a pesquisa foi delineada com natureza qualitativa, através da pesquisa-ação. O caminho metodológico, os

instrumentos de coleta, método de registros e análise de dados foram escolhidos e adequados ao objetivo maior desta dissertação: analisar as contribuições da Educação Financeira Crítica no empoderamento dos jovens camponeses ao pensar seu Projeto Profissional de Vida, desenvolvido no final do Ensino Médio na Casa Familiar Rural.

Na perspectiva da Educação Matemática Crítica, conforme Skovsmose (2008), o empoderamento tem por objetivo potencializar os estudantes para situações matemáticas que estão além da sala de aula. Ancorados por este conceito, para o contexto dos jovens camponeses, foi necessário trazer as intenções que foram implicitamente emergindo no decorrer de cada encontro. Observamos que a importância atribuída ao tema deu-se em virtude do papel assumido pelos jovens na obtenção de renda na propriedade. Seu interesse e demanda em relação ao tema originaram-se da preocupação em: como gerenciar a propriedade, fazer bons negócios, evitar gastos desnecessários e como poupar. Para dar significado ao empoderamento neste contexto foi necessário trazer a tona o *background*, o *foreground* e as expectativas de cada jovem para o desenvolvimento de seu projeto com contingência ao seu futuro.

Para nos permitir alcançar o objetivo geral acima descrito, fizemos o desdobramento a partir dos elementos que seguem, articulados com os objetivos específicos:

i) Das expectativas dos estudantes em desenvolver um Projeto Profissional como contingência para o futuro.

O Projeto Profissional de Vida é a última etapa para conclusão do ensino médio na Casa familiar Rural. Ao analisarmos cada projeto, o tema que esteve em maior evidência foi Bovinocultura de Leite, uma das atividades mais desenvolvidas na região em que a escola está inserida. Implicitamente, foi possível perceber a fragilidade nos objetivos de cada jovem ao escrever seu projeto. Temos por hipótese que, por ser um projeto pensado apenas no último ano do Curso em Técnico em Agronegócio, o jovem não tenha tido o tempo necessário para fazer leituras sobre o tema escolhido, bem como para pensar individualmente e na família a importância no desenvolvimento de um projeto como contingência ao seu futuro. Nessa perspectiva, ficou explícito que alguns jovens fizeram o projeto profissional pensando em novas possibilidades para seu futuro, outros, porém, fizeram-no apenas como uma atividade avaliativa para cumprir com os requisitos do curso. Independente das situações citadas, salientamos que todos os jovens em suas considerações, ao finalizar o relatório de estágio, citam que foi de grande valia a experiência vivida.

Como alternativa de valorização a esta ferramenta de avaliação, acreditamos que se o PPVJ fosse iniciado a partir do segundo ano do ensino médio, os jovens teriam mais tempo para fazer as leituras bibliográficas, o diálogo com a família e [re]significar o papel do projeto em sua vida.

ii) Da identificação de questões financeiras emergentes nas atividades desenvolvidas em seu Projeto Profissional

Em cada atividade proposta pelos jovens, houve uma interlocução com a matemática, mesmo que não explicita por eles. Skovsmose (2008) salienta a relação da matemática e seu papel social, evidenciando uma matemática em ação e justificando que “muitas coisas podem ser realizadas quando a matemática está em jogo”, esta matemática em ação estaria fazendo parte de “nossos mundo-vida, podendo servir aos propósitos mais variados” (SKOVSMOSE, 2008, p.12)

Dialogar com esses jovens em atividades de Educação Financeira de forma crítica exigiu refletir as possibilidades, entender e relacionar com o seu cotidiano. Isso com o intento de trazer benefícios ao seu futuro, sua propriedade e contribuir com a tomada de decisões.

Para eles, apenas por meio dos estudos e de um bom emprego será possível construir a casa desejada, comprar um carro, melhorar as condições de sua propriedade e, em consequência, a vida familiar. Porém, chamou-nos a atenção que os jovens, na intenção de conseguir realizar todos esses desejos, não os estavam relacionando com o Projeto Profissional de Vida. Não havia uma articulação com uma perspectiva futura em relação ao seu projeto de estágio. Nessa esteira, a de se considerar um ponto negativo e ressaltar a importância da Educação Financeira na escola.

iii) Do movimento dos jovens em um espaço escolar na perspectiva crítica e investigativa.

Para compreender esse movimento ocorrido com os jovens, no tempo em que a presente pesquisa foi desenvolvida, foi necessário entender a importância da Pedagogia da Alternância na vida de cada jovem e, primeiramente, gerar a [des] construção de alguns paradigmas que eu havia pré-estabelecido enquanto professora/monitora na CFR. Anterior a todo este percurso, apenas com leituras em Jean Gimonet, meu entendimento me remetia à certeza que esta Pedagogia e todos os seus instrumentos pedagógicos garantiam de fato a permanência do jovem no campo. O encontro com outros autores durante a tessitura desta dissertação me permitiu inferir que a Pedagogia da Alternância

oportuniza a cada jovem fazer suas escolhas entre permanecer ou sair da propriedade. Porém, para ambas as escolhas, procura evidenciar a importância da qualidade de vida e a responsabilidade do jovem para com suas decisões. Seus instrumentos pedagógicos estão muito além de um processo avaliativo/formativo, por isso, podemos inferir que escola, nessa perspectiva, constitui-se em um espaço investigativo que oportuniza ao jovem estudante ser crítico em diversas situações do seu dia a dia, dialogar com sua realidade com possibilidade de decisão, e não seguir uma prescrição histórica, de obediência ou abandono do campo.

A aproximação que existe entre o jovem, escola e família permite o resgate de alguns valores que na escola de ensino regular, na maioria das vezes, passam despercebidos: um simples aperto de mão quando os jovens se encontram no início de cada semana na CFR, a oração a cada refeição, a relação professor/monitor e o jovem, a disposição e aceitação para com esta pesquisa e, acima de tudo, o respeito para com cada um, indiferente das situações.

É estranho entender como tudo isso acontece, pois a CFR Santo Agostinho, em seus 20 anos, ainda anda a passos lentos. Em seu quadro de profissionais não há nenhum professor efetivo, a direção da escola muda a cada gestão política e os profissionais que ali ingressam em sua maioria nunca tiveram contato com Pedagogia da Alternância. Fica aqui uma indagação: como é possível? Em que medida a Educação Financeira pode contribuir para o projeto de vida do estudante?

Durante esta caminhada, a Educação Financeira demonstrou ser um tema agregador e mobilizador para o jovem dialogar sobre seu PPVJ, elaborar novas conjunturas e dar novos significados para sua construção como um projeto de vida.

Na perspectiva crítica, ela mostra-se como um fio condutor que provoca o jovem a refletir acerca de seu *background*, e pensar em novas possibilidades para sua vida, adições em seu *foreground*, pois os projetos envolvem sempre condições que nos fazem refletir sobre passado e, nesse viés, repensar o presente e projetar o futuro.

A participação dos jovens durante todos os encontros, levando em consideração suas especificidades e dificuldades, permitiu-nos perceber como foi importante esse momento de reflexão e ação.

A proposta de trabalho, na perspectiva da Educação Matemática Crítica, possibilitou esse movimento, demonstrando ser um caminho que pode contribuir com o empoderamento dos jovens camponeses na tomada de suas decisões.

Dessa forma, convidar os jovens para esta caminhada foi muito mais que um desafio pedagógico em pensar em cenário de investigação, foi também repensar a minha prática como professora e refletir sobre minhas dificuldades para questionar e ser questionada em relação ao “que acontece se”.

Desejo que esta caminhada que ora se finda constitua-se como uma porta para que outros possam construir novos cenários para investigação, bem como para ampliar as ações de uma Educação Financeira Crítica. Deixo o convite para que outros possam conhecer e continuar em diálogo com escolas como a Casa Familiar Rural, escolas essas que, na contemporaneidade, conquistaram seu espaço. Porém, mesmo em meio a um cenário de políticas públicas ao seu favor, estão sendo fechadas e os profissionais que nela atuam, em sua grande maioria, são profissionais sem formação para trabalhar diretamente com esses grupos. Uma dicotomia que merece ser estudada e questionada em “tempos de modernidade líquida”.

REFERÊNCIAS

ANTUNES-ROCHA, Maria Isabel; ALMEIDA MARTINS, Maria de Fátima; ALVES MARTINS, Aracy. **Territórios Educativos na Educação do Campo**: escola, comunidade e movimentos sociais. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

ARAÚJO, Jussara de Loiola. Educação Matemática Crítica na formação de pós-graduação em educação matemática. In. : _____ (org.). **Educação Matemática Crítica**: reflexões e diálogos. Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2007. p. 25-38. (Série Stdivm).

ARROYO, Miguel Gozalvez; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Monica Castagna (org.). **Por uma Educação do Campo**. Petrópolis: Vozes, 2011.

BACHELARD, Gaston. **Epistemologia**. Barcelona: Anagrama, 1989.

BAUMAN, Zygmunt. **Capitalismo Parasitário**: e outros temas contemporâneos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.

_____. **Vida para o consumo**: a transformação das pessoas em mercadorias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

_____. Desafios Educacionais da modernidade líquida. **Revista Tempo Brasileiro**. Rio de Janeiro, n. 142, p. 87-101, jul/set. 2002c.

_____. **Modernidade e Ambivalência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

_____. **O mal-estar da modernidade da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

BEGNAMI, João Batista. Pedagogia da alternância como sistema educativo. **Revista de Formação por Alternância** – v 1 (2005) Brasília: União Nacional das Escolas Agrícolas do Brasil, 2006. V- 1 n.2 Semestral.

BERNARDI, Luci Teresinha Marchiori dos Santos. **Formação continuada em matemática do professor indígena Kaingang [tese]:** enfrentamentos na busca de um projeto educativo. Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Florianópolis –SC, 2011.

BIOTTO FILHO, Denival. **O desenvolvimento da matemacia no trabalho com projetos.** 2008. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Campus Rio Claro. Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2008.

BORBA, Marcelo de Carvalho. **Pesquisa qualitativa em educação.** In: ARAÚJO, Jussara de L.; FIORENTINI, Dario; GARNICA, Antônio Vicente; BICUDO, Maria Aparecida V.(orgs). 5 ed. – Belo Horizonte. Autentica Editora,2013.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de diretrizes e base da educação nacional.** Lei. n. 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: < HYPERLINK "http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso 16 dez. 2013">"http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm". Acesso 16 dez. 2013. Acesso em 20 Jan. 2014.

CASA FAMILAIR RURAL SANTO AGOSTINHO. **Projeto Político Pedagógico.** 2014.

CALDART, Roseli Salete. **Dicionário da Educação do Campo.** São Paulo: Expressão, 2012.

CAMPOS, André Bernardo. **Investigando como a Educação Financeira Crítica pode contribuir para a tomada de decisões de consumo de Jovens – Indivíduos- Consumidores (JIC’S).** Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Juiz de Fora-Instituto de Ciências Exatas (UFJF), Juiz de Fora, 2013.

CHIARELLO, Ana Paula Rohrbek. **Educação Financeira Crítica:** novos desafios na formação continuada dos professores. Dissertação de Mestrado. Universidade Comunitária de Chapecó (Unochapecó), Chapecó,2014.

D'AMBROSIO, Ubiratan. **Etnomatemática**: arte ou técnica de explicar ou conhecer. São Paulo: Ática, 1990.

D'AQUINO, Cássia. **Educação Financeira**: como educar seus filhos. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

DIAS, Robson Santos; SILVA NETO, Romeu e. Uma análise das transformações espaciais decorrentes da passagem do regime fordista para os regimes flexíveis de acumulação. **Vértices**. V.6, n. 2, p 9-38, mai/ago 2004. Disponível em: <http://www.essentiaeditora.iff.edu.br/index.php/vertices/articule/view/1809-2667.20040008/92> Acesso em: 14 ago.2013.

ESTADO DE SANTA CATARINA. **Processo PSEE 22547/916**, de 07 dezembro de 1992. Autorização para o funcionamento do ensino fundamental de 5ª a 8ª série na Escola Familiar Rural – Santo Agostinho (experiência Pedagógica). Secretária do Estado de Educação: [Florianópolis], [1992].

_____. **Parecer 349/1992**, de 15 dezembro de 1992. Autorização para o funcionamento do ensino fundamental de 5ª a 8ª série na Escola Familiar Rural – Santo Agostinho (experiência Pedagógica). Secretária do Estado de Educação: [Florianópolis], [1992]

FERNANDES, Bernado Maçano; CERIOLI, Paulo Ricardo; CALDART, Roseli Salete. Primeira Conferência Nacional por uma Educação do Campo. In.: ARROYO, Miguel Gozalvez; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Monica Castagna (org). **Por uma Educação do Campo**. Petrópolis: Vozes, 2011.

FERNANDES, Bernado Maçano. **Territórios da educação do campo**. ANTUNES-ROCHA, Maria Isabel. Territórios educativos na educação do campo: escola, comunidade e movimentos sociais/ Maria Isabel Antunes-Rocha, Maria de Fátima Almeida Martins, Aracy Alves Martins,(org). Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2005. FIORENTINI, Dario. **Investigação em educação matemática**: percursos teóricos e metodológicos. 2 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.

FONSECA, Maria Aparecida. **Contribuições da Pedagogia da Alternância para o desenvolvimento sustentável:** trajetórias de egressos de uma escola família agrícola. Dissertação de Mestrado. Universidade Católica de Brasília. Brasília, 2008.

GAMBOA, Silvio Sánchez. **Pesquisa em educação métodos e epistemologias.** 2 ed. Chapecó: Argos, 2012.

GAARDER, Jostein. **Ei! tem alguém aí?** São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1997.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 5 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIMONET, Jean Claude. **Praticar e compreender a pedagogia da alternância dos CEFFAS.** Petrópolis, RJ: Vozes; Paris: AIMFR- Associação Internacional dos Movimentos de Formação Rural, 2007.

_____. Nascimento e desenvolvimento de um movimento educativo: as Casas Familiares Rurais de Educação e Orientação, 1., 1999, Salvador. **Anais.** Salvador: União Nacional das Escolas Família Agrícola do Brasil, 1999, p. 39-48.

GHEDIN, Evandro. **Educação do Campo:** epistemologia e práticas. São Paulo: Cortez, 2012.

HALL, Alvin. **Quem quer dinheiro?** São Paulo: Caramelo, 2009.

HERNANDEZ, Fernando. **Transgressão e mudança na Educação:** os projetos de trabalho. 5 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

KUNH, Franciele Eleide. **Pedagogia da alternância como proposta de contenção do exôdo rural.** Dissertação de Mestrado. Universidade Comunitária de Chapecó (Unochapecó), Chapecó, 2014.

LAPYDA, Ilan. A **“financeirização” do capitalismo contemporâneo:** uma discussão sobre as teorias de Francois Chesnais e David Harvey. 223 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia). São Paulo, 2011.

LIMA, Adriene Viana. Educação do campo e pedagogia da alternância: algumas considerações metodológicas. **Revista Eletrônica de Culturas e Educação**, v.2, n.6, p.46-60, Set-Dez, 2012.

LUDKE, Menga. ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação - abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

LUNA, Sergio Vasconcelos de. **Planejamento de pesquisa: uma introdução**. São Paulo: EDUC, 1997.

MACHADO, Nilson José. **Educação: projetos e valores**. São Paulo: Escritura Editora, 2000.

MARTINS, José Pio. **Seu futuro: educação financeira e atitudes para conquistar sua independência**. São Paulo: Fundamentos Educacional, 2011.

MINAYO, Maria de Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em Saúde**. 12 ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

MOREIRA, Alice da Silva. **Valores e dinheiro: um estudo transcultural das relações entre prioridades de valores e significado de dinheiro para indivíduos**. Tese de Doutorado, Universidade de Brasília, Instituto de Psicologia, 2000.

MORAES, Roque. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Ciências & Educação**: Bauru, SP, v.9, n. 2, p. 191 – 210, 2003.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à Educação do Futuro**. 3a. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2001.

NOSELLA, Paolo. **Educação no campo: origens da pedagogia da alternância no Brasil**. Vitória: EDUFES, 2012.

OECD. Recommendation on Principles and Good Practices for Financial Education and Awareness. Directorate for Financial and Enterprise Affairs. Jul. 2005. Disponível em < <http://www.oecd.org> > Acesso em: 14ago. de 2013.

ORLANDI, Eni P. **As Formas do Silêncio:** no movimento dos sentidos. 2.ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1993.

OUTEIRO, Andyara de Santis. **O bancário educador:** contribuições de uma proposta interdisciplinar para a educação financeira sustentável. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC), São Paulo, 2012.

PELICIOLO, Alex Ferranti. **A relevância da educação financeira na formação de jovens.** Dissertação de Mestrado em Educação Matemática. Pontifícia Universidade Católica. Rio Grande do Sul, 2011.

PEZARICO, Giovanna. **A casa, a terra e o mar:** os objetos e os espaços no contexto da Pedagogia da Alternância. 2014. f 193-201. Tese (Doutorado) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Tecnologia, Curitiba. 2014.

QUEIROZ, João Batista Pereira de; SILVA, Virginia Costa e; PACHECO, Zuleika. **Pedagogia da alternância:** construindo a educação do campo. Goiânia: Ed. Da UCG; Brasília: Ed. Universa, 2006.

QUILOMBO. Lei n° 957/92, de 15 dezembro 1992. Cria Escola Familiar Rural no Município de Quilombo e dá outras providencias. Gabinete do prefeito Municipal: [Quilombo], [1992].

_____. Decreto n° 091/93, de 09 junho 1993. Dispõe sobre o regulamento interno da Escola Familiar Rural Santo Agostinho e da outras providências. Gabinete do prefeito Municipal: [Quilombo], [1993].

ROMANELLI, Geraldo; NOGUEIRA, Maria Alice; ZAGO, Nadir. **Família & escola:** novas perspectivas de análise. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

SANTA CATARINA. Proposta Curricular de Santa Catarina. Estudos Temáticos. Florianópolis: IOESC, 2014.

SOUSA, Luciene de. **Resolução de problemas e simulações:** investigando potencialidades e limites numa proposta de educação

financeira para alunos do ensino médio. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Ouro Preto, 2012.

SKOVSMOSE, Ole. Cenários para Investigação. **Bolema**. Ano 13,n.14, 2000. p. 66 a 91.

_____. **Educação matemática crítica: uma questão de democracia**. Campinas: Papyrus, 2001.

_____. **Desafio da reflexão em educação matemática crítica**. Tradução: Orlando Andrade Figueiredo, Jonei Cerqueira Barbosa – Campinas, SP: Papyrus, 2008.

_____. **Educação matemática crítica: a questão da democracia**. 6 ed. Tradução: Abgail Lins, Jussara de Loiola Araújo; Prefácio Marcelo C. Borba. Campinas, SP: Papyrus, 2013.

STEPHANI, Marcos. **Educação financeira: uma perspectiva interdisciplinar na construção da autonomia do aluno**. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2005.

UNEFAB. União Nacional das Escolas Famílias do Brasil. Disponível em: <http://www.unefab.org.br/p/efas_3936>. Acesso em: 04 nov.2014.

APÉNDICE

APÊNDICE I
Questionários de aplicação



UNIVERSIDADE COMUNITÁRIA DA REGIÃO DE CHAPECÓ

Projeto de Pesquisa

Mestranda: Nadia Cristina Picinini Pelinson

Caro aluno (a), jovem estudante da CFR Santo Agostinho, necessito enquanto pesquisadora, que responda este questionário com seriedade para que possamos dar continuidade em nossa pesquisa “Educação Financeira no âmbito da Educação do Campo: Uma Perspectiva de empoderamento para Jovens Campesinos.

QUESTIONÁRIO 01

1. Na sua família há planejamento financeiro, ou seja, como organizam a renda da propriedade?
2. Na sua propriedade rural como vocês orçam os gastos com a produção? (mão de obra).
3. Você tem um salário fixo ou mesada? Comente.
4. Sua família tem o costume de “poupar” economizar? Como?
5. Sua família possui algum tipo de financiamento? Se sim, quando os bancos oferecem linhas de crédito, quais são as análises realizadas?
6. Você teria interesse em participar de um projeto de Educação Financeira? Por quê?



UNIVERSIDADE COMUNITÁRIA DA REGIÃO DE CHAPECÓ

Projeto de Pesquisa

Mestranda: Nadia Cristina Picinini Pelinson

Caro aluno (a), jovem estudante da CFR Santo Agostinho, necessito enquanto pesquisadora, que responda este questionário com seriedade para que possamos dar continuidade em nossa pesquisa “Educação Financeira no âmbito da Educação do Campo: Uma Perspectiva de empoderamento para Jovens Campesinos – Jovens Consumidores/Gestores da Contemporaneidade.

Meus sinceros agradecimentos á você que durante estes quatro encontros dedicou-se e participou nas atividades propostas sempre com educação, respeito e responsabilidade. Com certeza suas informações e participação serão de grande valia e relevância para finalizar minha pesquisa. Muito obrigada.

Questionário 02

1)O Projeto Profissional de Vida do Jovem é desenvolvido no último ano como critério de avaliação para obter formação em Técnico em Agronegócio. Você avalia que as atividades de Educação Financeira desenvolvidas contribuíram com seu projeto? Se sim, explique de que forma.

2)Comente a importância conhecer matemático frente a resolução de problemas de seu cotidiano, bem como as atividades desenvolvidas no decorrer da oficina frente as relações de trabalho e consumo. Cite exemplos.

3) No terceiro encontro construímos uma planilha financeira. Queremos saber se você utilizou a Planilha para tratar das questões financeiras de sua propriedade ou de sua vida pessoal.

Se não utilizou, explique por que:

Se utilizou, explicito como aconteceu e quais os resultados:

- 4) Você é um estudante formando, e em 2015 já estará com o Ensino Médio concluído. Quais as suas expectativas/planos para os próximos anos e a relação desses planos com o Projeto Profissional de Vida do Jovem desenvolvido aqui na CFR?
- 5) Você considera que conhecer sobre Educação Financeira lhe ajudará a tomar decisões sobre seu trabalho e seu projeto de futuro? Por que?
- 6) Deixe aqui um recado representando o que foi participar destes encontros.

ANEXOS

**ANEXO I –
Fase Exploratória**

Objetivo: Um convite para participar de Atividades de Educação Financeira – Reconhecendo os sujeitos

JOVEM	Na sua família há planejamento financeiro, ou seja, como organizam a renda da propriedade?	Na sua propriedade rural como vocês orçam os gastos com a produção? (mão de obra).	Você tem um salário fixo ou mesada? Comente.	Sua família tem o costume de “poupar” economizar? Como?	Sua família possui algum tipo de financiamento? Se sim, quando os bancos oferecem linhas de crédito, quais são as análises realizadas?	Você teria interesse em participar de um projeto de Educação Financeira? Por quê?
--------------	---	---	---	--	---	--

J1	Em minha família a atividade principal é bovinocultura de leite , a renda primeiramente é pagado as contas e o que sobra é colocado na poupança. (grifos meus)	E nossa propriedade orçamos uma pessoa para fazer os plantios de pasto, dessecagem entre outros.	O dinheiro é disponibilizado conforme minha necessidade para sair	Sim pensamos em poupar não para passar miséria mas sim para no futuro ter um bom dinheiro para necessidades. (grifos meus)	O banco utilizado é o banco do Brasil e o funcionamento é seletivo	Sim por que seria importante para levar a propriedade bem controlada os gastos para não dar prejuízo
-----------	---	--	---	---	--	--

J2	Nossa renda é adquirida através da bovinocultura de leite, avicultura e lavoura e o planejamento é feito pelo pai e pelo resto dos familiares. (grifos meus)	Sim	Sim mas não é um valor fixo todo mês.	Sim e colocado em poupança	Sim e visto se a propriedade tem recurso para pagar	Sim, para ver se a propriedade esta lucrando o quanto deve o se não esta lucrando o que deveria. (grifos meus)
-----------	---	-----	---------------------------------------	----------------------------	---	---

JOVEM	Na sua família há planejamento financeiro, ou seja, como organizam a renda da propriedade?	Na sua propriedade rural como vocês orçam os gastos com a produção? (mão de obra).	Você tem um salário fixo ou mesada? Comente.	Sua família tem o costume de “poupar” economizar? Como?	Sua família possui algum tipo de financiamento? Se sim, quando os bancos oferecem linhas de crédito, quais são as análises realizadas?	Você teria interesse em participar de um projeto de Educação Financeira? Por que?
J3	Gado de leite mas quem gerencia é o pai e a mãe, mas eu participo também.	A mão de obra é familiar e quando não vence é terceirizado.	Sim eu trabalho de empregado	Sim e que tem que economizar por que é só receber uma vez por mês e guardado um pouco	Sim a gente senta e conversar e vai da lucros ou não vai se da renda e pago	Sim para facilitar mais nos negócios. (grifos meus)

J4	Principal atividade é bovinocultura de leite seguido de grão gerenciados pelo pai.	Não	Sim trabalho com carteira assinada	Não as vezes é depositado	Sim é analisado o tempo de pagamento e o custo de juros	Sim, para ter mais controle sobre os gastos e lucros. (grifos meus)
J5		Não	Não,pego quando preciso	Sim observando produtos que compram e guardando o dinheiro se há sobras e não gastando	Sim é planejado antes nada é deixado para a última hora	Sim, aprender mais para não fazer muitas coisas erradas na parte de investimento. (grifos meus)

J6	Nossa renda vem a partir da bovinocultura de leite e quem organiza os pagamentos são os meu pais	Não	Não quando preciso meu pai me da a quantia necessária.	Sim todo mês é colocado uma quantia determinada na poupança	Sim primeiro sentamos, analisando e se vê que da voltada para fazer o giro é feito o financiamento	Sim gostaria, pois seria bom para aprendermos a poupar e analisar o que aprendemos fazer.
J7	A obtenção dos lucros na propriedade e da bovinocultura de leite e grãos, hoje gerenciamento é feito pelo meu pai.	Somente a mão de obra da família.	Não é pedido para os pais e eles dão a quantidade necessária	Não poucos meses é colocado dinheiro na poupança	Sim possui financiamento e para pensar como vai ser pago	Sim para mais aprendizados.

JOVEM	Na sua família há planejamento financeiro, ou seja, como organizam a renda da propriedade?	Na sua propriedade rural como vocês orçam os gastos com a produção? (mão de obra).	Você tem um salário fixo ou mesada? Comente.	Sua família tem o costume de “poupar” economizar? Como?	Sua família possui algum tipo de financiamento? Se sim, quando os bancos oferecem linhas de crédito, quais são as análises realizadas?	Você teria interesse em participar de um projeto de Educação Financeira? Por que?
--------------	---	---	---	--	---	--

J8	Trabalham em empresas e quem organiza as contas é meu pai e a madrasta	Não	Não somente quando é preciso	Sim o que sobra do mês é colocado na poupança	Paramos para pensar, visando com a produção obtenha maiores lucros para que o sucesso da propriedade	Sim por que com uma melhor educação financeira, posso fazer melhor gestão da propriedade, percebendo assim se ela esta sendo rentável.
-----------	--	-----	------------------------------	---	--	--

JOVEM	Na sua família há planejamento financeiro, ou seja, como organizam a renda da propriedade?	Na sua propriedade rural como vocês orçam os gastos com a produção? (mão de obra).	Você tem um salário fixo ou mesada? Comente.	Sua família tem o costume de “poupar” economizar? Como?	Sua família possui algum tipo de financiamento? Se sim, quando os bancos oferecem linhas de crédito, quais são as análises realizadas?	Você teria interesse em participar de um projeto de Educação Financeira? Por que?
J9	Gado leiteiro e quem organiza e paga as contas é o pai	Não	Salário fixo e não trabalho na propriedade	Não temos o costume de “poupar”	Não	Sim por que na minha família precisam muito de educação financeira.

J10	Nossa renda vem a partir da bovinocultura de corte meu pai que gerencia, paga as contas e as vezes participo	De certa forma sim, quando nos trabalhamos é contado.	Não, salário fixo	Não	Sim antes pensamos de que maneira iremos pagar	Sim pois é um assunto bem interessante e será uma grande ajuda
J11	A obtenção de nossa renda é a traves da bovinocultura de leite meu pai faz o pagamento das despesas, mas todos opinam na hora dos negócios	Não	Não,tenho salário fixo mas peço quando preciso e recebo.	Sim não gastando em coisas desnecessárias. Quando sobra vai par ao banco	Não	Sim, sempre é bom aprender mais, inclusive para a gestão de quem vai ficar na propriedade.

J12	O gerenciamento é o pai quem faz, sendo a renda de gado de leite e corte, suinocultura, nozes e venda de laranja.	Não	Não tenho, mas quando preciso de algo meus pais compram pra mim.	Sim, quando sobra é posto no juro. Também não são compradas coisas desnecessárias	Sim antes de financiamento e pensando como vai se pagar. É guardado um tanto por mês para este destino	Sim pois isto possibilita adquirir maior planejamento de nossa propriedade, ou seja das atividades nela desenvolvidas
JOVEM	Na sua família há planejamento financeiro, ou seja, como organizam a renda da propriedade?	Na sua propriedade rural como vocês orçam os gastos com a produção? (mão de obra).	Você tem um salário fixo ou mesada? Comente.	Sua família tem o costume de “poupar” economizar? Como?	Sua família possui algum tipo de financiamento? Se sim, quando os bancos oferecem linhas de crédito, quais são as análises realizadas?	Você teria interesse em participar de um projeto de Educação Financeira? Por que?

J13	Obtemos a renda através de bovinocultura de leite, hortifruti e grãos, quem organiza é o pai.	Não tudo, mão de obra familiar	Não apenas recebo quando peço para o pai, o quanto preciso somente	Sim poupando em gastos desnecessários	Não o pai sempre controlou o dinheiro se preparando para ao futuro	Sim, acho interessante pois é uma maneira de se prepara para administração da propriedade
J14	Temos, todos os membros da família anotam custos e gastos. Nossa renda vem da bovinocultura de leite e suinocultura	Nós não temos obra terceirizada, mão de obra familiar	Sim eu trabalho em uma propriedade rural	O dinheiro que sobra é colocado em uma conta	Sim analisamos a renda do mês e vemos quanto vai sobrar para poder pagar	Sim, pois passa não muito dinheiro pela nossas mãos mas não poupamos e sempre gastamos em mais. Nunca temos lucro.

JOVEM	Na sua família há planejamento financeiro, ou seja, como organizam a renda da propriedade?	Na sua propriedade rural como vocês orçam os gastos com a produção? (mão de obra).	Você tem um salário fixo ou mesada? Comente.	Sua família tem o costume de “poupar” economizar? Como?	Sua família possui algum tipo de financiamento? Se sim, quando os bancos oferecem linhas de crédito, quais são as análises realizadas?	Você teria interesse em participar de um projeto de Educação Financeira? Por que?
--------------	---	---	---	--	---	--

J15	Meu pai e mãe administram pagando contas trabalhamos com reflorestamento na propriedade.	Não	Sim, ajudo uma pequena família	Sim todo mês a sobra é depositado em uma conta	Sim todo financiamento é feito e sabemos que o que ser	Sim, por que irá ajudar evitar muitos gastos que são desnecessários. Também por que vai nos ajudar a perceber quais as atividades que não estão nos dando renda
------------	--	-----	--------------------------------	--	--	---

JOVEM	Na sua família há planejamento financeiro, ou seja, como organizam a renda da propriedade?	Na sua propriedade rural como vocês orçam os gastos com a produção? (mão de obra).	Você tem um salário fixo ou mesada? Comente.	Sua família tem o costume de “poupar” economizar? Como?	Sua família possui algum tipo de financiamento? Se sim, quando os bancos oferecem linhas de crédito, quais são as análises realizadas?	Você teria interesse em participar de um projeto de Educação Financeira? Por que?

J16	è através de gado leiteiro e produção de grãos, e o planejamento é feito por todos da família.	A mão de obra é familiar sendo assim não temos mão de obra de terceiros na propriedade.	Não pois quando eu preciso meu pai me cede um pouco de dinheiro	Sim tentando guardar um pouco por mês no banco	Não	Sim pois com isso terei um melhor planejamento dos lucros
J17	Na minha propriedade a rentabilidade vem da bovinocultura de leite, quem organiza a renda é o meu pai.	Não existe.	Não e ganho através da necessidade	Não	Sim, Cresol é planejado antes de fazer como vai ser feito o pagamento	Sim, para ter um planejamento melhor na propriedade

JOVEM	Na sua família há planejamento financeiro, ou seja, como organizam a renda da propriedade?	Na sua propriedade rural como vocês orçam os gastos com a produção? (mão de obra).	Você tem um salário fixo ou mesada? Comente.	Sua família tem o costume de “poupar” economizar? Como?	Sua família possui algum tipo de financiamento? Se sim, quando os bancos oferecem linhas de crédito, quais são as análises realizadas?	Você teria interesse em participar de um projeto de Educação Financeira? Por que?
J18	De certa forma sim nós trabalhamos com gado leiteiro e o planejamento é feito pelo meu pai	Não	Sim, por que eu trabalho de empregado	Sim o que sobra de dinheiro é colocado no banco só tira quanaod precisa	Sim por que se não tem como desenvolver não tem como financiar) Sim, por que teremos uma vida bem mais tranquila e sem se estresar com financiamento par apagar

J19	Nossa renda vem a partir da bovinocultura de leite e da suinocultura e quem controla o dinheiro é o pai.	Não	<i>Mesada variada mês mais mês menos</i>	Sim coloca-se dinheiro na poupança economizando com gastos de produção	Sim, mas não há planejamento	Sim para organizar os gastos da propriedade e por que as contas das atividades estão desorganizadas
J20	Meu pai é caminhoneiro e a renda do meu pai é para pagar as conta e a mãe é professora é destinado ao lazer e se a renda do pai não da que chega para pagar as contas.	Sim	Conforme eu preciso ganho dinheiro	Sim tem uma poupança e tentamos economizar na luz e na compra de produtos (roupas, alimentos)	Sim, Pago na data proposto pelo banco ou de quem comprar o produto	Sim para saber como controlar os gastos, e não ter prejuízos

JOVEM	Na sua família há planejamento financeiro, ou seja, como organizam a renda da propriedade?	Na sua propriedade rural como vocês orçam os gastos com a produção? (mão de obra).	Você tem um salário fixo ou mesada? Comente.	Sua família tem o costume de “poupar” economizar? Como?	Sua família possui algum tipo de financiamento? Se sim, quando os bancos oferecem linhas de crédito, quais são as análises realizadas?	Você teria interesse em participar de um projeto de Educação Financeira? Por que?
J21	Nossa renda é de grãos e de gado leiteiro, e é o pai que administra tudo.	Não	Sim eu trabalho fora e tenho um (trabalho) salário fixo.	Sim quando compramos produtos, comida e fizemos uma espécie de poupança em casa.	Sim, pois meu pai é pedreiro de acordo quanto ele recebe ele paga	Sim, para a prender a fazer contas certass, ou seja, fazer bom investimento

J22	Nossa renda vem a partir da produção de horticultura e um pouco de mecânica, e quem organiza é os pais.	Somente mão de obra familiar eu ajudo meus pais.	Não os pais dão dinheiro quando preciso	Sim pois quando sobra é colocado na poupança	Não	Sim, Por que eu poderia ajudar meu pai administrar melhor a propriedade com os gastos e lucros
J23	A fonte de renda da minha família vem da produção de grãos e quem faz o controle de planejamento são meus pais e meu irmão.	Não	trabalho fora e tenho um salário fixo	Sim sempre depositado pelo menos 30% do salário	Meu pai realiza apenas financiamento para aquisição de sementes de milho e o pagamento é feito um pouco por mês	Sim, pois é interessante para avaliar quais atividades são mais lucrativas para a propriedade e também para controlar as entradas e saídas de dinheiro d propriedade

<p>Primeiras conclusões</p>	<p>Não ficou explícito que realizam planejamento financeiro, e colocam que os principais responsáveis são pais, uma minoria participa na organização gastos</p>	<p>Percebemos que apenas contam a mão de obra como gasto, quando precisam pagar alguém que não seja da família. Caso contrário não orçam como sendo gasto</p>	<p>Nas descritas percebe-se que os que trabalham fora de casa têm um salário fixo, os demais solicitam aos seus pais quando precisam, e apenas uma minoria recebe um valor mensal. Podemos dizer que aqui cria-se uma relação de respeito, confiança entre pais e filhos.</p>	<p>A maioria das famílias tem o hábito de poupar</p>	<p>A maioria das famílias possuem um financiamento.</p>	
------------------------------------	---	---	---	--	---	--

**ANEXO II –
Transcrição das atividades em cada encontro**

Primeiro Encontro

Como forma de conhecermos os jovens solicitamos que falassem sobre quais seriam os possíveis assuntos que poderiam ser discutidos em nossos encontros. Esta atividade foi proposta em grupos de 5 pessoas onde cada um fez uma anotação em uma targeta sobre o que gostaria que fosse abordado nos próximos encontros sobre o tema proposto.

Objetivos: Identificar a demanda por parte dos jovens sobre assuntos que poderiam ser abordados durante encontros para as Atividades Educação Financeira a partir de suas preocupações.

JOVEM	ASSUNTO	JUSTIFICATIVA
J1	Planejamento para aquisição de utensílios;	Planejamento para aquisição de utensílios. Tem que se vale apenas comprar uma máquina ou o que, sei lá, se tem “utilidade”.
J2	Visar bons negócios a partir dos lucros;	Visar bons negócios a partir dos lucros...tipo não adianta ter lucro e fazer negócio o mal feito;
J3	Custeio de lavoura;	Custeio na lavoura/lucros e custos;
J4	Fazer gestoria do gasto da propriedade;	Gestoria dos gastos na propriedade, porque muitas propriedades estão falindo
J5	Lucros da Propriedade;	Eu fiz lucros na propriedade. Para ver se tá rendendo, lucro mensal;
J6	Poupança	Poupança – Saber quanto cada propriedade poderia guardar por mês;
J7	Metas – Gastos	Metas para vê o que

	desnecessários;	vamos fazer no futuro para viver e gastos desnecessários para saber se precisa o que não precisa;
J8	Despesas da propriedade/ gasto com alimentação;	As despesas da propriedade e gastos com alimentação, como planejar;
J9	Gestão na propriedade e investimentos;	Gestão na propriedade para saber administra a propriedade, para saber o que entra o que sai para ter um bom desempenho;
J10	Táticas de compra;	Práticas de compra, pra saber se esta fazendo um bom negócio, para saber se vai ter utilidade;
J11	Gestão da propriedade;	Planejamento das despesas, planejar e gastar;
J12	Juros simples e compostos;	Eu coloquei Juros Simples e Juros Compostos para ter um entendimento para na hora saber o que fazer;
JOVEM	ASSUNTO	JUSTIFICATIVA
J13	Financiamentos	Gestão da propriedade e investimentos;
J14	Acessibilidade em agências de bancos;	Acessibilidade de agências de bancos;
J15	Limites de linha de	Limites de linha crédito.

	crédito;	Não vai fazer qualquer um financiamento sem saber o juro que estou pagando;
J16	Planejamento de investimentos;	Eu pensei em planejamento de investimento...não sair investindo em qualquer coisa que não dá lucro;
J17	Importância da Planilha de gastos; Análise de preços;	A importância da planilha da planilha de gastos, como organizar. Análise de preço, daí não é pra sair comprando qualquer coisa que se vê, tu tem que tenta procurar um preço bom e acessível;
J19	Atenção quanto aos juros;	Atenção quanto aos juros, porque o jovem faz financiamento e pegando dinheiro para ele não importando quanto será o juro, para ele não importa
J20	Poupança	A poupança, a importância que tem para o jovem desde o começo;

ATIVIDADE 02 – TEXTO SOBRE SEU PROJETO PROFISSIONAL DE VIDA DO JOVEM

OBETIVOS: Identificar quais são seus planos para o futuro, seus objetivos, seus sonhos frente ao projeto profissional desenvolvido no estágio de conclusão do Ensino Médio.

JOVEM PROJETO PROFISSIONAL DE VIDA DO JOVEM – PPVJ

J1 Meu estágio foi sobre **Bovinocultura de Leite**, mas **não tenho certeza se futuramente vou continuar com essa atividade , e no campo.**

Eu **gostaria de fazer faculdade sobre Ciências da Computação**, pois amo computadores e me dou muito bem com isso. Adoro tudo que envolve tecnologia.

Pretendo ir morar no Paraná, junto ao meu primo em Dois Vizinhos/PR. Gostaria de ter minha própria casa, meu “carrão” e meu “notbook” pretendo trocar a cada dois anos.

Se por ventura ficar na propriedade, gostaria de implantar ovinocultura e caprinocultura, pois gosto desses animais e sei lidar com eles. **(grifos meus)**

J2 **Durante o projeto** que realizei nesse mês **eu gostei** muito pois **aprendi coisas e vivenciei coisas novas**, coisas até mesmo que nunca tinha feito.

O **que mais me chamou** atenção durante esse período foi **que o proprietário organiza tudo.**

Digamos planilha onde é feito todos os gastos da família. Outra coisa que me chamou bastante a atenção foi que o dono da propriedade tudo que ele faz sempre informa seu filho de tudo. Digamos **pede opinião pede para ele ideia ele interage bem com seu filho na hora de planejar**, análise de preços, os investimentos que devem fazer ou não.

Bom meu objetivo é **fazer faculdade de pedagogia** mas pretendo continuar morando na roça e trabalhar fora. **(grifos meus)**

J3 Para que eu realizasse meu estágio, primeiramente tive que conversar com meus familiares para saber o consentimento dos mesmos. Todos me falarão que **eu deveria realizar a estágio onde possuísse**

alguma atividade que tivesse em nossa propriedade, pois esta me ajudaria a conhecer e a entender novas técnicas de trabalho.

Com isto meu estágio foi realizado **na área de bovinocultura de leite**, na propriedade da família Dall Acqua, lá eles trabalham com o sistema Free-stall, com isso pude aprender um novo manejo que para mim é mais lucrativo e econômico. Na propriedade eles faziam três ordenhas por dia uma as 5 hs da manhã, 13 hs da tarde e 20 hs da noite. A única dificuldade foi no primeiro dia onde eu não sabia como funcionava os horários e o sistema Free-stall, mas no segundo dia em diante logo me surpreendi e me adequei principalmente aos horários pois lá basicamente tem horários para tudo desde o trabalho á hora de lazer.

Antes de ir para o estágio eu só tinha em mente que gostaria de fazer faculdade na área de educação: professora, agora já estou bem mais voltada para área agrícola: medicina veterinária, porém, isso dependerá de minha capacidade de conseguir entrar na faculdade e ter dedicação em me tornar uma boa profissional, minha família está sempre me apoiando em minhas escolhas e me incentivando em lutar por meu ideal. **(grifos meus)**

J4

Com a visão que eu havia antes do **estágio que foi em mecânica agrícola**, de saber como funcionava e a curiosidade sobre a área, no começo aquela ansiedade mas logo me enturmei e comecei a desfrutar dos trabalhos realizados. Foram 24 dias de **uma excelente experiência.**

Durante o tempo de estágio **recebi proposta de emprego**, visão boa para um futuro bem produtivo até porque é uma área que precisa cada vez mais de pessoas qualificadas. Visão esta obtida pela grande procura de serviços atendendo por volta de toda redondeza da região de Quilombo. **(grifos meus)**

J5 Na área onde **estagiei que foi na Suinocultura** eu tive a experiência de coisas que pareciam fáceis, mas chegava na hora de fazer era outra coisa tinha a sua dificuldade, por isso, que mesmo que a coisa seja fácil, vá confiante pois ela poderá te surpreender quando você menos espera.
Esse ano eu desejo passar e ir junto com a minha turma par nossa viagem. **Para o próximo ano eu pretendo fazer um curso no Senai de eletromecânica e continuar na propriedade** e ficar por lá. **(grifos meus)**

JOVEM PROJETO PROFISSIONAL DE VIDA DO JOVEM – PPVJ

J6 No meu **projeto profissional** que foi na **área da Suinocultura**, me ajudou a entender um ramo novo, onde eu nunca havia trabalhado em minha propriedade.
Os Donos da propriedade onde eu executei o estágio me auxiliou nos primeiros dias dizendo exatamente como conduzir a pocilga.
Futuramente não pretendo seguir esta cultura, mas me ajudou muito a entende-la. **Não pretendo realmente seguir na propriedade e sim fazer uma faculdade sobre Engenharia Ambiental**, mas quem sabe não me interesse mais por essa cultura que esta em crescimento e esta cada vez mais sendo valorizada. **(grifos meus)**

J7 **Minha experiência** durante o estágio não foi o que eu esperava, **eu tive uma ótima experiência** pois foi muito mais melhor, pois eu **aprendi a administrar melhor a propriedade**. Eu fiz **estágio de Hidroponia** onde eu aprendi a plantar alface e vender para depois no fim do dia eu colocava tudo no papel, a quantidade que plantei. Também vendi tomate e também coloquei no papel quanto eu vendi. Eu fiz estágio na propriedade do Mário Sasso de Linha Sachet, e **eles me ensinaram a colocar no**

caderno os gastos, que tem na propriedade e os lucros.

Na minha casa também é feita esta marcação de lucros e gastos. Ano que vem em 2015 eu **pretendo fazer um curso de Administração, pois os proprietários onde eu fiz o estágio querem que eu administre a empresa de hidroponia. (grifos meus)**

J8 Meu projeto profissional foi realizado em Quilombo na Estância Dona Olinda, propriedade da família Dall Acqua, este foi realizado na **área de Bovinocultura de leite**, escolhi fazer meu estágio nesta área porque nós já trabalhamos com esta atividade, porém, não temos um conhecimento amplo e aperfeiçoado nisso. **Gostei de realizar meu projeto** nesta área porque aprendi muito, aperfeiçoando desta forma os conhecimentos nesta área e colocando em prática em minha propriedade o que aprendi em cima do projeto em que desenvolvi.

Futuramente pretendo estudar em um colégio agrícola, ou seja, depois que eu me formar na CFR. Pretendo me formar Técnica Agrícola, depois disso começar a trabalhar, e a cada mês juntar um pouco de dinheiro para futuramente eu ter minha própria casa, meu carro, entre outros. Também pretendo me aperfeiçoar especificamente em uma área técnica(**grifos meus**)

J9 **Estágio** realizado na propriedade do Sr. Renato Baldissera sobre **Bovinocultura de Leite**. Tive pouquíssimos gastos para chegar até na propriedade, mas valeu a pena por ter aprendido muitas coisas. Meus objetivos é conseguir apresentar um bom relatório de estágio com o que aprendi para não ser tudo em vão e concluir o EM como todo mundo sonha.

Os três anos de na CFR, foi aprendido muito E como meus pais dizem começamos a amadurecer

e ter objetivos na vida e a serem realizados.

Meu objetivo é obter uma boa nota no Enem e conseguir entrar para uma faculdade de Educação Física, mas temos que correr atrás.

Outra opção, é continuar na agricultura com meus pais e dar andamento ao que eles começaram. Muitas dúvidas não sei o que fazer.

A nossa propriedade possui Bovinocultura de Leite mas não sei o que eu quero e preciso de uma escola até o fim do ano. **(grifos meus)**

J PROJETO PROFISSIONAL DE VIDA DO JOVEM – PPVJ

J10 O meu **projeto profissional foi na área do Paisagismo**, sempre gostei muito de plantas, flores, jardim limpo e organizado na minha casa, por isso, resolvi aprender mais sobre essa área. Também **sempre gostei de música e por isso, um dos meus grandes objetivos seria viajar com uma Banda, Grupo gaúcho ou algo assim.** Desde de 2012 eu já trabalho nessa área com um grupo que temos aqui no município de Quilombo, está sendo uma grande experiência para mim, e resolvi arranjar um trabalho para me virar “financeiramente”, sem pedir a meus pais, mas nem em tudo.

Eu pretendo ficar na propriedade e estudar pedagogia e Educação Física, mas se eu não conseguir dar conta das mensalidades que provavelmente conseguirei, e na verdade se surgir uma proposta boa de emprego vou trabalhar fora, mas ainda vou morar com meus pais.

Um dos meus sonhos sempre foi estudar Medicina Veterinária, mas por eu precisar sair de Quilombo para estudar e depois de formada não ter área aqui em Quilombo para trabalhar, descartei essa ideia. **(grifos meus)**

J11 Durante o período de estágio tive diversas experiências. **Meu estágio foi sobre Bovinocultura**

de Leite, minha família possui a atividade mas o leite produzido não é comercializado ficando na propriedade, onde é utilizado para fabricação de queijos que posteriormente serão vendidos.

Na propriedade onde fiz o estágio a família controlava bem os gastos, não usando o dinheiro em coisas que não valiam a pena.

Minhas expectativas para o futuro são conseguir um bom emprego para ajudar minha família com as despesas da propriedade e posteriormente fazer algum curso ou se possível faculdade, mas estou pensando em **não ficar na propriedade**, mas mesmo assim, se eu sair da propriedade irei ajudar minha família. **Eu tinha pensado em permanecer na propriedade, mas alguns problemas com meu pai fizeram eu mudar de ideia, pois se eu ficar na propriedade junto com ele não vai dar certo.**

No que se trata de finanças, minha família visa sempre pagar as contas em dia, para evitar que fiquem acumulando e no final chegue a um valor mais alto que a capacidade de pagamento. **(grifos meus)**

J12 **Fui fazer estágio de Mecânica Agrícola**, e eu vi que a mecânica é mais complexa do que imaginava. E depois do estágio **pretendo montar uma mecânica**, mas para isso, vou fazer alguns cursos de especialização, para que eu possa exercer um bom serviço e que minha empresa se erga e que eu possa ajudar minha família a pagar as contas e não só fazelas. (grifos meus)

J13 Eu realizei o **estagio em uma Mecânica de Motos**, antes de fazer o estágio eu estava um pouco preocupado , pois não sabia se iria gostar, mas fiz o estágio e gostei bastante, pois fiz o que gosto. **Após terminar os estudos na CFR, pretendo fazer um curso na área da Mecânica de Motos** e depois trabalhar em alguma Mecânica e talvez futuramente

	ter minha própria empresa. (grifos meus)
JOVEM	PROJETO PROFISSIONAL DE VIDA DO JOVEM – PPVJ
J14	<p>O meu desejo para o futuro perante o estágio de Avicultura que eu fiz durante um período de 30 dias na propriedade do Sr. Renato Bortolo Baldisseira na comunidade de Alto da Serra, interior de Quilombo, SC.</p> <p>Com esse estágio meu objetivo e a implantação de um aviário na propriedade, para com isso será uma lucratividade a mais para a família e também já temos atividade Bovinocultura de leite e daí com isso já estamos pensando para comprar um trator e um semeador de adubo de aviário, e como esta sendo feito o manejo correto na pastagem para as vacas vão resultar depois numa quantidade a mais de leite, com isso também sendo feito o cuidado adequado do aviário, esse irá com certeza ser outra renda, daí com essas duas atividades sendo trabalhada juntas irá trazer uma ótima lucratividade e fazendo os cálculos sempre irá a família sobrar um dinheiro e trabalhar mais e mais. (grifos meus)</p>
J15	<p>Estagiei na empresa Comachio Tornais que se trata de um torno mecânico. Para fazer estágio tive apoio dos professores e dos pais.</p> <p>No meu estagio consegui aprender coisas novas que gostaria de aprender pois na empresa onde realizei estes estágios fui bem atendido. Mas para realizar este estágio tive gastos com alimentação e transporte, mas foi um trabalho muito interessante e após minha formação, pretendo trabalhar na área que escolhi fazer o estágio. Por isso está área é interessante e pretendo ampliar na área mas não na propriedade. Pois moro em uma pequena área de terra e trabalho em uma empresa, por isso resolvi</p>

desenvolver esse tipo de atividade. E fui muito bem atendido pela Empresa Marcelo Comachio. **(grifos meus)**

J16 Eu **desempenhei o projeto na área de Bovino Cultura de Corte** na fazenda Gaspari. Minha família até então não trabalha com a atividade , **mas vendo que a atividade é possível ser implantada na propriedade** foi começado a implantação de Bovinos de Corte. **Pretendo ficar na propriedade**, com isso resolvemos implantar mais esta atividade que pode ser muito bem associada a avicultura. Assim a família vai diminuir a bovino cultura de leite e ficar com 5 vacas e com essa possibilidade o aumento do gado de corte, porque pela experiência deu para ter uma noção de como funciona e pode ter uma lucratividade e mão de obra baixa. **Começando a implantar gado de corte aos poucos para ver se vai valer a pena na propriedade por isso foi comprado 5 novilhas para cria e venda das bezerras de corte.Sempre tenho intenção em ficar na propriedade. (grifos meus)**

J17 Durante o **projeto profissional** eu adquiri mais conhecimento sobre **bovino cultura de leite, vendo e fazendo orçamentos e contas para ver se os investimentos irão dar certo. Tenho expectativas de ser um bom gestor na propriedade, realizando as atividades com segurança e cometendo menos erros possíveis.** Desde 15 anos tenho o desejo de comprar uma moto para mim, hoje tenho uma juntamente com meu irmão, por ser menor de idade meu pai não gostou muito e com isso eu estou me virando e tentando usar bem o dinheiro e assim que possível realizar meu sonho.

J18 Sou Edilaine Battisti, nasci no dia 24 de março de 1998, no interior de Quilombo, em linha Nova Brasília, juntamente com meus pais e irmãos. Comecei a estudar na CFR em 2011 e agora em

2014, estou completando o 2º grau do EM. No mês de julho e agosto, fiz o estágio na propriedade de Vitalino Vendrusculo em Linha Nova Brasília. **O estágio possuía como finalidade perceber e aprender práticas para melhor confecção da silagem, para maior retorno na área da bovino cultura de leite.** A propriedade possuía 43 vacas em lactação, mais alguns animais, como: terneiros, novilhas e vacas secas. Além, disso na propriedade há a atividade da suinocultura. A alimentação dos bovinos de leite na propriedade é principalmente a silagem, associada a ração e ao sal mineral, dado nos coxos e a pastagem de tifton, capim ares e aveia. A silagem é fornecida 3 vezes ao dia.

Futuramente pretendo continuar em minha propriedade pois estou nesse ano, após ter feito um projeto, e colocando em prática e permanecendo na propriedade, continuando a fazê-la viável. Além disso, pretendo continuar estudando, fazendo cursos e de repente uma faculdade, para continuar aprendendo e aprimorando o que já sei. **(grifos meus)**

JOVEM PROJETO PROFISSIONAL DE VIDA DO JOVEM – PPVJ

J19 Na área que estagiei foi **na parte da mecânica sendo em torno mecânico.** Foi um estágio ótimo, aprendi muito e achei muito interessante pois nunca tinha visto como era feito as peças para o que precisar em geral. Mas o que **pretendo é montar meu próprio negócio, pois é um trabalho fácil e muito lucrativo.** Mas também tenho um curso que vou começar ano que vem sobre construção civil e isso é importante também, pois aprendemos como realizar uma construção. **Quando eu concluir esse curso quero trabalhar e arranjar um bom emprego e tocar meu próprio negócio de torno mecânico ou construção civil. (grifos meus)**

J20 **O meu estágio foi muito bom**, pois aprendi novas coisas que eu nem imaginava que existia. Mas gostei muito de fazer o estágio.

No futuro eu espero arrumar um ótimo emprego e principalmente que eu ganhe bem, pois quero ajudar minha família a pagar as contas do mês e comprar uma carro pra mim. A minha vida as vezes é meia complicada, mas vivo feliz, minha família não me apoia muito nas minhas decisões e nas coisas que eu faço. Por um lado estão certos, mas por outro lado, acho que deveriam me apoiar. Pois sempre que pude eu ajudei. Mas espero arrumar um serviço melhor para ajudar a família e me ajudar, mas o que importa é saúde, e isso eu estou ótimo. **(grifos meus)**

J21 **Em minha visão hoje para o futuro vai haver uma escolha natural no campo que ficará os melhores. Aqueles que fizerem gestão e a organização da propriedade, com maior preço por unidade de produtos e não por quantidade, e claro que haverá uma consorciação de quantidades e preço unitário com qualidade para que haja um bom rendimento com áreas acidentadas e de baixa quantidade para que tenha um bom rendimento e que dá condições para permanecer no campo. Meu estágio para conclusão de curso em geral, aprendi a ser organizado á fazer o controle de custos para fazer sucesso e aumentar a qualidade do leite que conta muito para o preço do produto, que cada gasto é sempre bom planejar antes de fazer. (grifos meus)**

J22 Sobre meu projeto profissional, aprendi como é realizado e como é posto em prática. **Meu projeto foi sobre Paisagismo** onde participei e aprendi a

fazer diversas formas de embelezamentos e paisagens.

Bom para meu futuro primeiramente pretendo me formar na CFR e depois começar uma faculdade.

No momento trabalho, tenho meu emprego fixo e moro na cidade, **meus pais moram no interior**, mas sempre participando e guiando minha família a ter um bom empreendimento da propriedade.

Mas sempre pretendo ter uma ligação com a Agricultura pois necessitamos dela.

E para isso pretendo seguir a área de Gestão Ambiental ou se possível Agronomia, pois sempre me identifiquei com estas áreas. **(grifos meus)**

J23

No meu projeto profissional que foi na Área de Fruticultura mais precisamente pêssego, eu realizei uma atividade nova que até então não possuía nem um contato mais amplo, aprendi coisas novas: técnicas, cuidados e outros.

Eu pessoalmente não pretendo seguir nessa função pois meus planos são para que quando eu concluir esta fase de ensino seguir em um Ensino Superior. **Meus motivos para essa escolha é que minha mãe mora na cidade e não tem área de terra e por causa que eu quero seguir nos estudos, primeiramente faculdade, depois que sabe um mestrado e assim segue. (grifos meus)**

SEGUNDO ENCONTRO

Construção da Planilha Financeira

Objetivo: Por meio das ferramentas do excel, propor a planilha financeira, como uma das formas de controlar e gerenciar a renda e gastos da propriedade.

TERCEIRO ENCONTRO

ATIVIDADE 01

Trazemos para este encontro um problema matemático para ser resolvido dentro dos conceitos de Juros Simples e Juros Compostos.

Objetivo: Observar qual a importância que os jovens atribuem ao cálculo matemático, como forma de empoderamento, bem como, a diferença entre os juros.

Ex: Seu João aplica na poupança um valor de R\$ 2500,00 em duas instituições financeiras diferentes. Na instituição financeira A, sob forma de juros Simples e na Instituição B, sob forma de juros compostos.

Verifique o montante produzido por ambas, durante um período de 2 anos e taxa de 0,5% a.m.

OBS: Os alunos não se sentiram motivados em aprender o cálculo. Uma minoria teve interesse de fato.

ATIVIDADE 02

Imagine que seu pai fez uma poupança quando você nasceu. Depositando todos os meses durante 18 anos o valor de R\$ 100,00. Conforme a tabela.

Tempo	Valor na Poupança
18 anos	R\$ 39 028,99
20 anos	R\$ 46 535,11
25 anos	R\$ 69 745,89
30 anos	R\$ 101 053,76

Jovem	O QUE VOCÊ FARIA COM ESTE DINHEIRO?
J1	Primeiramente pagar minha faculdade , depois construir minha casa, comprar meu carro e para outras demais necessidades que precisarem.
J2	Eu pagaria minha faculdade (Administração) e o que sobrasse eu compraria ou pagava umas coisas e o restante guardaria para quando fosse necessário.

J3	Eu faria uma faculdade , onde com a formação eu poderia ajudar meu pai na propriedade , mas também trabalhando fora e assim podendo guardar o dinheiro para fazer uma poupança para meu filho.
J4	Com esta economia eu faria investimento em um lote . Pelo fato de ser um investimento que tem retorno.
J5	Pensaria muito bem para fazer um bom investimento para obter lucros .
AJ6	Caso permanecesse na propriedade iria investir em uma atividade que seja rentável na propriedade , e caso isso não aconteça irei fazer uma boa faculdade para garantir meu futuro.
7	Bom primeiro eu iria pagar meus estudos , iria comprar uma casa e um carro , também ajudar minha família.
J8	Compraria uma terra no interior, construiria minha casa e implantaria uma atividade, provavelmente bovinos de leite, pois é uma atividade que eu me identifico bastante e também porque eu gosto.
J9	Faria uma faculdade de veterinária, ou investiria na minha propriedade para aumentar os lucros da propriedade.
J10	(Não compareceu este dia)
J11	Eu utilizaria o dinheiro para pagar os possíveis estudos da faculdade , possivelmente também para comprar/alugar uma casa e um carro, e para ajudar minha família nas despesas diárias .
J12	Se eu ganhasse esta quantidade de dinheiro eu implantaria na propriedade , ou talvez eu iria montar uma mecânica de máquinas agrícola, ou gado de leite para ajudar no orçamento da família.
J13	Em torno de 15 a 20 mil eu compraria uma moto e o restante deixaria na poupança.
J14	E com esse dinheiro, conversaria com minha família para tomar a melhor decisão para não se

	arrependido no futuro.
J15	Deixaria no juro, mas no caso de precisasse tirar, aplicaria em alguma coisa que saísse da rotina.
J16	Eu optaria por comprar mais uma novilha de corte para aumentar os lucros da propriedade.
J17	Para começar faria algum investimento na propriedade em alguma coisa que eu goste de trabalhar ou comprar implementos que facilitam o trabalho. De repente comprava alguma coisa para o meu bem estar e deixaria uma parte na poupança.
J18	Primeiramente deixaria na poupança , para depois mais ou menos 1 ano, decidir sem sombra de dúvidas a faculdade que cursarei para tornar meu futuro feliz pois conseguirei ter sucesso na área que escolhi. Também reservarei uma quantidade para as necessidades.
J19	Eu faria um bom investimento para eu e minha família e colocaria novas atividades de produção na propriedade.
J20	Eu gostaria de comprar uma moto para fazer trilhas e uma para andar na rua e o que sobrasse iria investir na propriedade.
J21	Com este dinheiro conversaria com minha família sobre a permanência no campo, se eles aceitarem investir em novilhas com alta genética e equipamentos. Se eles não aceitarem a permanência vou investir em um curso de eletro mecânica.
J22	Eu iria pagar minha faculdade e o restante deixaria na poupança, para depois usar no futuro.
J23	Não estava

Jovem	QUAL A IMPORTÂNCIA QUE VOCÊ ATRIBUI AO ATO DE POUPAR?
J1	Para mim é importante pois quando necessita-se de dinheiro, uma poupança é o melhor investimento.

J2	A importância é que devemos saber poupar, pois as vezes em um caso de emergência teremos, pois, se gastarmos tanto não teremos mais nada.
J3	Ter sempre dinheiro guardado caso haja uma grande necessidade, mas também, poupar é garantir nosso futuro , sempre evitando desperdícios.
J4	Para poder juntar valores e no futuro fazer algum investimento.
J5	Porque eu já trabalhei na roça e eu sei de onde vem o dinheiro que é sofrido para fazê-lo , por isso eu acho importante poupar.
J6	Que se você poupar, tem pelo menos uma reserva para utilizar quando precisar e ainda para investir num futuro negócio .
J7	Para que sempre possa ter dinheiro para pagar as dívidas antes de vencer o prazo do pagamento para deixar sempre em dia , também, se algum dia precisar já tem uma reserva ;
J8	É comprar somente o necessário, sem desperdícios, para não trabalhar no vermelho, pois se não comprarmos somente o necessário iremos fazer gastos desnecessários. É importante poupar para futuramente quando precisar o dinheiro estará disponível.
J9	É bastante importante para ter uma vida melhor e obter mais conhecimento, e obter os objetivos que cada pessoa precisa.
J10	Não estava
J11	O ato de poupar é muito importante para nossa vida, pois com o dinheiro que guardamos podemos investir em planejamentos para nosso futuro.
J12	Porque o ato de poupar quer dizer que futuramente pode ser ocupado em caso de emergência, o ato de poupar também se refere o ato de economizar por estar colocando uma certa quantia na poupança.
J13	É importante pois guardando um pouco, por mês não faz diferença para você, mas no final das contas após

	alguns tempos você tem um bom dinheiro guardado e caso necessite do dinheiro de repente você tem.
J14	Minha opinião se adquirisse uma poupança para quando chegar numa idade muito avançada ter uma boa quantia para se viver.
J15	A importância de poupar é meio de crescer mais responsável e também de saber viver e ter uma vida digna.
J16	Para mim poupar é de grande importância porque sempre devemos poupar um pouco para que a hora que necessitar numa emergência possa ter uma dinheiro de reserva.
J17	É bom para prevenir se ocorrer alguma coisa para nós ter dinheiro. Quando precisar tem.
J18	É importante pois além de obter ganhos com juros, terá sempre dinheiro guardado para eventuais despesas e/ou investimentos em um imóvel ou compra de algo interessante.
J19	É se soubermos poupar, sempre teremos dinheiro numa necessidade.
J20	Será muito importante poupar pois poupando sempre tem dinheiro. Por exemplo se uma hora a gente ficar sem dinheiro, que precisar urgentemente de dinheiro é só retirar da poupança.
J21	Economizar para adquirir melhores preços. É a melhor forma de investir no futuro que nunca sabe quando precisamos.
J22	Porque mais futuramente comprar os imóveis ou um carro á vista, sem juros. E para quando eu precisar de dinheiro, eu retiro de minha própria poupança.
J23	Não estava.

Jovem	QUAIS SUAS EXPECTATIVAS PARA O FUTURO FRENTE AO SEU PROJETO PROFISSIONAL DE VIDA?
J1	Fazer faculdade de Análise de Desenvolvimento de

	Sistema e a Gestão que aprendi na CFR vai me auxiliar nisso. Pretendo trabalhar em uma empresa privada em Pato Branco – PR.
J2	Fazer faculdade de Administração, mas continuar morando no campo porque não pretendo sair do campo é bom para propriedade pois saber administrar melhora a minha propriedade.
J3	Preferir ao máximo permanecer na Agricultura, investir em produções que tragam lucro a propriedade, conseqüentemente diminuir o exodo rural de jovens, ir em busca de mais oportunidades para aprimorar meus conhecimentos.
J4	Penso em no fim do curso técnico em Agronegócio na CFR, irei fazer um curso para aperfeiçoar na área de mecânica e dar segmento em alguma mecânica na região.
J5	Ter uma boa qualidade de vida e se possível implantar o projeto na propriedade e continuar lá.
J6	Eu penso que devo investir no estudo já que não tenho terreno para agricultura, pretendo fazer uma boa faculdade.
J7	Eu vou continuar a trabalhar nas estufas de hidroponia, ou se não dar certo vou trabalhar em casa com meus pais na propriedade.
J8	Quando eu concluir o Ensino Médio eu irei trabalhar na cidade durante o dia e a noite vou fazer faculdade em biologia. Pretendo por enquanto continuar morando no interior.
J9	Se continuar na propriedade, vou fazer o projeto de melhoramento de pasto, mas se não continuar não vou por em prática nada do meu projeto. Mas se conseguir fazer uma faculdade posso até voltar depois para propriedade, mas com outros projetos novos.
J10	Não estava.
J11	Pretendo conseguir um bom emprego para pagar a faculdade e a possível casa na cidade que irei comprar

	ou mais provavelmente alugar.
J12	As minhas expectativas referente ao meu estágio é que futuramente eu possa construir uma mecânica de tratores. E eu vou fazer alguns cursos de mecânica para se aperfeiçoar.
J13	Penso em trabalhar algum tempo na mecânica e após isso quem sabe montar a minha própria mecânica.
J14	Frente a isso meus pais vieram morar na cidade de Quilombo, na propriedade vai ser colocado gado de corte, deixando 5 alqueires de terra, morando na cidade trabalharei na Aurora Alimentos e meus pais cuidarão o gado.
J15	Depois de ter um bom emprego e se especializar na área de torno mecânico porque isso é importante.
J16	Pretendo permanecer na propriedade continuando no que já existe, também implantando cada vez mais tecnologias, novas técnicas de produção, também pretendo cercar toda terra e aumentar o gado de corte. E pretendo utilizar muito este projeto de vida na implantação de gado de corte.
J17	Trabalhar bem agora para quando estiver mais velho, o serviço seja mais do jeito que eu gosto. E para ter tudo ajustado e ter tempo de curtir a vida sem muita preocupação com gastos e serviços.
J18	Pretendo continuar na propriedade, produzindo silagem como alimento para as vacas, pois é um alimento que conserva a forragem, preservando seu valor nutritivo, sendo que quando bem feito e com manejo, é viável, apesar de seu custo ser elevado. Pretendo continuar na propriedade com minha família, por ser um ambiente lucrativo, quando bem estruturado, fazendo-se uma planilha de gastos e entradas que a propriedade possuirá para ser fundamental na prosperidade da propriedade.
J19	Minhas expectativas é abrir meu próprio negócio de mecânica. Mas também tenho em mente fazer

	faculdade de Educação Física.
J20	Pois eu acho que as expectativas para meu futuro frente ao estágio não dará muito certo, porque onde eu fiz o estágio os trabalhos até são mais ou menos, mas só que bem no fim não sabia muita coisa, por isso que não quero trabalhar com suínos.
J21	Em meu futuro pretendo ficar na agricultura, organizar melhor a propriedade, melhorando a produção leiteira, gado de corte, investindo com financiamentos. Mas tudo isso depende de minha família que é bem indecisa com minha permanência no campo, e se recusarem minha permanência, vou fazer um curso de eletromecânico para trabalhar com mecânica.
J22	São acabar meus estudos, fazer minha faculdade , ter meu emprego e ter um bom projeto na agricultura para garantir lucro e com isso, ter uma empresa rural.
J23	Não estava.

Jovem	2)Comente a importância do conhecer matemático frente a resolução de problemas de seu cotidiano, bem como as atividades desenvolvidas no decorrer da oficina frente as relações de trabalho e consumo. Cite exemplos.
J1	É de grande importância porque assim posso controlar/gerenciar os meus gastos;
J2	Não estava;
J3	É importante porque as vezes não nos damos conta, que estamos gastando muito mais do que ganhamos. Porém, temos que ter persistência e muita força de vontade, pois as vezes dizemos que é difícil calcular mas nem ao menos tentamos, e também as vezes já é tarde demais e percebemos que estamos afundados nas dívidas;
J4	Sim, pois ajuda a fazer o controle de gastos;

J5	É importante pois foi aprendido a calcular as coisas antes de serem feitas com isso ajuda a ter um melhor desempenho na propriedade. Financiamentos, aquisição de máquinas, empréstimos;
J6	É importante pois você pode calcular os gastos da propriedade, o lucro e no caso de fazer um financiamento.
J7	Juro simples e composto, administração financeira são muito importantes, pois com estes poderei melhorar meus negócios;
J8	É importante fazer os cálculos e saber fazê-los, pois muitas vezes não fizemos o controle financeiro por preguiça, apenas fizemos este controle boca-a-boca. Estes conhecimentos matemáticos são muito importantes, porém, precisamos colocá-los em prática.
J9	Fazer um balanço todo o final de mês para saber se você está gerando lucro ou prejuízo. Saber o quanto juros você paga do dinheiro emprestado.
J10	A grande importância da matemática é para que tenhamos as contas de quanto recebemos, quanto gastamos, quanto consumimos de alimento e tudo mais.
J11	Com esses conhecimentos adquiridos poderemos perceber onde se faz mais necessária a aplicação do capital e onde não vale a pena investir.
J12	Todo mundo sabe que a matemática no mundo atual está muito presente e é importante saber para o meio rural para poder fazer bons investimentos e não quebrar uma empresa e o investimento que daria lucro pode dar prejuízo se não bem contabilizado.
J13	É bom pois, posso usar para controlar despesas da minha casa.
J14	Para mim a importância de se fazer cálculos, e a de gerar um controle melhor na propriedade com os gastos e as entradas.

J15	
J16	É importante pois sem os cálculos matemáticos fica complicado de fazer o controle dos lucros e dos gastos.
J17	Saber as entradas e as saídas da empresa, ver se é possível fazer investimentos.
J18	Sabendo matemática pode-se fazer cálculos para saber se a propriedade está gerando lucro, ou somente está cobrindo as despesas, ou até mesmo dando prejuízos. Isto se dá quando se faz planilhas, anotando todas as entradas e saídas.
J19	É importante pois devemos conhecer a matemática pois devemos calcular nossos lucros da propriedade e os gastos da propriedade.
J20	Pois eu acho que a matemática frente ao meu trabalho é muito importante pois muitas coisas que eu faço exige a matemática.
J21	A importância da matemática é calcular as dívidas para não falir a propriedade, direcionar os lucros , exemplos: calcular o número de plantas por hectare, anotar todas as saídas e entradas na propriedade.
J22	Não estava
J23	É importante para que não nos perdemos quanto á taxa de juros, como por exemplo. Para que fazemos cálculos para não haver gastos em excesso, sem controle por falta de conhecimento.

Jovem	Você é um estudante formando, e em 2015 já estará com o Ensino Médio concluído. Quais as suas expectativas/planos para os próximos anos e a relação desses planos com o Projeto Profissional de Vida do Jovem desenvolvido aqui na CFR?
J1	Eu fiz o projeto por ser obrigatório, porém, eu não vou utilizá-lo, porque vou fazer faculdade e sair de casa.

J2	Não estava.
J3	Irei tentar me profissionalizar na área de bovinocultura de leite para poder dar auxílio a minha família no desenvolvimento de novas técnicas.
J4	Bom seria de seguir na área que obtive conhecimento em mecânica, mas onde estou trabalhando está bom com as mudanças que aconteceram.
J5	Estou trabalhando fora e vou continuar até me formar na faculdade e depois com o tempo uma atividade importante na faculdade.
J6	Pretendo fazer uma faculdade de Zootecnia e o projeto me ajudou a entender um pouco sobre essa área.
J7	Meus planos são de aplicar o que aprendi na propriedade e ficar em casa ajudando minha família.
J8	Como realizei meu estágio na área de bovinocultura, pretendo ir em busca de novos conhecimentos para aprimorar e aperfeiçoar esta atividade em minha propriedade. Pretendo realizar uma faculdade na área de medicina veterinária.
J9	Seria de por em prática o que aprendi na CFR e o que escrevi no projeto que fiz.
J10	Continuar estudando, mas permanecer na propriedade talvez. Tenho várias dúvidas ainda para o ensino superior e trabalho.
J11	Eu não irei permanecer na propriedade, mas se tudo der certo ajudarei meus pais implantar/aumentar a bovinocultura de leite irei arranjar um emprego na cidade e posteriormente ajudarei meus pais.
J12	As minhas expectativas são fazer prestação de serviço baseado na mecânica agrícola ou implantar kiwi.
J13	No ano que vem, pretendo ficar em casa ajudando meus pais e após isso, talvez trabalhar em alguma mecânica de moto.
J14	Meus objetivos eram de permanecer na

	agricultura, mas meus pais mudaram de decisão e iremos morar na cidade. Mas a terra vai ser colocado bovino de corte e tudo o que aprendi na escola irei aplicar em casa.
J15	Não estava
J16	Continuar implantando o projeto e pretendendo ter tudo implantado até o final de ano.
J17	Continuar na agricultura e usar meus conhecimentos na minha propriedade.
J18	Em 2015 irei continuar em casa, porém, sem deixar de lado os estudos, fazendo cursos de informática e cuidando da produção de morangos. Com o passar do tempo, uns anos mais para frente, pretendo cursar uma faculdade de letras ou de veterinária. Com o TCC, pretendo continuar melhorando o manejo da silagem para maior obtenção de ganhos.
J19	Nos próximos anos eu vou arrumar um outro emprego, morar na cidade e fazer curso de Educação Física na Unopar.
J20	Continuar implantando projetos e principalmente ajudando na propriedade.
J21	Eu pretendo fazer cursos ,trabalhar e investir na propriedade e seguir com o projeto de gado leiteiro.
J22	Não estava.
J23	Meus planos estão fora de circulação abrangente do projeto de vida, mas não foge do contexto de ensino da CFR pois o curso superior que pretendo fazer está ligado a agricultura.

Jovem	Deixe aqui um recado representando o que foi participar destes encontros.
J1	Foi legal pois foi um modo de cortar a rotina da escola e também um aprendizado a mais.
J2	Não estava.
J3	Gostei muito, pois eu não gostava muito de fazer cálculos, mas me dei conta, que somente com estes

	cálculos eu terei certeza de meus lucros e de minhas despesas.
J4	Primeiramente agradecer por vir me dar mais clareza na parte financeira e desculpa pelas brincadeiras. Foi muito proveitoso.
J5	Para mim foi muito importante, pois com esses encontros tive muitas dúvidas esclarecidas e aprendi muitas coisas novas.
J6	Para mim estes encontros me ajudaram a ver que com a boa administração da propriedade podemos atingir um melhor rendimento.
J7	Este encontro foi muito bom pra mim, pois, aprendi como administrar melhor minha propriedade.
J8	Estes encontros foram muito importantes pois me fizeram perceber qual é a importância de se fazer o controle financeiro de nossa propriedade para saber se a atividade que eu realizo em minha propriedade está dando lucro.
J9	Foi bom, momento de aprendizado e diversão. Também tiramos algumas dúvidas durante este período.
J10	Tivemos a oportunidade de conhecer mais a parte financeira da nossa vida, que querendo ou não, utilizamos para quase tudo na nossa vida.
J11	Para mim, foi muito importante participar desses encontros, pois eu não tinha ideia de como se faz uma planilha financeira, mas agora poderei fazer uma para controlar meus próprios gastos.
J12	Foi bem proveitoso, porque eu pude aprender um pouco mais sobre educação financeira e conhecer as várias contas que existem.
J13	Com isso aprendi a controlar despesas e saber qual o custo de financiamentos e também para saber se o que faço dá lucro. Com isso tenho que agradecer.
J14	Olha, foi muito proveitoso pois aprendi que sempre antes de fazer compras devem ser feitos cálculos e

	nunca se precipitar em compra algo.
J15	Não estava.
J16	Na minha opinião foi muito produtivo, pois aprendemos muito sobre a EF e podemos levar para propriedade para cada vez melhorar mais.
J17	Foi bom porque vou usar na propriedade.
J18	Os encontros foram muito divertidos, mas muito educativos, pois aprendemos a diferença antes de fazer um financiamento do juro simples e do composto, a importância do poupar e de anotar as despesas e as entradas, sempre ensinando com dinâmicas diferentes, que fizeram a total diferença no ensino, pois conseguimos captar as ideias que foram demonstradas.
J19	Foi muito importante pois aprendemos sobre a EF e como poupar.
J20	No meu ponto de vista foi muito bom porque as aulas de EF foram boas.
J21	Foi muito bom, pois aprender mais sobre como controlar as finanças da propriedade, e seria muito bom ter mais encontros para aprender mais.
J22	Não estava
J23	Participar foi poder tirar várias dúvidas, pois, no período anterior tínhamos dificuldade com o assunto financeiro. Contribuiu também para tomarmos decisões com mais facilidade.

ANEXO III –
Parecer Consustanciado

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS

PARECER CONSUBSTANCIADO

Pesquisador Responsável: Nadia Cristina Pecinini Pelison

Demais pesquisadores: Luci Teresinha Bernardi

Registro do CEP: 174/14

Situação: Aprovado

O Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos, da Universidade Comunitária da Região de Chapecó – Unochapecó, analisou o protocolo de pesquisa nº 174/14, referente ao projeto de pesquisa: **“EDUCAÇÃO FINANCEIRA NO ÂMBITO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO UMA PERSPECTIVA DE EMPODERAMENTO PARA JOVENS CAMPESINOS – JOVENS CONSUMIDORES/GESTORES DA CONTEMPORANEIDADE”**.

Assim, mediante a importância social e científica que o projeto apresenta, a sua aplicabilidade e conformidade com os requisitos éticos, somos de parecer favorável à realização do projeto classificando-o como **Aprovado**, pois o mesmo atende aos requisitos fundamentais da Resolução 466/12/CNS e suas complementares do Conselho Nacional de Saúde/MS.

Solicita-se ao pesquisador o envio a este CEP, de relatórios parciais sempre quando houver alguma alteração no projeto, bem como o relatório final gravado em CD-ROM.

Chapecó, 30 de setembro de 2014.


Prof. Vinicius Brandalise

COORDENADOR DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS
UNIVERSIDADE COMUNITÁRIA DA REGIÃO DE CHAPECÓ – UNOCHAPECÓ

End: Av. Sen. Atilio Fontana, 591-E, Bairro Efapi – CEP: 89.809-000 – Caixa Postal: 747 Chapecó – SC.

E-mail: cep@unochapeco.edu.br

ANEXO IV

Termo de consentimento para uso de voz e imagem

**UNIVERSIDADE COMUNITÁRIA DA REGIÃO DE
CHAPECÓ – UNOCHAPECÓ
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA ENVOLVENDO
SERES HUMANOS
CIÊNCIAS HUMANAS
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**TERMO DE CONSENTIMENTO PARA USO DE VOZ E
IMAGEM**

Título da pesquisa: EDUCAÇÃO FINANCEIRA NO ÂMBITO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO: UMA PERSPECTIVA DE EMPODERAMENTO PARA JOVENS CAMPELINOS – JOVENS CONSUMIDORES/GESTORES DA CONTEMPORANEIDADE.

Pesquisador Responsável: NADIA CRISTINA PICININI PELINSON

Eu, _____ permito que o pesquisador relacionado acima obtenha gravação de voz ou imagens de meu/minha filho(a) para fins de pesquisa científica/educacional.

Concordo que o material e as informações obtidas relacionadas sobre o/a estudante _____ possa ser publicados em aulas, congressos, eventos científicos, palestras ou periódicos científicos. Porém, sem identificação, tanto quanto possível, por nome ou qualquer outra forma.

As gravações e imagens ficarão sob a propriedade do grupo de pesquisadores pertinentes ao estudo e sob sua guarda.

Assinatura do Responsável:
